SOMA

003

DEZ 07 . JAN 08 # 03

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

IRONIC TURPITUDE REFORMATTED AS ICONIC DRIVEL

VOLCOMICS

VOLCANTILE!

#1

ABSOLUTELY FREE!

PHILLIPS

ESTE LIVRO FOI PRODUZIDO PARA ACOMPANHAR A COLEÇÃO DE CAMISETAS FEATURED ARTIST SERIES DE: MARK APPLEYARD, OZZIE WRIGHT, JAMIE LYNN, TRAVIS MILLARD, MEL KADEL, MICHAEL SIEBEN, TODD BRATRUD, JIM PHILLIPS, MATT FRENCH, MIKE AHO, KILL PIXIE, HACULLA E KANAME.

VOLCOM.COM

MASSA
TORMENTO

+SOMA . #3

Three is the magic number...

...Já dizia a clássica canção gravada em 1973 por Bob Dorough
e que foi resgatada 16 anos mais tarde em 1989 pelo trio de hip-hop
nova-iorquino De La Soul no clássico álbum “3 Feet High and Rising”.

Se três é o número mágico então essa terceira edição não poderia ser outra
coisa senão o resultado dessa incrível mágica aritmética,
que além de vir cumprindo o papel inicial proposto de somar,
agora também multiplica fazendo com que essa edição especial
cresça e ganhe mais algumas dezenas de páginas atingindo a marca recorde
até o momento de 130 páginas.

E podemos afirmar tranqüilamente: assunto é o que não falta.

Mesmo com só cinco meses de existência e apenas três edições impressas,
a +Soma vem rapidamente se estabelecendo como uma das mais importantes
vozes da cultura independente nacional.

E o que é mais legal e democrático de tudo isso é que a revista é de graça.

Sim, ela é gratuíta e assim continuará sendo enquanto ela existir.
Já fomos questionados por várias pessoas que, incrédulas, perguntam:
Mas vem cá, na boa, qual é o segredo? Como é que vocês fazem essa mágica?

E como todo mágico que se preze que não revela nem sob ameaça de morte
os segredos de seus truques, sempre acabamos desconversando.
Mas a real é que a resposta para essa pergunta aparecerá com o tempo,
com uma cena independente mais estruturada e com cada vez mais produtores
e artistas talentosos aparecendo por todo o país. E nós, olhando pra trás,
com o sentimento de que fizemos a nossa parte, ou pelo menos, o que estava
ao nosso alcance. E, olhando adiante, antecipando o que está por vir.

Sobre o conteúdo dessa edição, decidimos que não comentaríamos absolutamente
nada nesse editorial. Acredite, isso iria estragar a nossa surpresa!

Até a próxima!

+SOMA

+CONTEÚDO

Shuffle 12
Vitché: A Modernidade e o Equilíbrio 14
Low_res nyc neon mobile cam shots 30
Tommy Guerrero 22
Lost in the Supermarket 32
Trimassa 38
O Novo Balanço de São Paulo 54
Alpha 77 46
O Groove das Américas Unidas 64
Versões e Subversões 70
Império Negro 76
A Força do Olhar 80
Fugazi . Comunicação é a Chave 86
Fotografe-Você-Mesmo 88
Albini Fala! 92
Fugazi . BR 97
Ordinária Hit 100
Metal Zoo 108
A Viagem de Hideyuki 112
Internacional de Peso 114
Tudo o que Você Podia Ser. Ou Nada! 116
Eu Quero Essa Mulher Assim Mesmo 118
Reviews 120
Deixa Cair 126
HQ 128

F/NAZCA S&S

BONECOS UM POUQUINHO
DIFERENTES DO SEU ÚLTIMO BONECO.

PLASTIK™

www.plastiksp.com.br

Rua Dr. Melo Alves, 459
São Paulo - Brasil
55 11. 30812056 - 55 11 30811714

O projeto **+Soma** é uma iniciativa da **Kultur**,
estúdio criativo com sede em São Paulo.
Para informações acesse: **www.maissoma.com**

Iniciativa .

Kultur Studio
Rua Sampaio Gois . 70 . Vila Nova Conceição
04511 070 . São Paulo . SP
www.kulturstudio.com

REVISTA SOMA #3
Edição Especial . Dez 2007/Jan 2008

Fundadores . **Kultur**
Alexandre Charro, Fernanda Masini, Rodrigo Brasil e Tiago Moraes

Conselho Editorial .
Alexandre Vianna, Flávio Samelo, Helena Sasseron,
Marcelo Fusco e Rafael Jacinto.

Editor . **Tiago Moraes**

Redação . **Arthur Dantas**

Projeto gráfico . **Fernanda Masini**

Arte . **Fernanda Masini e Tiago Moraes**

Edição de Moda . **Helena Sasseron**

Fotografia . **Cia de Foto**

Conteúdo áudio-visual .
Alexandre Charro e Luciano Valério

Colunistas .
Gustavo Mini, Keke Toledo, Lu Krás, Tiago Nicolas e Breno Tamura

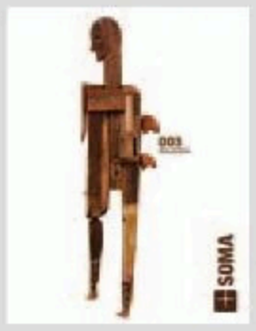
Gostaríamos de agradecer à Tatiana Ivanovici, Estúdio El Rocha, Flavio Samelo, Jana Joana, Marina Buendía, Galeria Vermelho, André Maleronka, KL Jay, Eletrocooperativa, Bar do Bochecha, Cauê Amaral (Ten Model), Fernanda Tobar (Ten Model), Guilherme Okamoto, Luiza Kempp (Ten Model), Matheus Simões, Murilo Romão, Robson Fossbinder (Ten Model), Sérgio "Garb" e William "Dentinho", Flávio Samelo, Helga Simões, Casa Belfiori, Thaís Beltrame, Fábio Zimbres, Felipe Yung, Don Torelli, Billy Argel, Europa Filmes, Dischord Records, Don Zientara, equipe Electrical Audio Studios, Ian Svenonius, Flávio Bá, Azeite de Leos, Bob Burnquist, Cláudio Duarte, Lauro Mesquita, Guilherme Granado, Fred & Submarine Records, Rodolfo & Amplitude Discos, Gui Barrela & Peligro Discos, Conrad Editora, Amauta Brasileira Edições, à todos que enviaram material para resenha e aos pontos de distribuição da revista. Nosso mais sincero muito obrigado!

Agradecimento especial a todos que direta ou indiretamente colaboraram para que essa revista se tornasse realidade. Ao conselho editorial, a todos os colaboradores de texto, foto, arte, e a todos da **Cia de Foto**.

Todos os artigos assinados e fotografias são de responsabilidade única de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

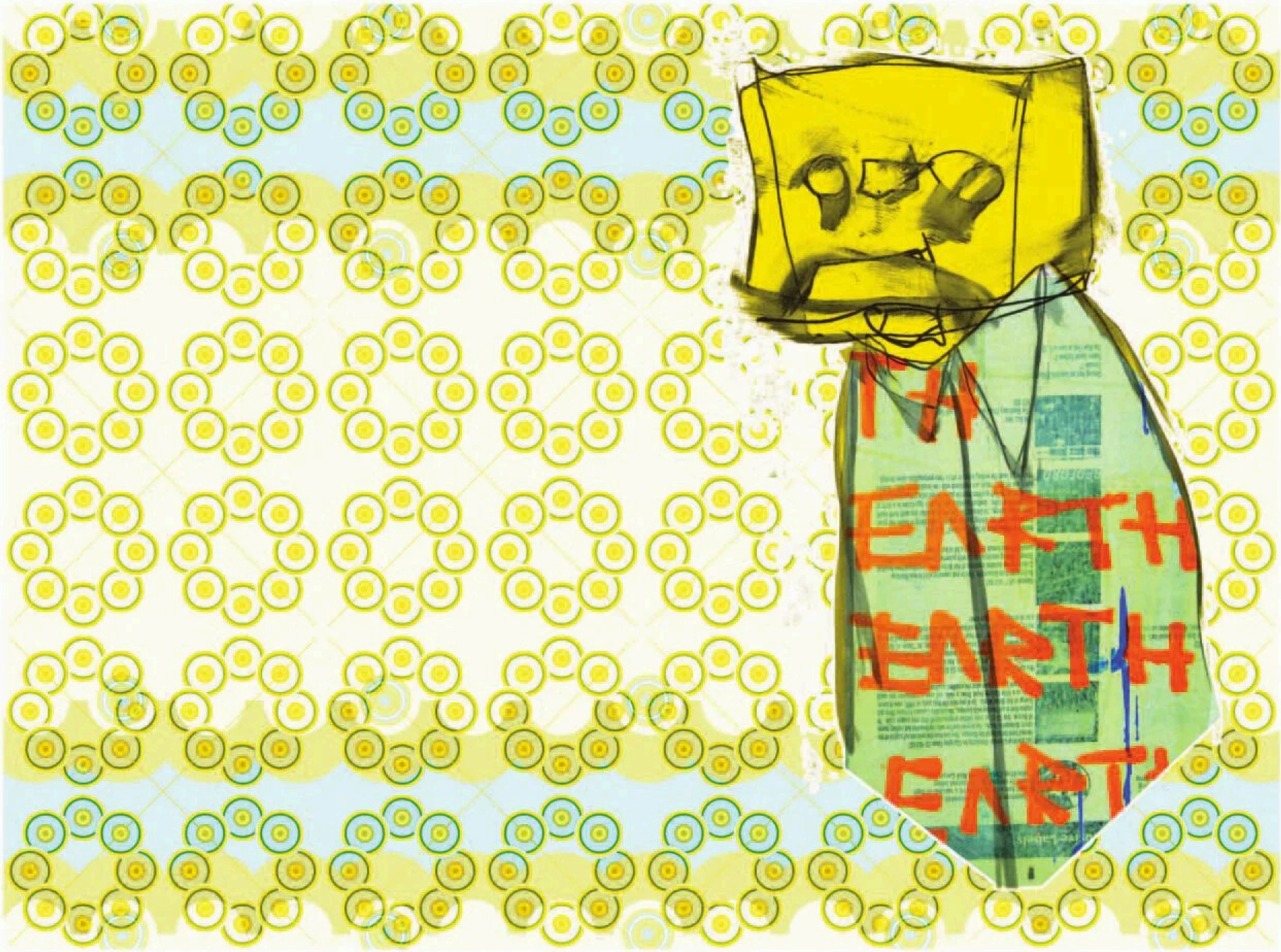
Publicidade . **Cristiana Namur Moraes**
T. 55 11 3849.3302 . cris@kulturstudio.com
Financeiro . **Rodrigo Brasil**

Para anunciar ou enviar material para review, entre em contato através do telefone **11 3849.3302** ou escreva para **info@kulturstudio.com.**



Capa .
Arte Vitché

Periodicidade . **Bimestral**
Distribuição . Gratuita em lojas, restaurantes, bares, cafés, galerias de arte, museus, centros culturais, cinemas, shows e casas noturnas.
Veja os endereços em . **www.maissoma.com**
Impressão . Prol Gráfica
Papel . Nova Mercante
Tiragem . 10.000 exemplares



WALLPAPER POR 'SESPER'

SOMA

+SOMA MOBILE ART SERIES. ENVIE UM SMS COM A PALAVRA **SOMA**
PARA O **Nº49820** E BAIXE WALLPAPERS DE SEU ARTISTA FAVORITO.

ALEXANDRE CRUZ 'SESPER'
ANDRE MONTEIRO 'PATO'
BRUNO HURRU
FELIPE YUNG 'FLIP'
FLAVIO SAMELO
HERBERT BAGLIONE
HULTUR STUDIO
PETIT POIS STUDIO
THAIS BELTRAME
WALTER NOMURA 'TINHO'
E BREVE NOVOS ARTISTAS

POWERED BY OUVI
SEU CELULAR COM A SUA CARA

ESSE SERVIÇO ESTÁ DISPONÍVEL INICIALMENTE APENAS PARA AS OPERADORAS TIM E OI. OS PREÇOS VARIAM DE R$ 2,99 À R$ 3,99. O VALOR DO PRODUTO SERÁ COBRADO SOMENTE NA CONFIRMAÇÃO DA COMPRA, JUNTO COM A CONEXÃO DURANTE O DOWNLOAD DO PRODUTO DE ACORDO COM OS DADOS TRAFEGADOS, CONFORME SEU PLANO DE ACESSO WAP. INFORMAÇÕES: ENVIE UM SMS COM A PALAVRA INFO + SUA PERGUNTA. EX.: INFO MEU CELULAR MOTOROLA V3 PODE BAIXAR WALLPAPERS?

+COLABORADORES

Archie Kent Fink

Tem 35 anos, trabalhou como repórter
no Oriente Médio para uma revista
escocesa. Irlandês radicado atualmente
no Brasil, onde atua como fotógrafo
na indústria pornográfica nacional,
finaliza seu polêmico documentário
sobre a ilegal e altamente secreta
produção pornográfica chinesa.
Acha que o pior do Brasil é a cerveja.

Daigo Oliva

Daigo Oliva, 22, é fotógrafo,
historiador e acredita que para
cada passagem da vida,
Ian Mackaye já escreveu uma
letra de música sobre.

Phil Rosseto

Philip Rossetto é Semioticista
e especialista em Cinema.
Roteirista e diretor de alguns curtas,
faz pesquisa de referência para
várias TVs e produtoras,
além de editar o zine Ringue!,
sobre música. Também faz parte
do estúdio de criação Piloto e
dos canais de TV à cabo Fiz e Ideal.

Breno Tamura

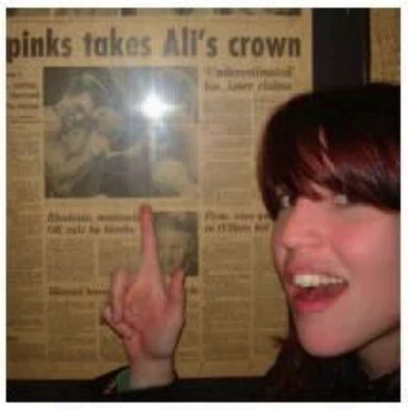
É quadrinhista, ilustrador,
dj nas noites vagas, viciado
em videogame e ainda tem duas
bandas, a Brendon Toshiro e Húngaro.
Quando não está com muita preguiça
faz trabalhos com vídeos, mas na maior
parte do tempo está desenhando
ou jogando videogame.

Helena Sasseron

"A Dream Within A Dream" / Edgar Allan Poe
/ (...)"You are not wrong, who deem /
That my days have been a dream; /
Yet if hope has flown away (...) / (...)
Is it therefore the less gone? / All that
we see or seem / Is but a dream within a
dream. / (...) And I hold within my hand /
Grains of the golden sand (...) / (...)
O God! can I not save / One from the
pitiless wave? / Is all that we see or seem /
But a dream within a dream?"

Renato Silva

Editor do Fanzine Colateral
e estudante de Letras na
Universidade de São Paulo.
Sua vida se resume a arte,
música, literatura e
nada de televisão.



Janaina Felix

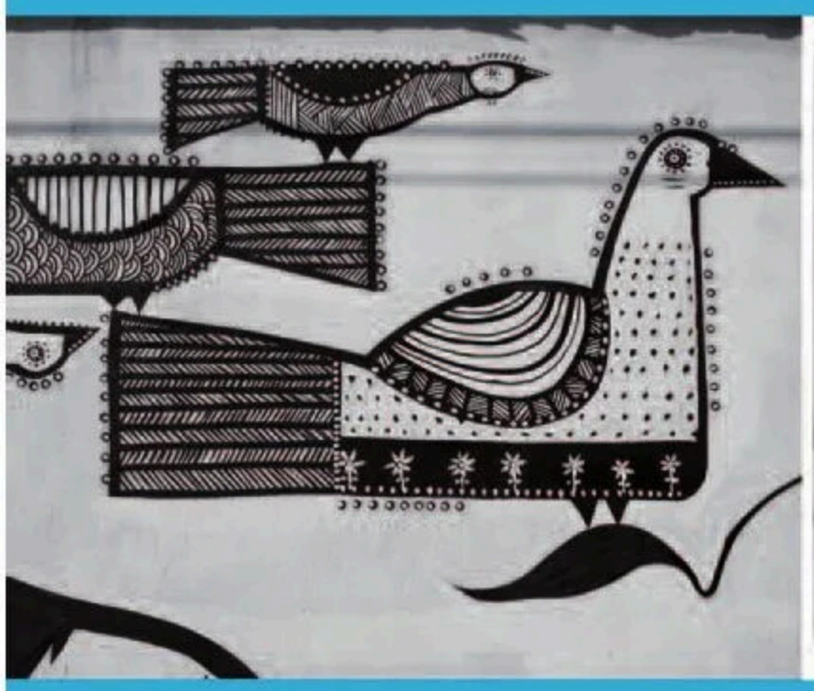
Janaina Felix, quase 30,
flanava por São Paulo com um carro
verde amassado e agora divide seu
tempo entre tirar fotos e tentar
se comunicar com a empregada
mexicana em Chicago.

Mateus Potumati

Mateus Potumati foi retirado das
garras de uma igreja evangélica graças
a uma revista em quadrinho do Marcatti.
Baterista dos Espíritos Zombeteiros,
a maior banda grunge de Londrina.
Ex-editor na Conrad Editora,
vive atualmente em Chicago.

Alexandre Vianna

Alexandre Vianna é skatista,
jornalista, fotógrafo e
criador/editor da CemporcentoSKATE.
É workaholic, não assiste televisão,
e não desiste de continuar trabalhando
pra que o estilo de vida do skate,
e da cultura ligada a ele,
seja legal no Brasil.



Trechos exclusivos da entrevista com **Vitché** . Mais fotos do **Glen E. Friedman** . Vídeos (estúdio e bate-papo) com **Ordinaria Hit**
Agenda . **Reviews** . Notícias sobre **Shows** . Lançamentos . **Exposições** . Top 5 com convidados . Expo Virtual . **E muito mais...**

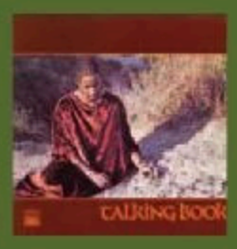
WWW.MAISSOMA.COM
Sua dose diária de cultura independente.

5HUFFLE

POR TIAGO NICOLAS

Daniel Sanches Takara é o primogênito do "seu" Claudio Takara (Rocha) e conhecido como Ganjaman, produtor, engenheiro de som, DJ, empresário, guitarrista, baixista, tecladista, baterista e por aí vai. À frente do selo-banda Instituto e tocando e gravando com vários músicos, Ganja é um nome presente no atual cenário musical brasileiro. Eu e o Rafael (Cia de Foto) fomos fazer uma visitinha aonde ele mostrou seus discos preferidos - gravados e tocados - ou não, por ele. Toma!

Discos que você gravou?
Nação Zumbi,
Nação Zumbi.
Nada como um dia após o outro dia,
Racionais Mc's.



Disco pra ouvir com os amigos:
Talking Book,
Stevie Wonder.

Discos que você mixou?
Nada como um dia após o outro dia,
Racionais Mc's.
Stand by the D.A.N.C.E,
Forgotten Boys.

Disco mais valioso:
Super Ape,
The Upsetters.
Prensagem original da Island Records.

Disco que você gostaria de ter produzido:
Nação Zumbi, "Da lama ao caos".
Porque é um disco clássico, mas com uma sonoridade muito padronizada.

Disco que você tem vergonha de ter:
Acho que não tenho vergonha de nenhum disco, mas talvez devesse ter.
Justin Timberlake, o primeiro.

Um disco com a melhor gravação?
Revolver,
The Beatles.

Último disco que comprou:
Não lembro, mas acho que foi o "New thing! Deep jazz in the USA" coletânea da Soul Jazz.

Um disco que você tocou:
"Nação Zumbi", da **Nação Zumbi** e "Amarelo Manga", trilha sonora do filme feita por **Jorge du Peixe** e **Lúcio Maia.**

Escolha do Nicolas
Perfect From Now Own,
Built to Spill.

Vitché: A Modernidade e o Equilíbrio

Por Arthur Dantas .
Imagens acervo do artista

"Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.

(...). Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, "tudo que é sólido desmancha no ar".

Marshall Berman,
"Tudo que é Sólido Desmancha no Ar"

57

Seria essa uma primeira “derrota”, ver seu trabalho apagado, destruído ou atropelado por interferências externas? “Era difícil no início, mas depois você aceita que é assim mesmo. A vida é assim”.

Ouvindo as gravações da conversa que envolveu Flavio Samelo, Vitché, sua esposa Jana e eu, o ruído branco da cidade é constante, impertinente. O curioso é que a primeira coisa que me chamou a atenção no dia da entrevista – cerca de duas horas de conversa –, foi a aparente tranqüilidade da casa do artista: uma casa espaçosa, várias plantas no quintal e uma pintura de Jana Joana (sua esposa) no muro, localizada em uma rua do bairro do Cambuci, bairro de onde Vitché nunca saiu. De certa forma, isso fez com que entendesse melhor a luta – ou diálogo, como prefere Vitché – que ele exerce com a cidade. “Não é um diálogo confortável. A cidade vira um grito na sua orelha. Você aprende a rebater a cidade com um grafite, uma intervenção. É uma maneira de encontrar um ponto de equilíbrio no meio da doença da cidade.

“O que eu mais gostava de fazer, era transformar o meio onde eu tava. A rua era muito cinza, eu odiava isso. Tenho dificuldade até hoje em relação à isso. Eu gostava da cor. Sinto falta de vida, de verde, de azul, de montanha etc. A cidade caminha para algo vazio, sem sentido. Sinto falta dessa coisa de contato, de energia, indígena mesmo. Desde criança sinto falta disso” define o artista explicando como o grafite surgiu em sua vida. Porém, muito rapidamente, teve que lidar com o fato da transitoriedade, da fragilidade do grafite em confronto com as abruptas e rápidas mudanças do espaço urbano. “O grafite não é eterno. Em pouco tempo some, se deteriora etc. E daí o cinza volta”.

Os elementos do trabalho de Vitché buscam um reencantamento, uma religação com o que seria uma essência natural que o homem deixou se perder. Uma resposta ao frenesi da cidade. Esse frenesi parece ser o alvo dos dragões, dos abundantes olhos, de seus totens – ou seriam *moais*? – de suas obras encantatórias, cheias de sutilezas e símbolos. “Quando pego uma madeira velha e transformo em um boneco, é uma forma de resgatar algo que eu acho sagrado. De certa forma, é criar conexão com o planeta. Porque isso (a madeira) acaba virando lixo - e esse descaso rola com as pessoas em geral, não é algo agregado à velocidade do sistema. As madeiras, assim, vão se tornando histórias”.

“A gente foi para Machu Picchu e aprendi muita coisa com aquele lugar. Inclusive visualmente. Principalmente pelo lado do sagrado e a ligação com a Pacha Mamma. Você tem a consciência que está ligado ao planeta. Não dá pra se desligar disso”. Daí meu entendimento de Vitché como alguém além de um artista, de um mago ou xamã, quem sabe? Segundo o filósofo João Ribeiro Júnior, “... por intermédio da Magia, o homem chega a utilizar em seu proveito os poderes que lhe são estranhos ou hostis; chega a influenciar o meio, de modo que não seja mais apenas um meio, mas se torne um fator de equilíbrio e de proveito para si”. Seja com o grafite, com seus pequenos bonecos de madeira ou com o metal (material com o qual o artista realiza algumas ex-

periências), parece certo afirmar que o artista paulistano busca um espaço de equilíbrio – inclusive, este é o nome de sua recente exposição na galeria de Jonathan Levine nos Estados Unidos –, onde a velocidade e o caos urbano cessem.

Por outro lado, Vitché tem a dimensão exata que tal esforço é ilusório, falso e que muitas vezes você acaba sendo tragado pelos "moinhos satânicos", para usar uma expressão de William Blake, descrevendo objetivamente o surgimento das fábricas na Inglaterra, mas que cabe hoje como uma metáfora de modernidade. "O artista é um grande ludibriador. Ele sabe o que precisa fazer para alcançar uma aprovação etc. O engraçado é quando essa enganação começa a enganá-lo também. É meio louco falar isso. Não só a vida como a arte é uma ilusão. Você acredita no que não existe".

Uma frase apareceu bastante no papo com Vitché: "história". Há um esforço consciente no trabalho dele em criar uma longa narrativa, um diálogo interno com sua história pessoal, com seu trabalho, com a cidade. Nada me parece mais pertinente em um mundo que parece querer apagar o passado, uma sociedade voltada para a emergência do presente e que encontra previsões de um futuro catastrófico – coisa de quem não aprendeu as lições do passado. "Eu vim a saber que quando destruíram a Ilha de Páscoa, destruíram todas as madeiras da ilha e [os habitantes] ficaram ilhados. Daí um clã começou a derrubar o moai [gigantes rostos de pedra] do outro. A gente tá passando por isso hoje". Não seria daí que teria surgido seus pequenos totens de madeira? Sobre o uso da madeira, vale a transcrição da fala de Vitché sobre o assunto:

"Foi uma vez na Europa, na França [que começou a usar madeira]. O que eu pintei aquele dia não ficou legal. Eu estava me sentindo como em uma fábrica, batendo cartão. Daí resolvi dar uma mudada. Eu peguei um toquinho e comecei a esculpir. E quando mexi com a madeira rolou um lance... O negócio tá todo cortado e ainda tem uma conexão com a vida.

Sempre gostei de madeira. Gosto dessa coisa orgânica, da energia de usar madeira. Eu senti falta disso dentro do próprio grafite. Não queria ficar preso dentro de uma técnica. O grafite é só uma linguagem. Só que cada linguagem te joga para uma outra linguagem. Quando você adquire uma certa técnica, uma trajetória, você fica em um mundo seguro. Esse conforto pra mim não é legal, faz você ficar cômodo. Não existem separações para mim, tudo são formas de se expressar. Isso me dá a possibilidade de vir com outras coisas, não ficar fechado, senhor do mundo".

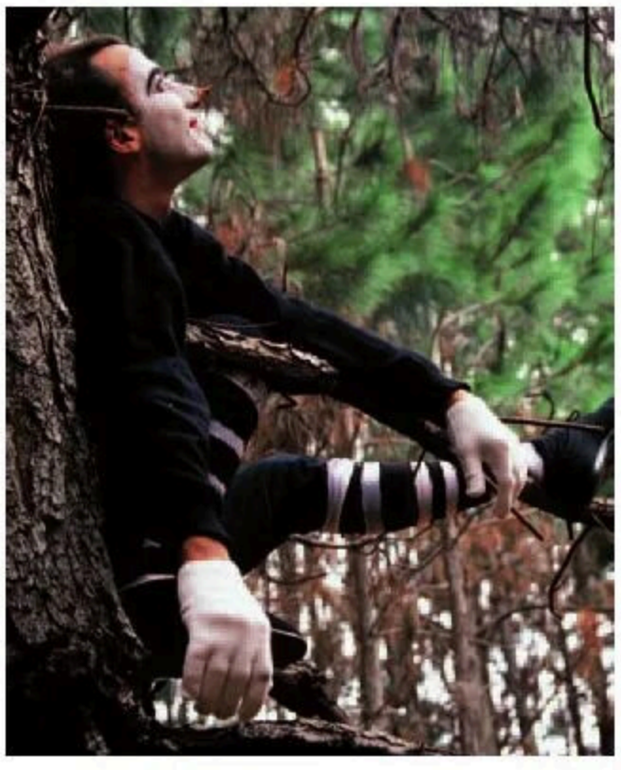
Vitché, 38 anos, nasceu Vicente Rodriguez. A transformação para o nome que o destaca hoje no cenário das artes contemporâneas veio de forma natural e curiosa: "Eu saía na rua desde os seis anos. Daí veio um hippie da rua e começou a me chamar de Vitché, porque ele mesmo era Vitché! Aí na escola começaram a me chamar assim também. Quando alguém me chamava pelo nome eu estranhava. Virou um carimbo, mesmo!". Esse hippie, sempre um ser com um quê de misticismo segundo o imaginário brasileiro, talvez não conheça o filósofo espanhol Miguel de Unamuno, o que não diminui em nada a potência de sua

definição de “nome”: “O nome é em certo sentido a própria coisa; dar nome às coisas é conhecê-las e apropriar-se delas; a nomeação é o ato de posse espiritual”. Vitché é a alcunha desse mago-guerreiro em conflito com o moderno, com a solidez que se desmancha no ar, cuja espiritualidade pagã o coloca em confronto aberto com a urbe. Muito provavelmente a cidade vencerá. Mas até lá, já teremos todo o legado de um grande artista que colocou toda sua sensibilidade à prova. Mais um cavaleiro no imenso Exército de Brancaleone que tanto nos cativa.

Veja mais

www.vitche.com.br

Leia no site www.maissoma.com trechos da entrevista com Vitché.



3 vezes Vitché:

Infância:

“Eu era mais introspectivo. Meu assunto de rua era sempre um lance interplanetário. Sempre gostei de Julio Verne, de mundos imaginários. Por que isso? Porque a rua era muito ‘fechada’, então era um lance de abertura, talvez de fuga”.

Adolescência:

“Nos anos 80 comecei dançando break na escola, depois na rua em cima de umas caixas de papelão e eu desenhava também; não na parede, mas em camiseta... Até meus motivos de desenho não eram ligados ao hip hop, era bem ‘rock’. Meus primeiros desenhos misturavam rock... Eu não tinha livro, não tinha nada. Minha referência eram os discos de rock do meu irmão. Eu fui criando vários mundos para além do hip hop. Sempre tive a cabeça muito aberta, desde criança”.

Futuro:

“Na vida sempre tem um lado desconhecido. O que mais me instiga é se jogar no futuro sem estar amarrado, pra esse salto ficar cada vez mais saboroso. Não é deixar de ter um plano. É como uma fórmula de bolo. quanto menos usá-la, melhor será. Você usa alguns elementos já desenvolvidos, mas o legal é se jogar em coisas novas, pra criar um novo caminho e daí aproveitar das coisas que você já conhece”.

BART BANKS . SÃO FRANSCISCO . 1985 . LUKE OGDEN

Tommy Guerrero

FOTO TANAKA TOMONORI

Por Tiago Moraes .
Fotos arquivo pessoal Tommy Guerrero

Tommy Guerrero é uma lenda viva do skate mundial. Como integrante do lendário time de skate The Bones Brigade, foi um dos principais expoentes da cena de skate dos anos 80 ao lado de Tony Hawk, Lance Mountain, Steve Caballero entre outros. Se você andou de skate nos anos 80, certamente já ouviu o nome dele.

Já na adolescência, Tommy se envolveu com a música e montou, ao lado de seu irmão mais velho Tony, a banda punk Free Beer que conquistou certa notoriedade e dividiu o palco com bandas lendárias como Dead Kennedys e Black Flag.

Hoje, aos 40, se divide entre seu trabalho como sócio da Real Skateboards, diretor de arte da Krooked Skateboards, sua família e, é claro, a música.

Como artista solo, já lançou oito discos e se ocupa atualmente na confecção de seu novo álbum. Além disso, faz parte do projeto Jet Black Crayon que já lançou três discos (e com um quarto a caminho), e, recentemente, criou mais um novo projeto chamado Blktop Project que está com um disco em produção. O cara não pára! ▸▸

Onde você nasceu e de onde vem a raiz da sua família?
Sou um americano com raízes filipinas, chilenas, mexicanas, portuguesas, apenas para citar algumas...
Mas tanto minha mãe quanto meu pai e eu nascemos em São Francisco.

Quando e o que o motivou a começar a andar de skate?
Um amigo me deu um skate quando eu tinha nove anos e eu fui fisgado. Eu morava em uma grande ladeira, então acho que foi isso que me motivou também. Gosto de ir rápido!

No início dos anos 80 nos Estados Unidos, o skate estava passando por uma grande crise e a maioria das pistas de skate foram fechadas devido a problemas com custos de seguro. Você sentiu isso na pele? Quando você se deu conta que as ruas de São Francisco eram um playground natural para o skate?
É, na época nós todos ficamos chateados quando as pistas começaram a fechar. Mas sou um cara que cresceu nas ruas, então pra mim não foi um grande problema. Olhando de um outro ângulo percebi que a rua é uma grande pista de skate.

FONTE . DISPOSABLE A HISTORY OF SKATEBOARD ART . GINGKO PRESS

Modelos de decks assinados por Tommy

Você entrou no mundo do skate profissional da melhor maneira possível: detonando todos os melhores profissionais da época ainda na categoria amadora, no primeiro campeonato de street que aconteceu em São Francisco em 1983. Quantos anos você tinha? Como você se sentiu naquele dia? Você sabia antes de se inscrever no campeonato que você poderia ganhar?

Eu tinha 17 anos. Eu nunca imaginei que poderia vencer e quando anunciaram meu nome em primeiro lugar eu pirei.
Mas depois fiquei triste, porque não pude receber a premiação em dinheiro, pois ainda era Amador.
Mas tudo acabou dando certo no final.

Como era ser um adolescente profissional membro da The Bones Brigade, equipe lendária formada por nomes como Tony Hawk, Steve Caballero, Lance Mountain, Rodney Mullen e Mike McGill, viajando o mundo para campeonatos e demonstrações e sendo tratado como um rockstar?

Na verdade, passei pra pro em 1985 e meu primeiro shape assinado pela Powell saiu em 1986. Eu tinha uns vinte anos quando toda essa loucura começou... Com certeza foi uma experiência surreal e, ao mesmo tempo, muito natural. Eu amava poder viajar o mundo conhecendo um monte de gente e lugares bacanas e ainda ser pago pra isso. Mas também era desgastante. Meu corpo ainda não me perdoou pelo abuso dessa época. Nós éramos todos caras tranquilos então ninguém entrou nessa viagem de ego e atitude rockstar.

Eu me lembro da primeira vez que eu assisti o vídeo Future Primitive e fiquei maluco vendo você despencando naquelas ladeiras de São Francisco, subindo as calçadas de ollie, dando todos aqueles slides e boneless... Pra mim foi louco porque nessa época no Brasil a molecada ainda estava andando em pistas, varando rampas, e você mostrou um mundo totalmente novo pra gente. Você faz alguma idéia de quantos skatistas no mundo inteiro você influenciou depois das suas aparições nos videos da Bones Brigade?

Pelo que me falam por aí, uma porrada! (risos) Até hoje pessoas nos mais diferentes lugares vem me dizer que me admiram pelo que eu mais amei fazer na vida: andar de skate.

De onde veio o seu estilo de andar de skate? Você parecia surfar nas ladeiras de São Francisco, mas eu li em alguma entrevista que você nunca surfou na vida.

É verdade. Na real eu não sei nem nadar! (risos) Na verdade acho que isso veio naturalmente ao ver fotos do J-Boy [Jay Adams] e do Alva [Tony] nas revistas... Os caras tinham estilo, se curvavam ao chão, entravam em contato com o ambiente... Eu amo esse estilo!

ARQUIVO PESSOAL

Frontside Air . Itália . 1987

Que tipo de música você ouvia naquela época?
Eu ouvia de tudo: hip-hop, rock, punk...

Você se lembra do tipo de música que rolava na sua casa, que seus pais ouviam quando você era garoto?
Elton John, Ike and Tina Turner, Average White Band, Tower of Power...

Qual foi seu primeiro involvimento com a música? Quantos anos você tinha na época?
Eu acho que eu tinha uns 12 anos.
Minha mãe me comprou uma guitarra tosca e um amplificador. Mas rapidamente troquei por um baixo.

Você tocou baixo em uma banda punk chamada Free Beer ao lado de seu irmão Tony, certo?
Fizeram shows ao lado de bandas como DOA, Dead Kennedys, Black Flag, Bad Religion e The Dickies.
Como era a cena punk de São Francisco na época? Vocês chegaram a tocar em outras cidades?
Sim, nós nos divertimos muito, a cena estava pegando fogo. Todos mandando um dedo do meio pra tudo e todos! Muito DIY!
Infelizmente não chegamos a tocar fora da Bay Area.

Você fundou a Real Skateboards ao lado de Jim Thiebaud em 1990 e, alguns anos depois,
você também fundou a marca de roupas Forties. O que motivou você a começar esses negócios?
Qual era o seu envolvimento quando começaram e qual o seu envolvimento hoje?

Eu e o Jim queríamos fazer algo diferente e estar no controle sobre nosso destino e sobre o destino da empresa...
Sentimos que a abordagem de "rockstar" das marcas, não funcionava mais e nós queríamos nos conectar diretamente com os skatistas. Fomos a primeira marca de skate a fazer demonstrações de skate onde todos podiam andar.
As lojas achavam que éramos uns malucos...
Já a marca de roupas (Forties) veio meio que de uma necessidade mesmo e a coisa acabou rolando. Eu liderei o projeto da Forties desde o início. Meu gosto não é o de um skatista típico... Na época, estava fazendo roupas mais justas enquanto ainda rolava toda aquela febre de roupas largas... Usávamos camisetas de alta qualidade. Mas fazer o quê? C'est la vie.

Quando e por que você decidiu encerrar sua carreira de skatista profissional?
Eu acho que foi em 94/95, senti que era a hora. Não queria terminar minha carreira como alguns que não sabem a hora de parar e ficam se enganando. Além do mais, estava aparecendo uma nova safra incrível de skatistas jovens, então resolvi sair e dar espaço à eles.

Com que frequência você anda de skate?
Tenho andado pouco, mas estou tentando andar mais. É difícil com tanto trabalho, música, arte, família...
Por outro lado, é ótimo: tenho sorte de ter que lidar com problemas desse tipo.

Sei que você anda trabalhando como diretor de arte da Krooked Skateboards, marca que faz parte da DLXSF.
Qual é sua rotina de trabalho?
Chego, confiro meus e-mails, descubro o que precisa ser feito, o que eu preciso tirar da frente. No momento, estou envolvido na criação da nova coleção da Krooked enquanto Mark (Gonzales, lenda do skate e dono da marca) está na Nova Zelândia com seu filho recém-nascido. Então tenho que resolver as coisas, pois sei que ele está muito ocupado lá pra ter que lidar com os problemas aqui.

Você parece ser bem envolvido com o mundo da arte, já que todos os seus discos lançados até hoje tem suas artes criadas por alguns dos melhores artistas locais como Barry McGee, Margareth Killgallen, Stephen Powers, Mark Gonzales, Thomas Campbell e Natas Kaupas. Qual o seu envolvimento com a arte? Os artistas que você escolheu para fazer a arte de seus discos são também amigos?
Acredito que os diversos aspectos de um álbum criam o todo.
Uma boa arte transmite uma mensagem visual de que "isso pode ser bom". Você sabe que quando vê um disco e ele é visualmente interessante, que talvez a música também seja. E, muitas vezes, isso acaba sendo verdade. Sim, conheço todos esses artistas e eles são pessoas incríveis... Quero ser como eles quando crescer (risos).

Falando especificamente da Margareth (Kilgallen), que infelizmente faleceu em 2001 com apenas 33 anos, um ano após o lançamento do seu álbum "A Little Bit of Something" que trouxe artes dela na capa. Acho o trabalho dela incrível, está no topo da minha lista de artistas que admiro e, recentemente, descobri em alguma matéria que ela tocava banjo. Você e Margareth eram amigos? Chegaram a tocar juntos?
Tudo isso é muito triste de se pensar. Nós não éramos muito próximos, mas existia uma admiração mútua entre nós. Acho que ela foi responsável por minha música tomar vida. Infelizmente, nunca tivemos a oportunidade de tocar juntos.

ARQUIVO PESSOAL

Grind em Berkeley
Tommy Guerrero . 1978

Tommy e seu violão nas ruas de São Francisco

Existem tantos outros skatistas por aí que acabaram também se envolvendo com música como Ray Barbee, Duane Peters, Steve Caballero, Bob Burnquist, Mike Vallely, Mario Rubalcaba e Danny Way. Por outro lado, tem um monte de skatistas que acabaram se envolvendo com arte como Mark Gonzales, Ed Templeton, Lance Mountain, Neil Blender, Kris Markovitch e John Lucero só pra citar alguns. Qual é a relação entre skate, música e arte?

São todas formas de se expressar e uma maneira de se libertar, são muito catárticas. Terapias físicas e mentais.

Em seu último disco "From the Soil to the Soul", o músico brasileiro Curumin participou cantando na música "Salve". Como vocês se conheceram e como rolou essa participação?

Nos conhecemos através do nosso selo, a Quannum Projects. Rolou uma empatia instantânea por compartilharmos um gosto musical muito parecido e uma abordagem parecida de criação e produção. Ele é incrivelmente talentoso e também vai participar em uma faixa do meu novo disco. Irado!

Meu primeiro contato com a sua música foi enquanto viajava pela Califórnia em 1998 com um amigo. Tinha um cara que trabalhava na Lou's Records em Encinitas que percebeu que a gente andava de skate e perguntou se eu já tinha ouvido o "Loose Grooves and Bastard Blues", álbum que você tinha acabado de lançar. Compramos o disco sem nem ouvir e dirigimos por um mês por toda a California, de San Diego até São Francisco ouvindo esse disco sem parar. Os grooves que saíam da sua guitarra, as linhas de baixo e loops de bateria hipnotizavam a gente e não conseguíamos parar de ouvir.

É, isso é o que muitos dizem. Acho incrível como tanta gente curtiu esse disco. Só posso dizer que me sinto honrado e abençoado.

Me fale da sua banda Jet Black Crayon? Vocês lançaram o último disco em 2004 e fizeram turnês ao lado de bandas como Isotope 217 e Tortoise. Podemos esperar mais algum lançamento da banda ou você está mais focado agora em sua carreira solo?

ARQUIVO PESSOAL

JBC está para lançar um novo EP que traz cinco músicas acompanhadas de cinco curta metragens. Estamos lançando primeiro no Japão e deverá sair nos Estados Unidos na primavera de 2008. Quisemos fazer alguma coisa diferente de nossos últimos lançamentos. Na verdade, a banda é mais um projeto. Nos encontramos sempre que podemos mas todos são muito ocupados com outras coisas, então, às vezes, fica difícil encontrar tempo.

Você já colaborou com tantos artistas como Lyrics Born, Jack Johnson e Prefuse 73. Você gosta de jam sessions? Costuma encontrar amigos para fazer um som? Quem são seus parceiros na música?

Eu amo tocar com outros músicos. A energia que rola pode ser viciante, você sempre quer mais. Infelizmente, raramente consigo tocar com outros músicos, a maioria está tocando em bandas, trabalhando em seus projetos solo, ou mesmo em um emprego qualquer, morando em outras cidades ou estados.

Dois dos membros da banda que excursionou comigo, vivem na costa leste, um na Filadélfia e um em NY... Mas são ótimos amigos e tocam muito, então não podem ser substituídos. Tenho uma nova banda com o Ray Barbee, Matt Rodriguez e Chuck Treece chamada "Blktop Project". Estamos terminando um novo disco enquanto estamos conversamos... Temos um EP que foi lançado que abrange os últimos cinco anos, grooves lo-fi, mas bem bacanas.

Quais suas maiores influências musicais e o que você anda ouvindo ultimamente?

O movimento punk foi o catalisador. Bill Withers é um dos meus favoritos de todos os tempos. Agora estou ouvindo o novo disco do Caetano Veloso, muito bacana e inesperado pra alguém de sua idade e estatura.

Seus grooves de guitarra são simples e grudentos - no bom sentido - mas também podemos ouvir várias camadas de som e pequenos detalhes que fazem a composição rica. Como funciona o seu processo criativo?

Como uma roda quadrada ou engrenagens sem dentes! Tenho a tendência a ouvir coisas que não estão na música, como texturas. Então tento descobrir como transformar isso em música, ou fico garimpando nos meus vinis. É um processo tedioso mas divertido.

Ouvi falar que você coleciona vinil. Pode listar alguns de seus discos favoritos de sua coleção?

Eu tenho por volta de 2000 discos, a maioria estão estocados e, recentemente, me livrei de um monte antes de estocar.
É difícil listar quais são os meus favoritos, mas vou listar alguns:

- **Can** . Ege Bamyasi;
- Disco flexível do **Joy Division** que ganhei de um amigo;
- **Eric B and Rakin 12" Remix** . As the Rhyme Goes on;
- Discos do **New Order** de 12 e 7 polegadas;

- 7 polegadas do **Ray Charles** . Living in The City com capa do Stevie Wonder. Incrível!;
- 7 polegadas do **Foster Sylvers** . Misdemeanor. Todo mundo que ouve acha que são os Jacksons 5;
- **Money Mark** . Keybord Repair;
- **El Chicano** . Viva Tirado;
- **Grant Green** . Alive;
- **Eno e Byrne** . My Life in the Bush of Ghosts.

Esses são só alguns que me vem à cabeça, são muitos pra listar.

Eu sei que é um saco tentar rotular música, mas se você tivesse que explicar pra alguém que nunca ouviu sua música, o que você diria?

Que é boa! (risos) Na real, sempre digo algo do tipo funkrocksouljazz.

Quando que os brasileiros terão o privilégio de ver você tocando ao vivo? Última palavra para seus fãs no Brasil?

Espero que em breve! Eu realmente gostaria de poder ir pro Brasil e dar um rolê, curtir. Eu também quero aprender a tocar guitarra no estilo bossa nova. Quero agradecer muito todos os que vem apoiando e curtindo o que faço no passado e no presente. Fico honrado de verdade. Valeu mesmo!

Discografia

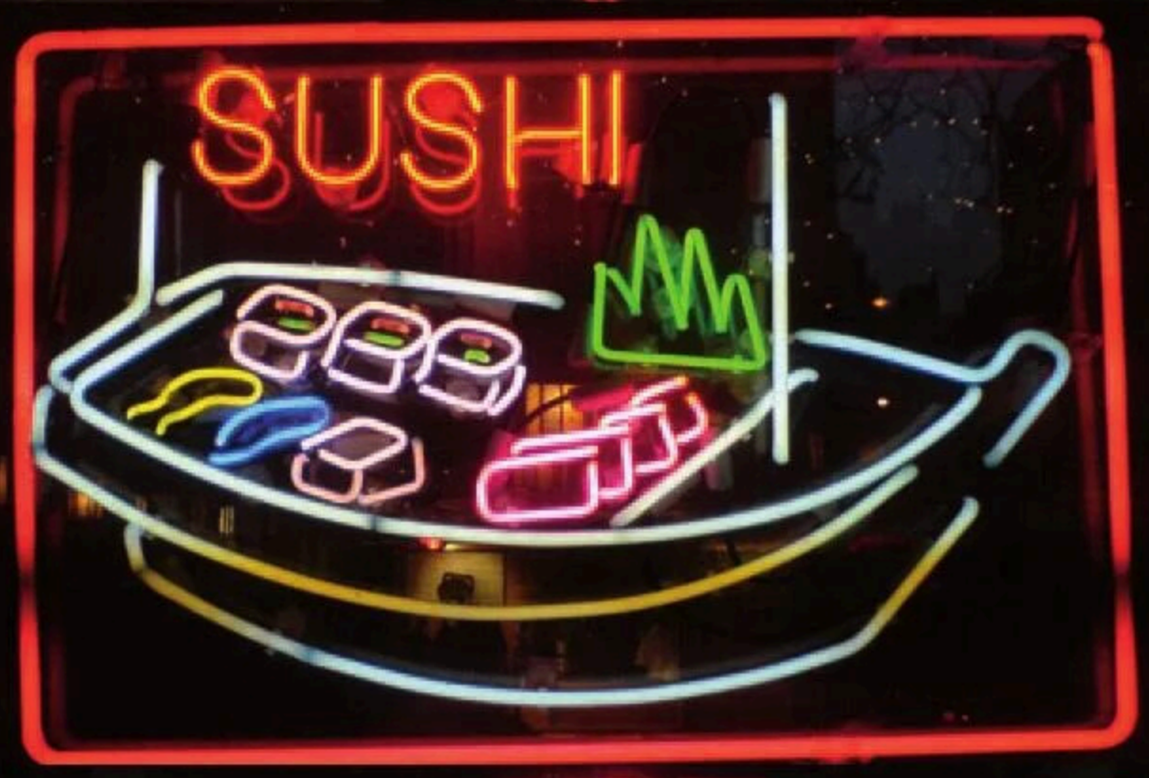
Return of the bastard . EP (Rush/Japan) . 2007
From the soil to the soul . LP (Quannum) . 2006
Year of the monkey . EP (Galaxia Records) . 2005
Soul Food Taqueria . EP (Mo'Wax) . 2003
Getting'It Together . 12´ (Mo'Wax) . 2002
Junk Collector . EP (Mo'Wax) . 2001
A little bit of something . LP (Mo'Wax) . 2000
Loose grooves & bastard blues . LP (Galaxia Records) . 1998
Back in the day . 10´ EP (Galaxia Records) . 1997

Para saiber mais

www.tommyguerrero.com
www.myspace.com/tommyguerrero
www.quannum.com

FRESH
BAGELS

BACHELOR
PARTIES

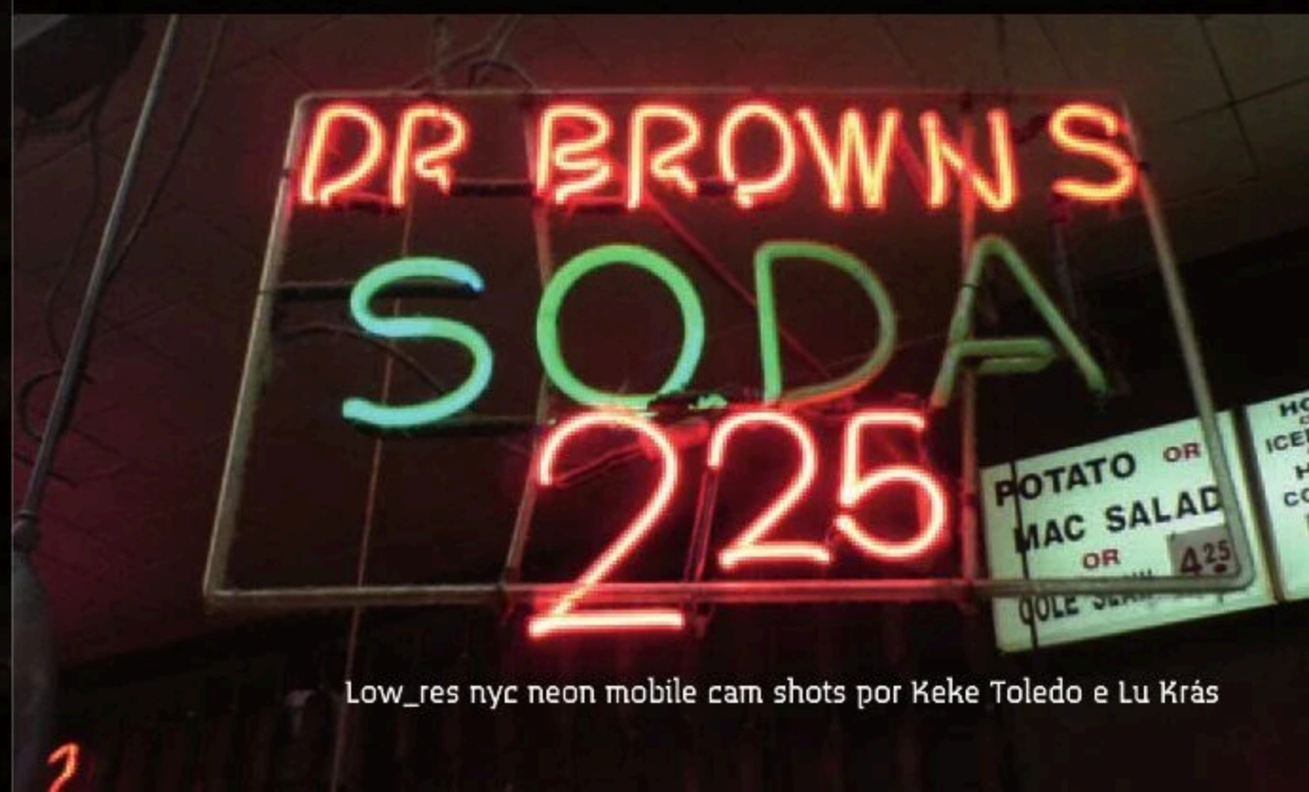

SUSHI

REPAIR
& SHINE
WHILE-U-WAIT

PSYCHIC

DEAL
99¢
OR MORE

ENVIOS
LLAMADAS



Low_res nyc neon mobile cam shots por Keke Toledo e Lu Krás

COPYSHOP
GUARANÁ POWER
COPYSHOP
If value, then copy
NO SWEAT

LOST IN THE SUPERMARKET?

Por Arthur Dantas,
com participação de André Maleronka na entrevista.

O Superflex, coletivo de intervenção artístico-econômica dinamarquês, se especializou na polêmica, colocando seus trabalhos no limiar do que nos habituamos a nomear "obra de arte" e mantendo clara e explícita a relação arte/mercado: boa parte de seus últimos trabalhos é realizado visando a comercialização, questionando a noção de autonomia do objeto de arte – relação problemática para muitos artistas, renitentes em jogar abertamente com a idéia de objeto de arte como mercadoria.

Se com a obra "Guaraná Power", selecionada inicialmente pela curadoria da 27ª Bienal de São Paulo, mas posteriormente vetada pela Fundação Bienal ("por não ser considerada uma atividade artística"), o grupo criou certa polêmica, com a Free Beer (Cerveja Livre), tema da nova exposição-intervenção na Galeria Vermelho – que anteriormente abrigou a exposição vetada pela Bienal –, o grupo promete ampliar a polêmica, questionando novamente a idéia de mercadoria, propriedade intelectual e ironicamente fica subentendida a mensagem que sim, arte é mercadoria sim.

A idéia da Free Beer, a bebida cuja fórmula é aberta à todos, partiu de uma frase do norte-americano Richard Stallman, para explicar a idéia de "liberdade" nos softwares livres: "free as in free speech, not as in free beer". Em bom português: Livre como em liberdade de expressão, não como cerveja grátis/livre. Daí talvez o Detournement (prática artística situacionista, de desviar o significado de algo anteriormente proposto) do Superflex. O que faz a Free Beer livre, é a mesma coisa que faz o software livre livre: Sua receita é aberta e licenciada livremente. Qualquer um pode melhorar a receita original. Porém, qualquer um que distribua uma versão melhorada deve tornar pública as alterações. Você pode até pagar pelas mudanças, mas todos têm acesso à sua receita.

A versão 3.0 que será apresentada no Brasil já causou comoção em sua primeira experiência na Europa: a primeira tiragem de quase três mil garrafas acabou em horas e surpreendeu pela qualidade. Não poderia ser diferente: a supervisão da produção foi de Birthe Skands, ex-chefe de desenvolvimento da cerveja Carlsberg. Ainda que nem todos estejam interessados nos conceitos por detrás desta cerveja, no belo rótulo criado para a cerveja, virá as explicações necessárias sobre a idéia de cerveja livre. Conceito maior por trás dessa nova exposição do grupo, é incentivar a criação de negócios abertos (Open Business) por aqui. Haveria meio melhor de incentivar tal prática do que com cerveja? Acompanhe uma entrevista com Bjørnstjerne Christiansen, um dos membros do coletivo Superflex.

Qual a origem do Superflex, como vocês se conheceram?

Nós começamos como estudantes de artes, na academia de artes de Copenhague. Essa é a nossa formação. Mas também viramos engenheiros de biogás, de energia alternativa, porque aprendemos com os processos dos quais participamos em nossos projetos. A mesma coisa com cerveja e refrigerantes.

Gás natural?

Não, metano. Você coloca merda em um recipiente e com a compostagem você cria gás. Qualquer lugar no mundo onde tiver um pântano, você vê umas bolhas - aquilo é biogás. Ninguém tinha pensado em usar isso na África, para combater a pobreza. Isso foi há dez anos atrás.

A Internet é uma boa plataforma para seus trabalhos? Seu site é muito completo, há vários recursos. Não sei se teria o mesmo peso em um país como Brasil.

Com a internet ficou mais fácil distribuir as idéias. Claro que as pessoas no poder querem que a "máquina" continue igual. É muito difícil fazer algumas coisas no Brasil, mesmo com o Lula. Talvez esteja melhor para os pobres, mas para os ricos não mudou nada. Para a classe média continua a mesma coisa. Nós tivemos um governo de extrema-direita na Dinamarca recentemente, então fizemos vários trabalhos políticos. Nós fizemos essa campanha [mostra imagens de pôsteres de rua]. Eram vinte mil pôsteres por todo o país. Acreditamos em pequenas mudanças, depende de como você as implementa. Se colocássemos essa campanha em um site, ninguém iria vê-la; espalhando-a pela cidade, você confronta as pessoas diretamente. Essa é uma das coisas que você pode fazer como artista.

Vocês são artistas ou trabalhadores? Há uma explicitação de processos mercantis em seus trabalhos, não?

Somos trabalhadores, somos donos da nossa companhia e nos concentramos em empreendimentos. Nós somos produtores, trabalhadores. Na África, nós cavamos merda o tempo todo [para a produção do biogás]. Somos criativos, somos muitas coisas.

Pensei na idéia de um homem total, ou comunista, como idealizou Marx, que poderia ser artista e trabalhador, por exemplo, ao mesmo tempo.

Você fala da diferença entre ser artista e ser trabalhador... Eu não acredito nisso agora. Pra mim, criatividade... Você precisa ter um tempo extra, um espaço extra na sua cabeça, que não esteja ocupado somente com sobrevivência. Porque se você pensar apenas em sobrevivência, não

pensará em novas idéias. Por exemplo, uma idéia econômica, como a de Mohamad Yunus, que ganhou o prêmio Nobel. Ele fez um banco em Bangladesh chamado Grameen Bank (Banco Aldeia), que distribuía crédito para os pobres. Ele viu a miséria do país e teorizou sobre cada pessoa ser um empreendedor em potencial. Mas para isso, você tem que dar dinheiro às pessoas. Ele deu, e isso foi uma revolução.

A Free Beer (Cerveja Livre) e o Guaraná Power questionam a idéia de propriedade intelectual, não?

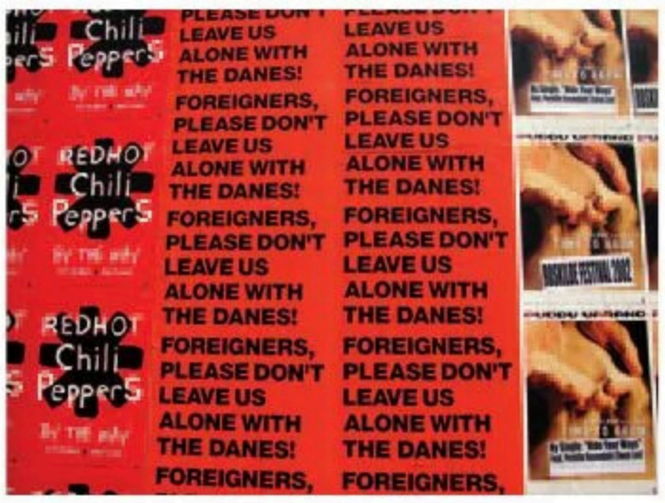
Nós acreditamos que existam direitos. Aceitamos isso até certo ponto. Mas muitas coisas acontecem a partir do momento que você abre o processo [de patentes e registros]. Eu não acredito em patentear idéias. O que é registrado são as marcas. A Coca-Cola, é uma marca que você compra, não aquela coisa estúpida que vem dentro da garrafa.

⏩ A questão do mercado e da propriedade intelectual são duas questões centrais nos trabalhos atuais do grupo. Trabalhos recentes, que incluem o Guaraná Power e a Free Beer, incluem estações de biogás na Tailândia e kits para construção de saunas na praia, e chamaram a atenção dos curadores de Bienais como as de Veneza e Berlim, por exemplo. Derivada dessa demanda prático-conceitual, surgiu a idéia dos Copyshops: supermercados especializados na comercialização de produtos abertos, como o Black Spot Sneakers (espécie de All Star genérico português), o Guaraná Power (vale ressaltar que foi produzido em colaboração com camponeses brasileiros), a Free Beer e a inusitada Meca-Cola, produzida por ativistas tunisianos para apoiar a causa palestina. A intenção, para além do mero lucro advindo da venda desses produtos, é colocar todo o debate realizado na esfera artística no interior do que chamam "de campo de batalha, onde as coisas acontecem de verdade". Um exemplo mais próximo dos brasileiros de negócio aberto, seria o browser Firefox.

O livro "Self-Organization/Counter-economics Strategies" lançado pelo coletivo, trata sobre as diversas formas de criação, disseminação e manutenção de modelos alternativos para a organização social e econômica, e as implicações, conseqüências e possibilidades práticas e teóricas destas estruturas auto-organizadas. Seriam alternativas práticas ao capitalismo vigente, assim como o banco de Mohammad Yunus ou a economia participatória (PARECON) do pensador radical norte-americano Michael Albert, companheiro de Richard Stallman no MIT, e igualmente discípulo de Noam Chomsky, o lingüista americano famoso por sua veemente crítica aos Estados Unidos e ao capitalismo.

Obviamente, as ações do coletivo Superflex remontam tanto aos dadaístas, em função do humor e da idéia da apropriação como método artístico, como aos situacionistas, no sentido de assumir-se como coletivo e por trabalhar com uma agenda sistemática de ações visando um objetivo que, se para os situs era destruir a arte e o capitalismo, para os dinamarqueses seria o de criar "brechas" dentro deste sistema. Não podemos esquecer da comunidade anarco-hippie de Christiania, em Copenhague, fundada faz mais de 30 anos e mantida através de modelos de auto-organização e autogestão que invariavelmente encontra paralelos com as práticas do grupo. Contemporâneo ao Superflex, há ainda o grupo americano Critical Art Enssemble. Composto por 5 ativistas interessados na intersecção entre arte e tecnologia, já amargaram processos e prisões por parte do governo dos Estados Unidos. Um de seus trabalhos mais polêmicos foi uma performance que consistia na liberação de DNA transgênico na atmosfera inofensivos aos seres humanos, mas que causou enorme polêmica na imprensa e com as autoridades de biossegurança dos Estados Unidos. ⏩

⏩ Campanha contra governo de extrema-direita na Dinamarca. ⏩



Há uma tensão permanente entre mercado, arte e política no trabalho do Superflex.

Nós participamos do mundo das artes, do qual nós escolhemos fazer parte, porque tivemos educação clássica [de artes] na faculdade. Todos nós queríamos "entrar" na sociedade e não apenas criticá-la, já que muitos artistas e acadêmicos fazem isso. Nós acreditamos que você tem que ir pra dentro da sociedade, que também inclui o mercado, mas com processos autônomos. Por exemplo, quando nos aproximamos de pequenas cervejarias para que começassem a produzir nossa cerveja, eles não entendiam realmente que fariam parte de um tipo diferente de organização econômica, nós tivemos que persuadi-los. Acho que você tem que fazer mudanças lentas na sociedade. Não queremos apenas criticar; queremos criar modelos e exemplos que podem ser vendidos, como o Guaraná Power. Pode ser também uma cerveja, um sistema energético. Nós desenvolvemos um sistema energético na África, após pensarmos sobre a questão pós-colonial na África. Acho que a parte da crítica também é importante, mas queríamos arriscar. Nós achamos que a arte pode gerar um confronto. Mas poucos artistas acreditam nisso. A maioria dos artistas gosta de refletir sobre a sociedade e depois se distanciam. Eles fazem os trabalhos, jogam-nos no mercado, e saem de cena. Muitas de nossas obras demoram dez, quinze anos pra serem realizadas. Nós também desenvolvemos organizações, uma TV alternativa na Itália em 1999 que durou 7 anos.

Então vocês acreditam em usar arte como plataforma para políticas?

Somos artistas, logo acreditamos no potencial da arte. As galerias nos deram espaço e tempo para mostrar nossas idéias. Nós usamos a arte como uma mídia. Alguns dizem que a arte não pode mudar nada, que é um espaço do luxo. Mas acreditamos que existem outras possibilidades usando certos conceitos artísticos. Não que nós usemos dessa mídia, já que somos automaticamente parte dela também. Gostamos de nos enxergar como ferramentas. Você pega isso [mostra uma garrafa de cerveja] e olha: é uma garrafa bonita. Mas você também pode jogar essa garrafa em alguém ou no mercado. Nós gostamos de ação, acreditamos na possibilidade da arte ser algo que você pode pegar, não somente olhar para ela. Você pode pegá-la e usá-la na sociedade.

Tem um lado lúdico e bem-humorado muito forte no trabalho de vocês. Inclusive vi alguns jogos que vocês criaram no site...

Na exposição traremos vários jogos e produtos. No Brasil, vocês têm os ambulantes, vendedores de rua distribuindo música e filmes. A gente acha isso muito importante porque é uma alternativa muito forte ao sistema econômico. O filme "Tropa de Elite" é um exemplo fantástico. Surgiu uma cópia e os vendedores de rua fizeram outras cópias e venderam. Agora você tem pessoas pobres discutindo um filme brasileiro, o que nunca acontece, porque essas pessoas não têm dinheiro

para irem ao cinema. É o filme mais discutido em muito tempo. Talvez não seja o melhor, mas gerou discussão. A cozinheira da minha namorada também viu esse filme. De repente, o patrão pode conversar com ela sobre outro assunto que não cozinhar. É por isso que acreditamos nessas coisas, em um sistema contra-econômico. Você aceita o sistema, mas também o desafia. Há um movimento de estudantes no Brasil pelo direito de copiar livros, o que acho bem interessante. Afinal, os livros são caros e as pessoas querem copiá-los.

A questão da propriedade intelectual é um problema à criatividade?

O Google agora tem os direitos sobre a marca Google, por exemplo. Então não se pode mais usar essa palavra em anúncios, a menos que paguem. Alguém falar "dá um Google" era a melhor publicidade pro Google, mas agora você não pode mais falar. De repente, nós limitamos a linguagem. Acho que uma das principais lutas da sociedade global é essa. Nós usamos diversas mídias para discutir isso. Os jogos entram como uma forma de fomentar discussão.

Existe um sistema econômico muito forte e existe uma legislação específica do sistema capitalista para proteger os direitos autorais. Originalmente, direitos eram para artistas e poetas. Os monges copiavam os livros antigamente, mas com a invenção das prensas tentaram arranjar um jeito de proteger os autores. É isso que aconteceu. Depois, as companhias começaram a usar o mesmo sistema de direitos para a proteção deles. Agora você tem companhias registrando direitos criativos, marcas. É um desenvolvimento natural, e você tem que lutar contra isso, apresentando alternativas ou versões diferentes. É ai que entram o Creative Commons e o copyleft.

Quem seria o inimigo hoje a ser enfrentado pelos artistas politicos?

Não acho que exista um inimigo visível. Hoje você tem a oportunidade de transferir o conhecimento por caminhos alternativos, muito mais amplos. Quando eu vou pra Amazônia, as pessoas sabem a respeito do Bush. Eu prefiro pensar nas alternativas, mais do que em um inimigo. É como o movimento anti-globalização; ele não é apenas anticorporativo, existem muitas variações dentro desse nome. E a arte é importante pra criar mudanças globais.

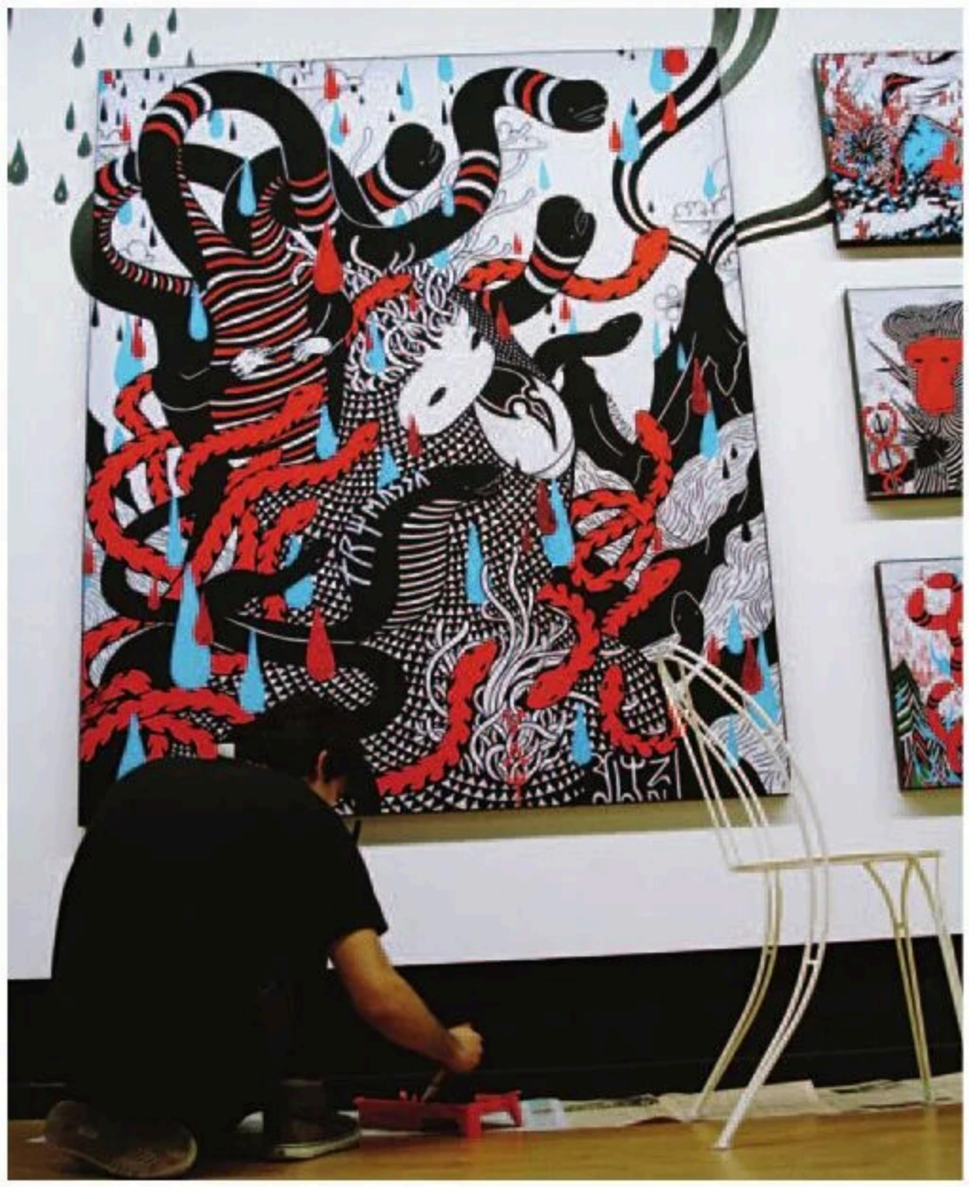
É nossa oitava vez aqui no Brasil. Nós sabemos um pouco do Brasil, não tudo. Mas somos bons em pesquisa e esperamos criar discussões.

Para saber mais
www.superflex.net

Veja
A exposição "Free Beer" de 27 de Novembro à 22 de Dezembro na Galeria Vermelho, em São Paulo.

TRUMAGGA

Por Tiago Moraes



Bruno 9li nasceu Bruno Noveli em Porto Alegre-RS. Atualmente morando em São Paulo, teve sua carreira alavancada em 2007 com sua primeira exposição individual na Galeria Anno Domini intitulada *Mysterium Tremendum* que aconteceu em Abril deste ano na cidade californiana de San José e depois, em Setembro, com sua individual no ROJO Artspace em Barcelona, batizada por ele de "Agora Eterno", marcando também o lançamento de seu primeiro livro com o mesmo nome, editado pela própria ROJO e que, um mês depois, desembarcou no Brasil no recém-inaugurado ROJO Artspace em São Paulo.

O artista busca inspiração em seu cotidiano, aliado a fatores como miscigenação cultural e sua incansável busca pessoal pelo verdadeiro sentido da vida através da espiritualidade, fazendo referência a um imaginário povoado de filosofias herméticas e símbolos culturais populares. Seus trabalho carregam diversos simbolismos e influências que, mesmo vindo de diferentes lugares, completam-se de forma surpreendentemente harmônica.

Em desenhos feitos à mão, utilizando canetas hidrográficas e marcadores com traços de uma precisão ímpar, o artista parece psicografar histórias fantásticas de um mundo surreal, onde seres naturais e sobrenaturais travam encontros épicos, animais míticos brotam da cabeça de seres primatas, homens que se misturam a entidades naturais fantásticas e mutações de homens em bestas.

Em suas exposições, 9li costuma expandir os seus trabalhos para além das molduras, desenhando nas paredes e dando continuidade às obras expostas. Aqui você confere parte dos desenhos da série que deu origem à sua última exposição "Agora Eterno", onde resumidamente fala de sua inspiração: "Tudo ferve nas chamas de agora - caos, mitos, ruas, frenesi, transe, morte e renascimento. O que é natural e sobrenatural".

LOKA

Veja mais

www.bruno9li.com

www.flickr.com/9li

www.fotolog.com/9li

O NOVO BALANÇO DE SÃO PAULO

Por Arthur Dantas . Fotos Cia de Foto

A +Soma não se ocupa de futurologia.
Um pouco de observação e muito de perspicácia e curiosidade nos colocou diante de uma evidência ainda obscura no centro expandido de São Paulo: o rap paulistano, grande responsável pela "cara" cultural da cidade no resto do Brasil, está mudando. E muito. É uma transformação que não se pauta exclusivamente pela dita "revolução das mídias eletrônicas" que força gravadoras e artistas (vide a atitude recente de um Radiohead, por exemplo) a se adequarem aos novos tempos.

A mudança parte por vontade dos próprios protagonistas e se configura, pouco a pouco, como uma revolução musical e de postura frente ao mercado.

Pautando-se por três lançamentos recentes – U Time da Zona Oeste e o álbum *Trutas e Quebradas*, Relatos da Invasão da Zona Norte e *É O Gigante* e Rosana Bronks da Zona Sul e *Jogar Para Ganhar* –, realizamos um pequeno panorama da agitação e mudanças que o rap paulistano vem operando. Além de serem lançamentos das gravadoras Cosa Nostra e Equilíbrio Discos, ambas comandadas por membros dos Racionais MCs, os três grupos apresentam abordagens distintas onde o balanço – seja da soul, do funk ou do samba-rock –, a afirmação altiva e serena da negritude e da condição de periféricos, além do potencial pop de boa parte de suas canções, dão o tom e a dimensão de uma nova onda que está por vir.

Pode-se chamar o que está acontecendo recentemente de "Novo Balanço de São Paulo"*.

No rolê com o Rosana Bronks

Marco encontro com o fotógrafo que me acompanhará nessa jornada na estação Vila Madalena do Metrô, rumo ao Jardim Rosana – lar do Rosana Bronks –, uma dentre várias quebradas da região conhecida como Capão Redondo. Ali, na estação, alguns painéis tratavam da vida e obra de Machado de Assis**. Ainda que a intenção não seja dar verniz intelectual a um, ou caráter popular a outro, foi impossível não ver traços machadianos em muito do que acontece no rap paulistano hoje ao fim das três incursões às periferias de São Paulo. Não seria obra do acaso que o último trabalho do Mzuri Sana, Ópera Oblíqua, tenha se inspirado na obra do maior mestre das letras nacionais. Comecemos pela frase "as coisas valem pelas idéias que nos sugerem".

Rumo ao Jardim Rosana, seguindo as orientações de Zuruka, um dos MCs do Rosana Bronks, fomos nos habituando ao que seria uma constante: quanto mais afastado do centro, maior a concentração de migrantes do Nordeste, negros, pardos, e de gente "de bobeira" nas ruas. Dos camelôs e carros, a trilha sonora era rap paulistano, funk carioca ou música "brega" – aquela infinidade de estilos consumidos pelo povão e desprezados pela elite cultural/econômica. Ao contrário do estéreotipo vigente, me sinto muito mais "seguro" por ali do que na área central. O fotógrafo, que já visitou muito as periferias de São Paulo nos seus tempos de Notícias Populares assina embaixo.

Chegamos no Rosana e vimos várias pinturas nos muros com o nome do grupo e citações de versos de suas letras. A rapaziada, feita exceção ao MC Du Bronks e o DJ Kula, ocupados naquela sexta-feira em outros "corres", nos aguardam em uma esquina. Essa aparente empatia entre bairro e grupo – tão visível em seus causos de rolês, curtições, sofrimento e superação de suas canções – não é fruto do acaso. Maspingon, um dos quatro MC's do grupo nos conta que a origem do nome do grupo veio do time local, chamado, obviamente, Rosana Bronks. Mas não é só isso. Os samplers e batidas do grupo, nos levam diretamente aos anos 1970: funk, soul e samba-rock dão a tônica de seu álbum de estréia. O pessoal mais velho simpatiza com o trabalho deles? "Ô, eles curtem nóis de paixão! Vem uns tios e falam 'Caralho, vocês usaram isso? Eu catei uma mina ouvindo esse som (um sampler de soul ou samba-rock possivelmente)'", conta Maspingon, entre risadas.

A conversa se desenvolve em um bar, onde traço um prato-feito com aquele tempero típico nordestino, mato duas cervejas (eles não me deixam pagar nem um nem outro), e a permanente impressão é de que eles têm muita confiança em seu trabalho durante todo o papo – impressão que os outros grupos reafirmaram. Indagados sobre o por quê do título do disco, *Jogar Para Ganhar*, Zuruka dá o tom de todo esse otimismo: "A pessoa que corre atrás, mesmo que não consiga sempre o que quer, já tá ganhando. Pensar positivo, pensar em Deus, faz da pessoa um grande ganhador. Jogar para ganhar é ter disposição, não é ter dinheiro. É amar a vida". Fé em Deus e positividade realmente são tônicas no primeiro álbum do grupo – uma produção caprichada e turbinada pela produção esmerada de Mano Brown.

É no refrão do hit *Mudanças*, na voz do cantor Silvera (que tem participação na famosa *A Idéia*, do U Time), que encontramos a chave para essa estilização calcada no som dos bailes black de outrora e numa guinada temática significativa: "Deixe estar, mudanças já estão por vir / vai chegar, quem chora hoje vai sorrir". O MC Negreta é enfático: "Tinha que ter uma mudança na música, né mano? Chega de 'Linha Direta', aquela mesmice. O alvo do Rosana Bronks foi resgatar os anos 70". E é Maspingon que explica que nada poderia ser tão brasileiro para um paulistano criado na quebrada sul da cidade: "Não tem como fugir disso porque a gente curtia isso desde a infância. A gente tem por trás o pessoal aqui da área, que fazia baile. O [Mano] Brown colou com a gente também por isso. A gente curte a mesma coisa que ele".

Aqui vem outra frase de Machado de Assis, encerrando por hora o papo com a rapaziada do Rosana: "E enquanto uma chora, outra ri; é a lei do mundo, meu rico senhor; é a perfeição universal. Tudo chorando seria monótono, tudo rindo, cansativo; mas uma boa distribuição de lágrimas e polcas, soluços e sarabandas, acaba por trazer à alma do mundo a variedade necessária, e faz-se o equilíbrio da vida".

A "idéia" do novo gangsta da Zona Oeste

Poucas coisas encontram tanto consenso no meio do rap nacional, um meio que se balança na eterna contradição entre ser mano, "da família" e ser competitivo, "estar no jogo": existe um antes e um depois do RZO. Se grupos como Racionais, Sistema Negro, Facção Central e

Rosana Bronks . Zona Sul

Consciência Humana (para ficar somente em alguns grupos muito citados durante as entrevistas), representa(ram)m porções do que conhecemos como gangsta rap paulistano, o RZO acrescentou uma visão "louca", tresloucada e maloqueira a tudo isso. Uma releitura coletiva do Wu Tang Clan com todos os elementos distintivos que os tornam verdadeiros patrimônios da Zona Oeste paulistana. Função RHK, Império Z.O. , DBS, a hoje popstar Negra Li e mesmo o genial Sabotage, são alguns dos nomes que são tributários dos MCs Helião, Sandrão e do DJ Cia – peças fundamentais nessa nova safra que chega com os dois pés na porta do rap nacional. E U Time faz as vezes de grande aposta da ZO no momento.

É Dom Pixote que conta sucintamente a saga do grupo até o disco: "O grupo começou quando o Black Blue me levou num show do Racionais na quadra da Vai-Vai e ali eu conheci o Brown. Ele saiu com a gente e falou que o rap precisava de um mano como eu. Fiz uma letra, levei pro Helião que me chamou pro RZO, fazendo comparações com o Sabotage. Nessa época, eu conheci o Calado, o Negro Vando e o DJ Cia, que na hora me chamou pra fazer umas músicas. Eu e o Calado já fizemos umas músicas junto, o Negro Vando chegou, gravamos, enviamos para os caras do Racionais que contrataram a gente. No contato com eles conhecemos o DJ Ajamu. Eu conhecia o trabalho dele e queria ele no U Time. O Ajamu tá na Família Racionais faz um tempo".

Pixote não faz questão de ser modesto. Ele é o típico líder nato. Nas fotos, belíssimas por sinal, ao lado do Pico do Jaraguá, à beira de um campinho onde a molecada batia uma bola, coordenava o MC Negro Vando, o DJ Ajamu e um negro forte com um dente de ouro vistoso conhecido como "Mike Tyson" (responsável pela organização de palco, filmagem e transporte) nas poses para os cliques – MC Calado, dono de uma voz particularíssima, teve que ir até o interior para tirar segunda via de identidade no dia. A entrevista aconteceu no *The Wall*, bar onde rola, samba, reggae e uma noite black. O lugar é conhecido pela galera local como Bar do Bochecha. Ali, com seu tom incisivo e sua presença altiva, Pixote fala sobre essa ponte Família Racionais-Família RZO com aquele "sangue no olho" de quem já passou por muito perrengue na vida – fatos inclusive que evita comentar. "Eu sou do RZO, mas quem fez eu ir para o rap foi o Brown. Eu levei primeiro minha letra pro Helião e conheci os caras do U Time. Fizemos músicas com o DJ Cia. Só que o Helião não tem gravadora. Quem tá podendo investir no rap, como eu

falo numa letra 'no subúrbio só malandro investe' é o Racionais. E já rolava uma sintonia de estilo. Eu sou gangsta, eles também", diz Pixote delimitando seu campo de atuação.

Esse lado gangsta do grupo dá a tônica da primeira parte do disco. Como se houvesse um lado A e um lado B. Na canção *Inimigo É De Graça*, produzida pela dupla DJ Cia e Mano Brown e com uma participação fantástica de Ice Blue nos vocais, resume-se bem o entendimento deles sobre a questão: "princípios são valores, valores servem pra comprar tênis Nike e camiseta Che Guevara". Mas a essa constatação, Dom Pixote contrapõe o amor como fórmula pra manter o sujeito na linha e fé em Deus: "Nóis é bandido mas é bandido do rap, vamos levar sua alma pra Jesus Cristo". Porém, "esse lance de gangsta é um lance dele. Eu entrei para acrescentar meu talento, musicalidade, a experiência que tive com outro grupo", diz o DJ Ajamu, que passou pelo grupo Conseqüência além de participar no Central Acústica atualmente. É exatamente esse equilíbrio entre o lado preocupado em retratar a periferia com suas cores mais pesadas e do outro o "balanço", a descontração, que dão ao U Time a chance de conquistar tanto os trutas da periferia mais chegados no peso de batidas e idéias de um Facção Central quanto a rapaziada que freqüenta os bailes black atrás de um funk ou soul poderoso. É um aprimoramento do que já vem realizando o Trilha Sonora do Gueto, pendendo talvez mais para a paz e menos pela guerra.

O romantismo e o pragmatismo de quem sabe que o dinheiro move montanhas em nosso mundo move também os versos amorosos do grupo. Lembrando dois momentos distintos machadianos: "Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis" e "A melhor definição de amor não vale um beijo de moça namorada".

O "abracadabra plim" do Jaçanã Picadilha

Os MCs Thig e Negrinho, juntos com o DJ Pampa, formam o Relatos da Invasão, muito provavelmente o rap nacional mais tocado nos bailes de São Paulo. E aqui há uma história curiosa. É Negrinho que conta sobre o fenômeno ligado ao som *Jaçanã Picadilha*: "O DJ King pegou a música e começou a tocar [nos bailes]. A gente curte ele porque toca o rap nacional nos bailes. Os DJs falam que os donos das casas não querem rap nacional rolando. O King foi lá e peitou. Daí um DJ foi passando pro outro e rolando o nosso som". Tudo isso começou antes do disco sair!

Thig, o único integrante da formação original do grupo, que começou em 1999, tem uma fé inabalável no poder de fogo da geração que está chegando e seu poder de expandir o rap para "outros povos" (entenda-se outras classes sociais) e ir para a "TV, pras rádios, essas mídias aí". Tem vários bailes no centro de SP que a negrada cola (...) e acho legal porque a música chegou nessa galera [quem vive no centro]. Faltava um bom sampler, uma boa batida pra rolar. Se os DJs

procurarem um som bom em cada CD, eles acham. São poucos os DJs que tocam rap nacional".

Para o rolê no Jaçanã, o fotógrafo não pode comparecer. Colei na quebrada acompanhado de dois amigos. Após uma longa jornada de metrô, ônibus, e uma boa caminhada na direção errada, chegamos até o local onde o Relatos dividiria o palco com a orquestra de tambores e rap Eletropercussiva, de Salvador, Bahia. Algumas crianças, a molecada ali curtindo descontraída uma das raras oportunidades de ver shows de qualidade com estrutura decente na quebrada. E é no palco que o Relatos da Invasão faz a diferença. O entrosamento é perfeito entre os MCs, as "tiradas" das letras são rápidas, certeiras e malandras, a levada é contagiante e, ainda que o timbre de ambos seja parecido, ao vivo dá para sacar a diferença da persona de cada um.

O que chama a atenção de imediato no grupo é a cadência com a qual desenvolve as rimas. Algo de diferente é injetado na estrutura mais convencional típica do rap: samba. E não falo de samplers e quetais que tentam exalar brasilidade em um gênero tipicamente estrangeiro: a mistura ali beira a gênese de algo novo, particular. A explicação? "Muita coisa parte do que vivi em família. Eu cresci ouvindo samba partido, né? Bezerra, Almir Guineto... Só que essas músicas não davam essa auto-afirmação [da negritude]. Quando a gente ouviu uns grupos como o Racionais, foi outra coisa. (...)Eu ouço samba-rock, partido-alto, Djavan, Facção Central, 50 Cent, Slum Village, Aniceto, Bebeto, Tim Maia, Branca Di Neve, Racionais, Slim Rimografia. Tá faltando a malandragem dos 'preto véio' das antigas pro rap entrar no mundo musical", sentencia Thig, que na conversa mostra um gingado bacana para encadear as palavras, as frases.

Thig é a empolgação encarnada. Ele gesticula, fala rápido, exala felicidade. É a metáfora encarnada da empolgação dessa geração, que conta com outros grupos além dos citados, como DBS, Função RHK, Ca.Ge.Bê entre outros. "Somos um movimento musical que tem consciência, temos que fazer um império. É um sonho, e a gente vai realizar" diz o MC.

A sensibilidade aumenta em proporções homéricas no rap paulista dos últimos anos – e isso não significa que eles fujam dos famosos temas espinhosos e brutais que acompanham qualquer pessoa que viva na periferia. Se o Função RHK nomeou seu espantoso disco de estréia de *Eu Amo Você* ou o Conexão do Morro levantou a lebre anteriormente com o disco *Por que o Ódio e Não o Amor?*, é Thig quem acaba dando um relato vivo dessa mudança de mentalidade no rap, quando pergunto o por quê do titulo do disco: "*É O Gigante* porque o disco tem muito a ver com autoconfiança, auto-estima, fé. É proposital. Talvez porque a gente é novo, chegou com muita disposição de conquistar as coisas. Ia ser *Nu Mó Instinto*, mas preferimos esse outro titulo".

Óbvio que nem tudo são flores. Pelo contrário: falta essa geração se afirmar como realidade, seja artística quanto financeira. É aqui que entram novos-velhos personagens na história.

1 Por Amor 2 Por Dinheiro

Afinal, essa geração consegue viver do rap? Negreta: "Eu dou um trampo ainda, todo mundo faz um 'corre' por fora. Mas se Deus quiser ainda vai rolar". Maspingon completa com a observação que o próximo passo seria "poder trazer outras pessoas pro rap, que é a essência do Rosana Bronks e do Racionais. Essa é a 'parada' do rap". Ou ainda Negro Vando: "A gente quer se estruturar pra poder trazer mais gente pra junto. O rap tá crescendo, evoluindo". Resumo: não, financeiramente, os grupos estão no olho do furacão de transformações que ainda não se concretizaram por inteiro.

E os shows no Palmeiras, os grandes bailes, os grandes shows? A impressão, para os moradores do centro expandido, é que o rap está "devagar". Negreta explica sobre essa nova dinâmica: "Antes havia as equipes de som, a Chic Show, a Zimbabwe, a Black Mad. Hoje nós temos que fazer as nossas festas, tá ligado? Eu acredito no potencial dos grupos 'meterem as caras', alugarem um som, um salão, irem atrás de patrocínio. Tá chegando o tempo de ter mudanças no rap, de revolucionar a parada. Por isso surgiu o Rosana, como surgiu o DBS, o U Time ou o Relatos da Invasão". E é Zuruka que explica o papel do poder público nisso tudo: "O rap caiu muito por causa das encrencas que tinham nos shows. O que aconteceu em São Paulo? Antigamente, você estourava aqui para depois estourar fora. Hoje não. A prefeitura passou a perseguir quem fazia rap, embargava as festas. Com isso, os investidores de rap da nova geração ficaram com o capital em risco, porque a prefeitura podia embargar teu evento. Por isso que os eventos foram para a periferia e saíram dos grandes espaços, como o Clube do Palmeiras. Daí a impressão que o rap tá fraco mas não tá". É Maluf e outros sacripantas ajudando a cultura na cidade... O interessante nisso tudo é que na deficiência do poder público, surgiu o PCC que pacificou as diversas quebradas de São Paulo, no sentido que são poucas as mortes agora por "tretas pequenas".

"Nem gosto de falar disso, mas o Partido colocou uma paz na quebrada, ninguém pode sair aqui matando os outros a toa. Por incrível que pareça o crime foi mais fundamental que o governo (risos)" diz Thig sobre a chegada do PCC na cidade. A mudança fica clara na visão de Negreta: "Nossa infância era correr de bala. Aqui aonde a gente está, esse bar, era um campinho. E se tinha um cara com treta com gente de outra área, sempre saía bala, nego aparecia do meio do mato, porque aqui tinha muito mato. Era um bangue-bangue. Foi uma infância tumultuada. Hoje já teve uma mudança, você fica mais a vontade, anda de bicicleta, de moto...". Dentre as várias opções de curtição na periferia, o samba e as quermesses predominam. Mas aparecem iniciativas diversas nesse contexto, como as sound system, conforme conta Maspingon: "Tem o pessoal do Jamaica Som que faz festa, só a negrada mesmo, coloca as caixonas de som na rua, fica até altas horas".

As rádios só trabalham com jabá e as comunitárias estão sendo fechadas em massa. O que fazer? Daí surgem histórias curiosas da realidade na Zona Sul, pelo menos. "Hoje em dia, tem os caras que

DIVULGAÇÃO/ FUNDAÇÃO COOPERATIVA

Thig & T. Kaçula e Renato Dias . Roda de Samba Paulista

escutam som alto no carro, vão de uma quebrada pra outra levando o som. Esses dias a gente tava no bar escutando um som, daí tinha um cara que queria 'colar' com a gente, passava, ficava olhando. Daí ele passou de carro ouvindo um Parliament e ficou olhando tipo 'tô com vocês!'. E na volta ele tava escutando Quebrada Emoções [som do Rosana]", conta Maspingon, entre risos gerais. E há soluções um pouco mais "profissionais", como conta Negreta: "um lance que a gente faz, os caras do Negredo também fazem, é colocar umas caixas em cima do carro e sair pelas quebradas, porque é mais barato que mandar pras rádios. Vai do Capão até o Campo Limpo".

Mesmo a Internet, responsável por novas dinâmicas de sociabilidade e, de tabela, financeiras, ainda é pouco explorada, ainda que Negro Vando tente dizer o contrário sobre a situação em relação ao seu grupo: "O UTime usa. Tem My Space, comunidade no Orkut, usa o e-mail para falar com os fãs...", talvez ainda seja pouco perto dos recursos que a grande rede cria diariamente.

É KL Jay, DJ dos Racionais, sócio da Cosa Nostra e dono da Equilíbrio Discos e personagem central no rap brasileiro dos últimos 20 anos, que explica tudo. Pergunto inicialmente se essa geração representa uma ruptura, que marca um novo momento no rap: "Eu vejo como uma continuidade, mas eles são mais atualizados, tão fortalecendo a corrente. Os moleques têm mente aberta, a música tá mais bem produzida, tem uma levada mais 'solta'. Além disso, rola uma sensibilidade maior, mesmo para tratar de coisas pesadas. Antes, os grupos tinham uma preocupação muito grande com a letra, com a ideologia e esqueciam que o rap é música, é arte.". Há pouquíssimos anos um grupo vendia 30 mil cópias, porque o Ca.Ge.Bê, um dos bons grupos dessa leva e artista da Equilíbrio vende pouco mais de 2 mil discos? "O CD morreu. Mais rápido do que esperavam, antes do vinil até, que todo mundo falava que ia acabar. Hoje o 'barato' musical é na internet. O CD é só uma formalidade, pra botar o grupo na rua".

Pois é, a internet. Então por que a Cosa Nostra e a Equilíbrio têm participação nula na rede? Ele admite que "a gente ainda é meio arcaico nisso" e promete a participação maior na Internet para breve. "A gente tá aprendendo a fazer o nosso próprio negócio. Isso rolou com o rap no mundo todo, de criar uma certa independência para o lance. Ainda existe muito preconceito, muita falta de vontade, de profissionalismo, mas as coisas estão mudando. Os caras do Relatos têm carro próprio para ir no show, compram equipamentos, sabem que têm que ir com uma apresentação legal para poderem se impor. Tô na cultura [hip hop] faz 20 anos. Tudo que consegui em termos morais, materiais etc, foi com o hip hop. Então quero fazer minha parte, ser da 'tropa de elite' mesmo (risos). Fazer bem feito e cuidar do que é seu, porque o 'barato' é sério." Quem sou eu para duvidar? E dá-lhe Machado: "Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante.

Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá a graça aos vermes".

O grande lance dessa rapaziada é saber que "a vida ensina / o tempo é rei", como diz uma música do Rosana Bronks e, por isso mesmo, souberam filtrar e aprimorar o vivido nos últimos vinte anos de rap no país. "Antigamente o povo tinha medo de arriscar coisas novas. Mas somos pessoas novas. Não vou falar de crime, por exemplo. porque não sou criminoso. E a gente não pode fazer igual o Facção Central ou o Racionais MCs que são nossos ídolos. Porque aí a gente vai ficar igual os caras né?", diz Thig, pontuando essa busca pelo novo, pela diferença. E não é que Machado de Assis, faz coro ao refrão do Rosana? "A vida, (...) é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecar, mas aceitar as cousas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante". ◂

** Muito do que desenvolvi aqui, assim como o termo "Novo Balanço de São Paulo", vem das reportagens publicadas pelo camarada André Maleronka, observador atento dessa leva de artistas do rap paulistano.*

*** Todas as citações foram extraídas das obras:* Memórias Póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba e Papéis Avulsos.

ALPHA 77

Os primeiros skates começaram a ser fabricados nos anos 60, mas foi na década de 70 que caras como Tony Alva, Jay Adams, Stacy Peralta e outros locais de Dogtown em Venice Beach revolucionaram o skate da época trazendo uma nova atitude, muito mais rebelde e transgressora e que acabou por definir o caminho que o skate seguiria até os dias de hoje.

No Brasil, a história não foi diferente e foi na metade da década de 70 com o surgimento das rodas de uretano que os skatistas locais também começaram a se jogar, despencando ladeiras e mandando suas primeiras manobras como 360's, Wheelies e Handstands. Foi também nessa época que começaram a surgir as primeiras pistas de skate no país.

Inaugurada oficialmente em Fevereiro de 1977, com 380 metros de comprimento no formato Snake, a pista de skate do Alphaville Tennis Club foi a segunda pista de skate a ser construída no Brasil. A primeira, em Nova Iguaçu no Rio de Janeiro, foi inaugurada apenas dois meses antes, em Dezembro de 1976 mas era dez vezes menor do que a pista paulista.

Infelizmente, em 1994 o clássico snake de Alphaville foi reduzido pela metade, para dar espaço à construção de um ginásio. Ainda assim, é um marco de resistência de uma geração de skatistas paulistanos como Kao Tai, Formiga, Bruno Brown e Jun Hashimoto.

Há pouco menos de trinta minutos de São Paulo, não haveria lugar mais adequado para um editorial de moda inspirado na cultura e estética dessa época mágica do que a Pista de Skate do Alphaville Tennis Club.

Murilo veste shorts Brechó Minha Avó Tinha, meias Girl / Maze Skateshop e tênis Vans.

Guilherme veste camiseta Mad Soul, calça acervo, tênis Adidas e óculos Brecho Minha Avó Tinha.
Fernanda veste camiseta Coca-Cola, shorts Nike, sandálias Neon e óculos Brechó Minha Avó Tinha.

FEV 77

FEV 77

M atheus veste camisa pólo acervo, bermuda Brechó Minha Avó Tinha, meias Element, tênis Vans e testeira V-Rom.
Fernanda veste camiseta Coca-Cola, shorts Nike, sandálias Neon e óculos Brechó Minha Avó Tinha.
Dentinho veste regata Element, shorts Brechó Minha Avó Tinha, meias Girl / Maze Skateshop e tênis Nike Vintage.

FEV 77

Guilherme veste camiseta Coca-Cola, shorts Brechó Minha Avó Tinha, meias Girl / Maze Skateshop e tênis Vans.
Garb veste camiseta e shorts V-Rom, meias Do Estilista, tênis Red Nose e testeira acervo.
Robson veste camiseta Nike, tênis Nike SB Blazer, shorts e óculos Brechó Minha Avó Tinha e meias Vibe.

FEV 77

Robson veste camiseta Colcci, shorts Brechó Minha Avó Tinha, meias Element e tênis Rainha para V-Rom.
Guilherme veste camisa pólo Adidas vintage, shorts Brechó Minha Avó Tinha, tênis Nike Vintage e meias Vibe.

FEV 77

Luiza veste camiseta Roxy e shorts Maria Bonita Extra.
Murilo veste camisa Do Estilista, shorts VR, meias Girl / Maze Skateshop e tênis Nike SB Blazer.
Cauê veste camisa pólo Nike, calça Volcom e testeira acervo.
Guilherme veste shorts Brechó Minha Avó Tinha.

LOCALS ONLY

. Fotógrafo .

Alexandre Viana

. Edição de Moda .

Helena Sasseron

. Arte .

Caligrafia e desenhos inspirados
no trabalho de C. R. Stecyk III

. Skatistas Convidados .

Guilherme Okamoto
Matheus Simões
Murilo Romão,
Sérgio "Garb"
William "Dentinho"

. Modelos .

Cauê Amaral
Fernanda Tobar
Luiza Kempp
Robson Fossbinder

. Agradecimento Especial .

Alphaville Tennis Club
Flavio Samelo
Helga Simões
Ten Model

Matheus veste camisa pólo acervo, bermuda Brechó Minha Avó Tinha, meias Element, tênis Vans e testeira V-Rom.
Dentinho veste regata Element, shorts Brechó Minha Avó Tinha, meias Girl / Maze Skateshop e tênis Nike Vintage.

O Groove dos Américas Unidos

Por Rodrigo Brasil e Arthur Dantas
Fotos Cia de Foto

⏩ Era uma vez dois amigos que, separados por diferenças territoriais, econômicas e culturais, vencem as barreiras geopolíticas e unem seus talentos para criar uma música que misture a América do Norte e a América do Sul. Como não há restrição possível aos ouvintes, por tabela, poderia unir o planeta inteiro. One earth under a groove, sacou? Bonito né? Essa é a premissa do projeto NASA (North America, South America), que se iniciou cerca de quatro anos atrás com Sam Spiegel (aka Squeak E. Clean) - irmão do cineasta cool Spike Jonze - e o DJ Zé Gonzales (agora DJ Zegon), sampleando inicialmente álbuns raros brasileiros da década de 1960 e 70.

A premissa estética do projeto é juntar os heróis e músicos favoritos de ambos, mesclando artistas de estilos diferentes com o intuito de "conectar mundos", como escrito em sua página no My Space. Daí surgiram inusitadas parcerias entre o bardo indie Tom Waits e o amalucado rapper Kool Keith, entre Karen O e o cultuado Ol Dirty Bastard, que, poucos dias após gravar sua incrível participação, viria a falecer.

Como vocês se encontraram?

Zé. A gente tinha alguns amigos em comum em Los Angeles, isso em abril de 2003. E Los Angeles é um lugar pequeno e muita gente falava de mim pra ele e que a gente precisava se conhecer. Acabamos nos encontrando em uma festa de encerramento da gravação de um disco do Scenario Rock, e no dia seguinte, já estávamos fazendo música juntos. Eu morava com o Mario (Caldato) nessa época. O engraçado é que hoje faz três anos que o Sam não vinha pra São Paulo e hoje o Mehdi do Scenario Rock tá aqui também.

E como você compararia São Paulo com LA?

Zé. Los Angeles é pequeno e você acaba conhecendo todo mundo, já São Paulo é imenso e pequeno ao mesmo tempo. Na real, acho que o mundo está se tornando pequeno e as pessoas certas acabam se conectando. Os amigos que o Sam tem em Nova York, provavelmente são os mesmos amigos que eu tenho também. O mesmo acontece em Paris, e por aí em diante.

Você acha que essa é uma das principais idéias por trás do NASA?

Sam. É bem por aí. Com a tecnologia e a internet, o mundo está diminuindo e isso é muito legal. Muitos se preocupam que algumas culturas possam acabar perdendo sua autonomia, mas as pessoas estão compartilhando muito mais agora, e eu acho isso ótimo. Todos os tipos de música, arte; acabamos

Apesar deste entrevero inicial, isto não afastou os possíveis colaboradores. Não são poucos e o peso do trabalho de cada um diz muito sobre a música da dupla: David Byrne, M.I.A, KRS-One, Fatlip, o raggaman Sizzla, o mestre do balanço George Clinton, o rapper Method Man... Além disso, documentaram todas as etapas da gravação - como a viagem jamaicana para gravar o polêmico e talentoso Sizzla - e convidaram uma porção de diretores para realizar os clipes de todas as faixas do álbum. Certeza de sucesso comercial? Nem tanto, em uma época de crise das grandes corporações da música e por um "pequeno detalhe" da produção.

"Eu e o Sam gostamos da produção dos anos 90. Então a produção tá carregada de timbres daquela época e talvez isso atrapalhe. Gostamos de equipamentos muito comuns daquele período, saca?" diz o experiente DJ Zegon, que participou de álbuns importantes no Brasil, como os de Marcelo D2 e Racionais MCs. Ao escutar as faixas disponíveis do álbum, isto parece um mero preciosismo de produtor, seres tão sui generis *e fundamentais no mundo musical. Muito provavelmente, será mais um disco de produtor a tomar de assalto o planeta, como os discos de um Timbaland ou Neptunes.* ⏩

tendo acesso a muito mais coisas. E o disco é justamente sobre isso, diferentes pessoas colaborando, mesmo que não exista uma conexão direta entre elas ou seus trabalhos, e sobre como apreciar essas diferenças. A idéia é juntar pessoas completamente diferentes, de mundos diferentes, e fazer algo completamente único e legal. Isso é o NASA, North America / South America. Somos de mundos diferentes e ficamos muito amigos através da música. A nossa idéia foi fazer um disco baseando-se nisso, pessoas diferentes se encontrando através da música e da arte.

Como rolou a gravação do disco, vocês encontraram as pessoas fisicamente ou através da internet?

Zé. Em 90% dos casos, encontramos os convidados pessoalmente, e por isso levou anos para gravarmos o disco. Chegamos a passar três, quatro meses sem gravar nada.

Como vocês escolheram esses convidados?

Sam. Nós tinhamos uma lista mágica (risos), e a gente tava sempre somando e subtraindo nomes. O Ol Dirty Bastard foi um dos primeiros. Ele foi o primeiro artista de peso que chegou e falou, "eu topo". O David Byrne ficou amigo, manteve o contato e deu muitas dicas pra gente.

Quando vocês enxergaram a possibilidade de gravar um disco?

Zé. Nós começamos fazendo beats por diversão, sem saber no que ia dar. A gente fez cinco, seis beats. Depois surgiu a idéia do nome NASA, North America / South America, e o conceito. Começaram a rolar algumas colaborações, o Fatlip tava sempre por perto...

Sam. Depois o ODB apareceu e a idéia de juntar pessoas de mundos diferentes se solidificou. A gente juntou ele, o Fat Lip e a Karen O do Yeah Yeah Yeahs.

O pessoal têm uma idéia de como estarão contribuindo quando vocês pedem os vocais? Vocês mostram uma batida e pedem para eles fazerem os vocais ou eles já possuem uma idéia da faixa por inteiro?

Zé. A gente envia a faixa praticamente pronta e eles escrevem as letras e cantam. Depois a gente faz a pós do material. Já rolou do convidado não sentir a música legal e pedir pra gravar outra. A gente tinha uma lista com 25 músicas, isso bem lá atrás, antes de convidar qualquer pessoa, e fizemos uma dream list com os nomes mais impossíveis, como o George Clinton. A gente tava sempre discutindo "quem você quer?" E a gente está fazendo isso nas duas últimas faixas que ainda estão em aberto. Discutimos muito o processo criativo, mas é uma discussão saudável.

Alguns convidados moram fora dos Estados Unidos. Vocês foram até essas pessoas?

Sam. Normalmente a gente encontrava as pessoas aonde elas estivessem. A gente foi até a Jamaica encontrar o Sizzla e foi insano.

Como foi gravar com o Sizzla? Um rastafari radical, que muitas vezes não gostam de cristãos, brancos. Algo que vai totalmente contra o conceito do NASA.

Sam. A gente foi bem claro em relação ao conceito do disco. Sobre aceitar as pessoas em geral e sobre ter uma atitude positiva. O rastafari têm muitos aspectos positivos, mas a gente encontra radicais em todas religiões. O Sizzla teve seus momentos homofóbicos, mas ele entendeu a idéia do disco, sobre como devemos aceitar e apreciar as diferenças

E financeiramente? Vocês já tinham um contrato assinado?

Zé. A gente levantou grana durante o processo. Foi tipo: levanta grana e gasta...

Sam. Eu tenho a Squeak E. Clean Productions em L.A e a gente trabalha com músicas para publicidade. Parte do dinheiro que ganhamos com comerciais acabou financiando o NASA.

Vocês já assinaram com alguma gravadora? Major ou independente?

Sam. A gente está em negociação, com majors.

Vocês pensaram em lançar esse disco independente?

Sam. Eu acho que a gente podia ter feito isso, e até pensamos na possibilidade. O lance é que nós sabemos tocar e fazer música, não sabemos vender discos. Mas tenho certeza que a gente poderia aprender. Eu prefiro ter alguém pra fazer isso e poder focar na música.

Vocês acham que há diferença entre uma gravadora independente de grande porte, uma Matador ou Subpop, e uma major?

Sam. A diferença existe mas está diminuindo. Hoje em dia, é muito mais fácil se conectar diretamente com o seu público através do Itunes, My Space etc. O abismo enorme que existia entre o artista e seu público diminuiu muito. Muitas páginas do My Space são mantidas pelos próprio artistas. As majors ainda têm muito dinheiro pra gastar. Elas são empresas gigantes que fazem parte de conglomerados multimídia, então podem gastar milhões de dólares. Há muitas maneiras novas de se chegar às pessoas, mas a maneira tradicional ainda é eficaz, como o rádio.

Uma das coisas que já ouvi vocês falarem é que um dos conceitos do NASA é quebrar barreiras, sejam elas culturais, físicas ou financeiras. Como vocês enxergam a questão de downloads ilegais de músicais?

Zé. A gente faz download todo dia (risos).

Sam. Isso tá mudando a indústria musical e provavelmente deve ser uma coisa boa.

Zé. O que vai valer é a gente fisicamente. A gente vai valorizar. Fazer música tá mais fácil, o mais difícil hoje é a pessoa. A cena de DJ tá muito valorizada. O artista tá valorizado, o show, a presença. É fato: o dólar caiu mas os ingressos estão mais caros. O cachê tá mais alto, isso porque tá vendendo menos disco.

Isso tá acontecendo em todo lugar?

Zé. Em todo lugar. As pessoas estão ganhando mais dinheiro fazendo shows.

Sam. Outra coisa que tá rolando muito é licenciamento. Foi assim que pagamos o disco. Agora nós temos muito mais oportunidades: a internet, um monte de filmes independentes que estão saindo, a indústria de videogames que tá a todo vapor. Hoje em dia, músicos têm muito mais oportunidades pra fazer dinheiro.

Vocês já possuem um formato para turnês?

Zé. A gente tá trabalhando nisso, mas ainda não chegamos em um formato exato. O formato de hoje é o mais simples, com quatro pick-ups. A gente mixa quatro músicas ao mesmo tempo, praticamente cada segundo é mixado. A gente tá trabalhando agora na parte de vídeo do set.

Qual seria o fomato mais complexo?

Sam. Envolve muita coisa visual e estamos trabalhando com artistas na animação que estamos fazendo para o filme.

Como vai ser esse DVD?

Sam. A gente filmou toda a gravação do disco, praticamente todas as sessões. O filme é um documentário sobre esse disco louco que estamos gravando faz quatro anos e meio. E também vão rolar vídeos animados para cada música do disco com nossos artistas favoritos. O Shepard Fairey tá fazendo, o Mark Gonzales também. Além disso, vamos ter uma animação em cima do documentário. O Syd Garon que fez o Wave Twisters do Q-Bert tá fazendo essa animação.

Vocês estão muito ligados em tecnologia de samplers e de recortes. Você consegue fazer um paralelo entre isso e um respeito maior em relação a captação de áudio e imagens?

Zé. O Sam é perfeccionista ao máximo. Ele grava tudo quinhentas vezes, eu já faço de uma só vez, então acaba rolando uma coisa equilibrada. A gente usa MPC, que é uma fórmula do começo dos anos 90. Você grava o som primeiro, capta sempre por pré-amp valvulado, esquentando o som antes. Para trackear a música rola outro puta processo.
A maioria dos instrumentos são coisas antigas com uma técnica antiga de gravar. Entao a gente não é muito digital.
A finalização é em pro tools, mas o processo de captação é como antigamente. Tem sons que soam mais antigos, mas sempre com texturas novas.

Sam. A gente fez tudo digital, mas usamos muita coisa antiga dos anos 60 e 70. Pré amps antigos, teclados analógicos setentistas. Tudo isso dá um peso que a simples gravação digital não dá. Dá muita textura e força.

A gente soube que vocês samplearam música brasileira em todas as faixas.

Sam. Toda faixa começa com um sample de música brasileira dos anos 60 ou 70. Não é sempre que o sample fica na música até o fim, às vezes somente inspira a gente pra fazer algo diferente. Mas ele tá sempre presente no começo.
O disco é uma grande mistura, isso é o NASA.
A gente têm muita influência do hip-hop, mas passamos pelo rock, jazz, dancehall e reggae.

Quais brasileiros estão no disco?

Zé. A Lovefoxxx e o Seu Jorge. Mas na minha opinião, essa versão do disco é mais Estados Unidos. A gente ainda vai chegar em outra versão com mais brasileiros.
Não rola nada cantado em português no disco.
Só o Seu Jorge que canta e traduz, ele vai e volta.

Sam. No entanto, todo som começa com um sampler de música brasileira. O disco possui um feeling brasileiro que é fácil de enxergar.

Zé. Mas a gente não pegou samba e bossa nova, os samples são mais obscuros, tipo coisas mais pro lado do funk.
Eu evito ser um exportador de música brasileira

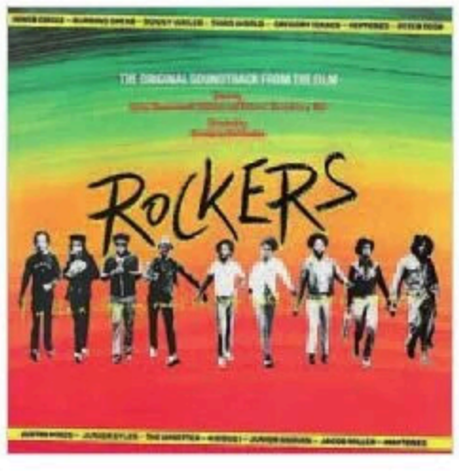
Depois de quase cinco anos nesse processo, quais as expectativas de vocês?

Zé. É tipo um filho que a gente quer ver nascer logo. A gente quer ir logo para a estrada e comecar o próximo disco por outros quatro anos (risos).

Para saber mais
www.myspace.com/northamericasouthamerica

É natural ouvirmos um disco e, ao olharmos para a capa, pensarmos “Pô, disco tão bom com uma capa tão ruim!” ou o inverso “Por que uma capa tão classuda para um disco tão mixuruca?” *Nosso desafio para esta edição foi convocar artistas a reconfigurarem álbuns que já gostassem, melhorando o que já era legal seja pela beleza plástica, pelo choque, pela novidade etc.*

Cinco artistas atenderam nossa convocação e, em um exercício lúdico, recriaram capas de álbuns importantes para suas formações pelos motivos mais distintos. Nessa brincadeira, ainda pedimos um texto para cada um justificando a escolha da capa, o que serve como guia para entender o universo cultural de cada artista. Do metal pesado passando pelo reggae jamaicano até a MPB mais experimental, eis o resultado do desafio. ⏩



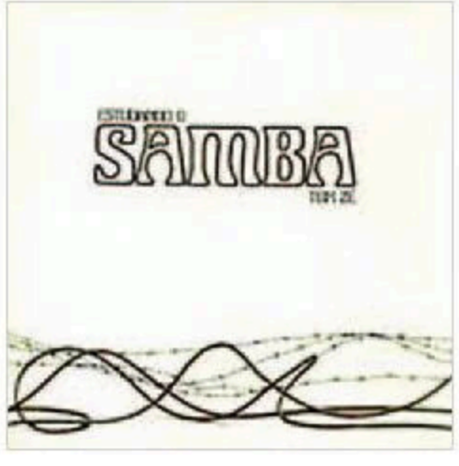
Felipe Yung “Flip”

“`Rockers` pra mim é um dos filmes mais foda sobre a cultura jamaicana que já foram feitos. É uma ficção baseada no estilo de vida dos Dreads, mostrando a vida deles nos guetos jamaicanos, usando os próprios músicos como atores, como por exemplo Horsemouth, Jacob Miller, Gregory Isaacs entre outros, originais rudeboys que também fazem parte do LP.

Muito som bom, tretas de gangue, ganja e reggae roots. `Rockers` é um dos meus filmes favoritos e, consequentemente, o disco é uma das trilhas favoritas. Quando pensei numa capa de disco, essa foi a primeira que me veio na cabeça! Indispensável. It's Dangerous!!”

Billy Argel

"No final dos 70, início dos 80, tive a oportunidade de ouvir esse álbum, primeiramente, em um K7 que chegou até mim através de um amigo vindo do exterior. Chapei já na intro da primeira música e quando escutei Childen of the Grave, *pirei. Até então os sons mais "pesados" que ouvira eram coisas como Deep Purple, Jimi Hendrix e outros 'b sides' daquele tempo.*
Para mim marcou uma época, não pelas letras ou pela mensagem, mas sim pela sonoridade e estilo musical que esse quarteto alcançou. Um som cru, tosco, pesado e hipnótico. É impossível não "banguiar" escutando essa pérola precursora do metal. Para ser feliz nessa época me bastou aprender alguns "power chords" tirados de uma SG velha plugada em um tremendão valvulado, e óbvio, toda coleção do Black Sabbath rolando na vitrola".



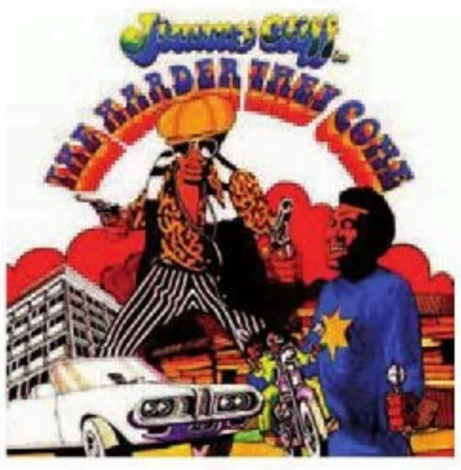
Fábio Zimbres

"A experimentação e a diversão nesse disco me acompanham até hoje quando nem tenho mais esse vinil a mão. Pois esse disco tinha uma capa meio sem graça que de maneira nenhuma, pra mim, traduzia o que havia dentro. Entendo mais ou menos o lance arte povera *daquele arame farpado junto com o tubo preto, era época da ditadura e tal mas a tipografia era feia, isso não dava pra entender. Ele vem depois daquele da bola de gude no olho do cu, quer dizer, cadê a diversão? Depois da capa famosa resolveram cortar as asinhas do TZ: tá, faz seu disquinho de samba mas não tem dinheiro pra capa! Pode ser. Resolvi aceitar a restrição orçamentária e fazer uma capa em preto e branco, sem necessidade de apelar pra metáfora do samba ser preto etc. Depois desenhei uma letra mais bacana e o resto se fez sozinho. Meu disco da juventude, modernista e caipira".*

Thais Beltrame

“Eu tenho um irmão mais velho, o Fabio. Ele andava vestido de preto e trazia muitos discos pra casa. Ele ameaçava me bater caso eu mexesse na sua coleção sem a sua presença, mas deixava eu escutar os discos junto com ele.

Um dia ele trouxe um disco com quatro homens feios e maquiados na capa e colocou debaixo do sofá. Os olhos deles brilharam no escuro e aquele foi um dos momentos mais lindos da minha vida. Era o ´Creatures of the Night´, do Kiss”.



Don Torelly

"Na trilha sonora do filme `The Harder They Come` de 1972, tem o melhor da música produzida na Jamaica entre o final dos 60 e início dos 70. Contando com alguns dos artistas que mais curto, Jimmy Cliff, Desmond Dekker, Maytals, essa trilha popularizou o Reggae nos EUA e no mundo muito antes de Bob Marley.

Na minha versão da capa, resolvi cruzar a arte original com um cara que me influenciou muito, Jack `the King` Kirby. Aí ficou essa parada, meio Novos Deuses meio Shanty Town".

IMPÉRIO NEGRO

Por Philip Rosseto

Forgetfullness. Uma palavra difícil de traduzir. O mais próximo disso seria “esquecimento completo”. Esse lapso de memória parece ter um significado mais profundo para David Lynch, como anuncia a personagem de Grace Zabriskie em seu último longa-metragem INLAND EMPIRE (2006) - um filme realmente maiúsculo que passou na Mostra Internacional de Cinema e chega aos cinemas brasileiros em dezembro.

Assim como Umberto Eco, que defende que um artista deve morrer logo após concluir sua obra, Lynch não fala muito sobre o filme, que já saiu em DVD (duplo e com cinco horas de extras!) nos Estados Unidos. “Comprei assim que saiu”, comemora o cineasta Dácio Pinheiro, autor de diversos curtas-metragens independentes, entre eles o premiado *Memória Morta* (2006). “Acredito que Lynch conseguiu se libertar com esse filme. Fez o que queria sem concessões”. Dácio tem toda razão: INLAND EMPIRE foi inteiramente rodado em sistema digital e distribuído pelo próprio Lynch, o que permitiu que ele abusasse do seu estilo e linguagem peculiares sem nenhuma pressão comercial.

Em Nova York, onde o filme ainda está em cartaz na sala KLS do IFC Center, é possível comprar um café orgânico assinado pelo diretor. “Acho que é pra manter todo mundo acordado”, conta a diretora de arte Melissa Stabile. “Fui na estréia, mas estava meio gripada e confesso que dei umas cochiladas. Concluí que Lynch é mais genial do que eu pensava: ele faz um filme pra você dormir no meio e seu sonho se misturar com o dele, perdendo de vez a noção de tempo”. Da segunda vez, Melissa assistiu acordada - bem acordada. As outras vezes foram apenas uma conseqüência.

O Diretor

David Lynch é artista plástico de formação. Sua primeira obra audiovisual foi uma vídeo-instalação, que foi seguida de diversos curtas metragens até chegar ao primeiro longa, *Eraserhead* (1977). Depois vieram vários sucessos de bilheteria, como *O Homem Elefante* (1980), *Veludo Azul* (1986) e a famosa série televisiva *Twin Peaks* (1990). Mas isso não foi motivo pra que Lynch parasse de se expressar artisticamente de outras formas. Pelo contrário.

CENAS DO FILME INLAND EMPIRE

Novo filme de David Lynch, feito de forma totalmente independente, chega ao Brasil.

Acertando as contas com diversos temas caros ao seu repertório, ainda arruma espaço para deixar uma provocação: o cinema morreu!

Além das pinturas, feitas com diversas técnicas, dos diversos curtas e séries – como a *Rabbits*, aproveitada em INLAND EMPIRE –, Lynch também é cartunista (faz as tiras *The Angriest Dog in the World*), fotógrafo, compositor, percussionista, marceneiro (ele faz os móveis de seus próprios filmes) e outras coisinhas mais. Talvez por isso, a meditação transcendental, tema de seu último livro (é, ele também é escritor), seja tão importante na sua vida. Essa técnica permite aos que praticam não pensar em absolutamente nada por períodos variados de tempo. "Em '*How to Fish Big Ideas: Meditation, Consciousness, and Creativity*, defende que as idéias estão todas no ar. "Quanto mais fundo você se concentra, maior é o peixe que você pega", conta Melissa, que, além da estréia americana, assistiu a uma palestra de Lynch no lançamento de seu último livro.

O diretor também tem seu próprio portal, o davidlynch.com, com muito material inédito e conteúdo exclusivo para assinantes. Sobre a taxa de acesso, ele justifica no site: "é necessário investimento para manter a produção". Justo.

O Império

Mas afinal de contas, do que se trata INLAND EMPIRE? Muitos críticos disseram que dessa vez Lynch enlouqueceu e que isso não é um filme, mas uma experiência. Como começar a descrevê-la? Bem... digamos que é uma versão mais ousada de *Mulholland Drive* (2001). Assim como este foi chamado de *Cidade dos Sonhos*, o novo terá no Brasil o infeliz título *Império dos Sonhos*.

Em *Mullholland Drive*, Lynch se refere muitíssimo ao filme *O Crepúsculo dos Deuses*, de Billy Wilder, cujo título original assassinado é *Sunset Boulevard* (1950), nome de uma das principais ruas de Hollywood. O filme de Wilder fala sobre filmes: uma atriz decadente da era muda do cinema, Norma Desmond (representada por Gloria Swanson) vive abandonada em sua mansão antiga, auxiliada apenas pelo diretor que a tinha como musa e agora é seu mordomo (representado por Erich von Stroheim, diretor que tinha Glória Swanson como musa na era muda do cinema) e seu chimpanzé, que acaba de morrer. Um roteirista (Willian Holden) pára em sua casa por acidente e recebe a encomenda de um roteiro de Salomé, a ser estrelado por Norma, que passa o filme entre suas duas interpretações. O auge da metalinguagem acontece quando Desmond se encontra com Cecil B. DeMille (ele mesmo), que também filmou com Swanson na era muda e não se sabe se a cena é ou não documental. "I don't need

» CENAS DO FILME INLAND EMPIRE

words, i have my eyes" (eu não preciso de palavras, eu tenho meus olhos) é a máxima dessa atriz velha, louca e agourenta que representa um cinema já morto e enterrado.

Para muitos, faltaram tanto palavras quanto olhos em *Cidade dos Sonhos*. Talvez porque ali, ao invés de contar uma história pela via principal, Lynch resolveu pegar a marginal: Mullholand Drive é a estrada que leva aos lugares mais isolados de Hollywood, que circunda a cidade sem penetrá-la, dando a quem passa por lá uma visão ampla e geral de Los Angeles. Esse filme mostra a história de uma atriz que queria ser profissional, outra que não sabia quem era por causa de uma amnésia e um diretor alucinado. Na metade do filme, nada era o que parecia e a história começa a ser contada novamente, com personagens que na realidade eram outros, discutindo assim, a noção de realidade no cinema. Mas qual realidade? "It's all in the tape" (está tudo gravado), diz o cicerone do clube Silêncio em uma da cenas mais importantes.

Sim, a realidade não existe. Isso até Lacan, porta-voz pós-mortis da psicanálise de Freud, já dizia. Segundo ele, o que temos como padrão de realidade é criado apenas pelos nossos parâmetros inconscientes, mas é absolutamente variável a medida de que o indivíduo reflete a realidade através de si mesmo. Assim, em um filme tudo é filme, mesmo que ele fale sobre outro(s). Essa foi a marcha que Lynch engatou pra ir ainda mais longe: INLAND EMPIRE, a locação, só é citada uma vez no filme, em polonês, para dizer que um dos personagens se refugiou lá. Esse termo é o antigo nome para a região que hoje abrange Ontario, San Bernardino, Riverside e um pedacinho de... Los Angeles. Ganhou esse nome no século XIX por dois motivos: "inland" porque ficava a apenas 37 milhas do Oceano Pacífico, mas fazia parte de um continente enorme; "empire" por ser uma das regiões mais férteis e produtivas dos EUA. É uma espécie de região metropolitana de LA. E é lá, simbolicamente, que o filme mergulha.

Forgetfullness (...)

Os primeiros personagens de INLAND EMPIRE não têm rosto – apenas uma névoa negra no lugar da cabeça. Eles falam polonês. É só o início de um desfile de gêneros complexos, abismos, sombras carregadas e principalmente o rosto angulado de Laura Dern, musa de Lynch, que compõem 70% do

FOTO DO FILME INLAND EMPIRE

filme. “Se hoje fosse amanhã, você estaria ali”, aponta a vizinha estranha feita por Grace Zabriskie, a mesma que prenunciou o esquecimento como ferramenta básica para esse filme.

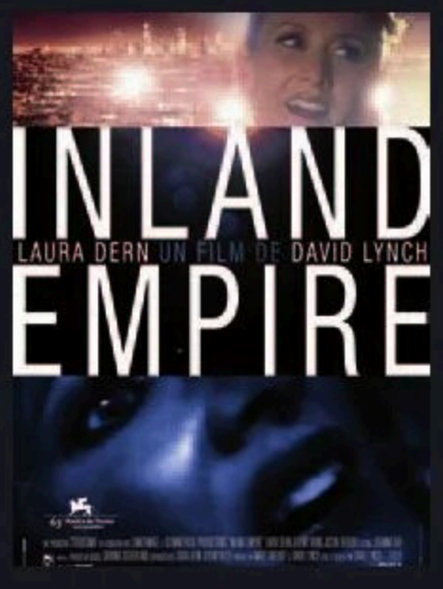
A história não é o fator principal. Nesse filme, é você quem faz a história, baseado em várias sensações e situações propostas. São quase esquetes isolados. “Assistindo aos extras, a impressão que me deu foi de que não havia um roteiro certo”, diz Dácio Pinheiro. “Tem cenas com silêncios muito longos, que prenunciam uma fala e uma situação de improviso”, explica.

Uma tentativa de explicação seria mais ou menos assim: Nikki (Laura Dern), é uma atriz. Mas tem horas que ela é Susan. E tem horas que você não sabe exatamente o que ou quem ela é, muito menos onde está e como chegou ali. Em certo momento do filme, a personagem fala a um homem estranho, de óculos torto: “não estou entendendo mais nada. (...) Já não sei mais o que foi antes e o que foi depois. Não sei nem onde estou agora”. Legal: falta apenas mais uma hora de filme!

Em um dos cenários, uma peça chama atenção: um relógio de parede decorado com juncos esculpidos em madeira, que parecem setas apontando para o tempo. Que horas são? Não se sabe, o relógio não dá leitura. E aí? Não se preocupe: esqueça.

Morte do cinema

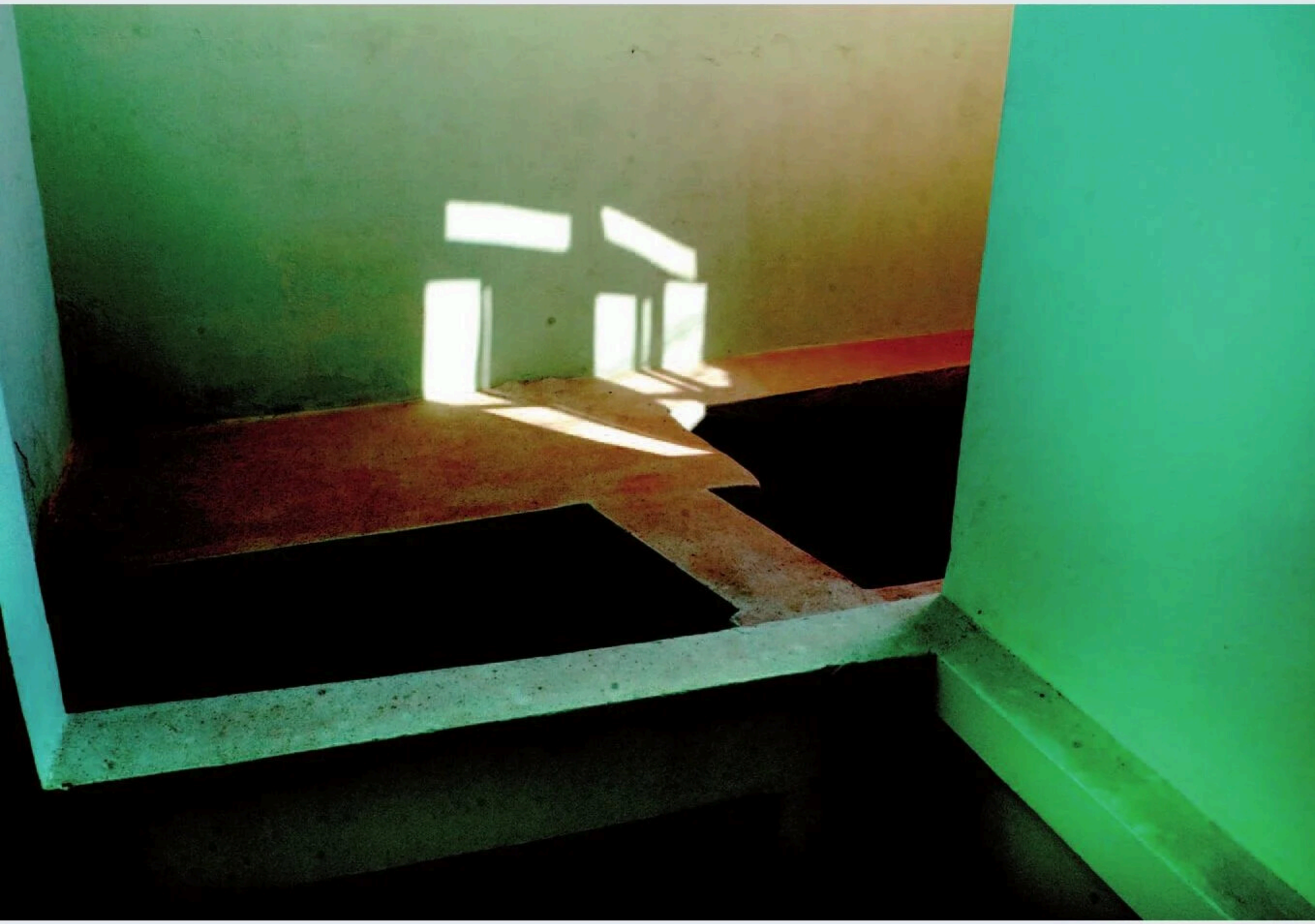
Depois de quase três horas mexendo com sua cabeça, Nikki (ou Susan ou Laura, enfim) já levou uma facada e escolhe uma marquise para seus últimos momentos de vida. Entre uma mendiga e um casal multiétnico que conversam sobre como chegar a pontos distantes de Los Angeles, ela levanta e vomita sangue na calçada da fama antes de dar seu último suspiro. Não se consegue ler qual é a estrela que está ali. Não tem importância: muito pouca gente lembraria quem é, caso conseguisse ler. Sim, assim como foi com o primeiro filme sonoro, INLAND EMPIRE matou o cinema para dar-lhe uma nova vida. Nos anos 1970, Haroldo de Campos escreveu em seu livro *Galáxias* que “escrever sobre o escrever é o futuro do escrever”. Talvez para David Lynch, o futuro de filmar seja filmar sobre filmar.



Para saber mais

www.davidlynch.com

www.inlandempirecinema.com



REDEMUNHO . 2006

A Força do Olhar

O fotógrafo **João Castilho**, mineiro residente de Belo Horizonte, não é necessariamente um desconhecido. Pelo Contrário. Em 2005, abocanhou o Prêmio Porto Seguro Fotografia 2005, na categoria Prêmio Brasil, com a obra coletiva *Paisagem Submersa*, realizada com os fotógrafos Pedro David e Pedro Motta.

Seu trabalho, que já foi caracterizado como neobarroco pela crítica, foi exposto no Brasil e na Europa. Este ano, participou de uma residência artística no Mali e dessa vivência saíram o projeto *Entre Rios* e as séries *Marie Jeanne*, *Chão é Céu*, *Lote Vago* e *Aqui Tudo Parece que é Ainda Construção* e já *É Ruína*.

João Castilho publicou suas fotografias em revistas como National Geographic, Conde Nast Traveller Magazine e ViewMag, e nos jornais Le Figaro e Folha de São Paulo.

Acompanhe um pequeno apanhado da trajetória recente do fotógrafo. ⏩

S/ TÍTULO . 2006

REDEMUNHO . 2006

S/ TÍTULO . 2006

LOTE VAGO . 2007

Veja mais
www.redemunho.zip.net
www.paisagemsubmersa.com.br
www.context3.zip.net

. Fugazi .
Comunicação é a chave !

No editorial do primeiro número da +Soma, deixamos claro que o que nos move é o espírito do faça-você-mesmo, presente em grande parte do que costumamos cobrir, e assim, "amplificar o que existe de mais interessante na cultura contemporânea." É de conhecimento até do mundo mineral a importância e peso do Fugazi tanto para a música independente quanto para a cultura contemporânea como um todo. O quarteto de Washington D.C - que entrou de férias desde 2002 - capturou o espírito de uma época, reconfigurou sua realidade e projetou para o futuro valores e conceitos a serem operados.

Aproveitando os 20 anos do primeiro show da banda e o lançamento no exterior do fantástico livro de fotos do Fugazi de Glen E. Friedman, resolvemos homenagear o grupo e, de tabela, toda a cultura independente da qual somos crias e atores ativos. Convidamos pessoas no Brasil que tiveram sua carreira ou vida afetadas pelo trabalho do grupo, além de realizar uma entrevista exclusiva com o próprio Glen, o fotógrafo definitivo do hardcore e do hip hop americano dos anos 80 - sem esquecer obviamente de seu pioneiro trabalho em relação ao skate moderno ao cobrir toda a geração Z-Boys. Outro personagem que tem sua vida intimamente ligada à música e a cultura independente, e uma curiosa ligação com o Fugazi, é o polêmico e aclamado engenheiro de som/músico Steve Albini. Abaixo da linha do Equador, realizamos uma entrevista com o Ordinaria Hit de São Paulo - muito provavelmente o grupo mais radical ao seguir a estética e ética político-cultural do Fugazi.

Se um dos grandes legados do Fugazi é estabelecer definitivamente a noção que é preciso criar um ambiente que mantenha e fomente toda uma comunidade criativa independente, nada mais justo que, ao falar do grupo, darmos vozes aos que ajudam a manter este espírito vivo hoje. ⏩

FOTOS GLEN E. FRIEDMAN . “KEEP YOUR EYES OPEN”

FOTO LUKE HOVERMAN

São tantas as evidências que é difícil não dizer o óbvio nesta introdução: Glen E. Friedman é o mais importante fotógrafo de sua geração. Ou melhor: é o grande retratista das três grandes revoluções culturais juvenis das últimas quatro décadas. Quem mais acompanhou, viveu e retratou para o mundo do skate tal qual conhecemos hoje, o início da era hip hop e a primeira e mais importante leva do punk norte-americano? Nada mais emblemático que fechar esse ciclo lançando o livro definitivo de fotos do Fugazi, Keep your Eyes Open, *publicado na mesma data em que o grupo fez seu primeiro show, exatos vinte anos atrás.*

Por que somente Glen alcançou um nível de excelência e teve a sensibilidade de conseguir se colocar na hora certa, no lugar certo? Primeiro, porque freqüentou as duas costas dos Estados Unidos em função da separação de seus pais e pode participar ativamente de todos esses movimentos. Segundo porque era jovem, inquieto e rebelde. Daí a se juntar inicialmente aos skatistas Z-Boys foi um passo. Aliás, foi seu livro Dogtown - The Legend of the Z-Boys, *realizado com C.R. Stecyk III que deu origem ao premiado documentário* Dogtown and Z-Boys, *do qual é co-produtor. Eis a fórmula do sucesso? Não exatamente. "Muita gente também esteve naqueles lugares e muitos também fizeram fotos. Mas para mim aquilo tudo importava, me importava muito. Por isso fiz aquelas fotos e por isso saíram tão bem. Porque me importava de verdade e as levava a sério", descreveu Glen à uma publicação espanhola.*

Fotografar Jay Adams, Tony Alva, Run DMC, LL Cool J, Public Enemy, Misfits, Suicidal Tendencies (inclusive produziu seu álbum de estréia, o disco de hardcore mais vendido dos anos 80), Dead Kennedys, Beastie Boys, Bad Brains, Minor Threat, Black Flag e tantos outros é apenas conseqüência. ⏩

FOTOGRAFE-
-VOCÊ-MESMO

Colaborou Alexandre Vianna
Por Arthur Dantas

Nessas 3 décadas de trabalho como fotógrafo, você fotografou grandes nomes do punk/hardcore e do hip hop americano. Teve algum nome do punk/hardcore ou do hip hop que você queria ter fotografado e não pôde? Por que?

Bem, com certeza tiveram alguns artistas que ainda estavam fora do radar da maioria das pessoas que eu gostaria de ter fotografado, mas por uma razão ou outra eu simplesmente não tive a chance. Os que vem em minha mente de cara são Penelope Houston (Avengers), Method Man, Snoop Dog, Dead Prez... Tem mais alguns outros, mas em geral, eu consegui fotografar a maioria das pessoas que eu quis fotografar no momento certo.

O punk foi cooptado pela grande mídia; o hip hop é um elemento estabelecido na música pop e, em sua maioria, pouco preocupado com ideais políticos; o skate virou um grande paradigma de comércio jovem. Você sempre retratou estes universos através da idéia de rebeldia. Como você enxerga essas culturas hoje? O que te inspira atualmente na cultura jovem?

Eu acho que todas essas culturas ainda são muito significativas nos dias de hoje, embora a mídia de massa venha desgastando muito a imagem delas. Mas NÓS sabemos que ainda existem aqueles que são "hardcore" e são esses caras que ainda conseguem inspirar as pessoas atualmente. Pessoalmente, a única coisa que me inspira mais do que tudo na cultura jovem atual, é a forma como os jovens com cérebro e espírito rebelde usam a internet. Essa cultura radical da internet é muito inspiradora pra mim. Comunicação sempre foi a chave e sempre será.

Skatistas [Z-Boys], Black Flag, o início da cultura hip-hop, ninguém esperava sucesso... Você fazia porque amava aquilo, estava no seu coração e você tinha que fazer. Em um mundo terminalmente cooptado e globalizado, em que o menor indício de subversão é apropriado pelo mainstream e reembalado para as massas como o novo *cool*, eu continuo resistindo. Nunca diga que não é possível escapar disso... Ninguém precisa participar disso. E precisamos reconhecer que pessoas fazem essas escolhas conscientemente - ou inconscientemente, se forem grandes idiotas. Não se venda tão cedo. Pode não ser fácil, mas você não precisa de tanto.

Sua fotografia não busca apenas retratar o outro; Glen quer, sobretudo, inspirá-las. A idéia de objetividade e imparcialidade também é algo que não cabe em sua filosofia. Seu trabalho pessoal (é bom dizer que Glen já fez fotos comerciais, como por exemplo, para o Pearl Jam e Lenny Kravitz) é participativo. Não foi por acaso que Ian Mackaye disse que "enquanto muitos fotógrafos fizeram fotos do Fugazi, Glen fazia fotos com a gente". "Se o que quer é refletir como é algo por dentro e capturar de verdade o que é um estilo de vida, tem que vivê-lo primeiro.Caso contrário, não será mais que um safado outsider tentando se aproveitar", sintetiza o fotógrafo de 45 anos.

Vi em uma entrevista você falar que não gostava de nenhum fotógrafo atual. O que falta para a nova geração? No Brasil, há um garoto (vegetariano como você!) que lançou um livro de fotos de punk rock atual e que diz que a grande inspiração para ele é seu trabalho. Qual conselho você daria para os novos fotógrafos que se inspiram em seu trabalho?

Apenas que sigam seus corações e sonhos honestos, compartilhem imagens e momentos com os outros o máximo que puderem. Dar aos outros o que a fotografia dá a você, passando da melhor forma o que aquela inspiração e/ou espírito em torno daquele momento lhe oferece. Mantenham a integridade, e se estiverem nessa por fama, fortuna, ou para fazer parte do mundinho bacana das artes, que se fodam!!

Se você tem um bom olhar e está fazendo algo único, possivelmente grandes coisas vão acontecer. Mas não deixe a possibilidade dessa grande coisa ser a inspiração e te influenciar, porque isso vai aparecer no seu trabalho de uma maneira ruim. Se a fotografia não está no seu coração simplesmente desista agora e procure algo que esteja.

Glen lançou seis livros, todos editados pela sua própria editora Burning Flags Press. *Além disso, publicou várias edições do seu fanzine My Rules a partir de 1982 (que valem pequenas fortunas nos leilões virtuais na net) e participou de, pelo menos, outros dezenove livros. Sem contar suas fotos em discos, que começou com uma capa da banda skatepunk Agression em 1983 e culminou com as capas de* Check Your Head *dos Beastie Boys (Glen os conheceu durante uma exibição do* A Grande Farsa do Rock n Roll, *filme dos Sex Pistols) e do* It Takes a Nation of Millions to Hold us Back, *do Public Enemy.*

Em 2005, lançou o livro Recognize, *um livro de fotografias retratando... nuvens! Obviamente, o trabalho teve grande repercussão no exterior. O que teria passado pela cabeça do fotógrafo? Glen atribui a motivação deste trabalho ao estudo dos pintores renascentistas. Assim como aqueles retomaram o humanismo nas artes, através da honestidade e disciplina, ele pretende revitalizar a função primária e vital da fotografia: a composição do mundo natural, combinada com um sentimento de maravilhamento em relação à magnitude do que está em nossa volta.*

Todas as fotos do livro *Recognize* foram tirados de pequenas janelas de avião? Quanto tempo você gastou neste projeto?

Basicamente, *Recognize* é o documento de uma missão em que estive envolvido nos primeiros cinco anos do início desse século. Estou muito animado em relação à singular beleza do planeta em todas as suas formas, e com mais freqüência do que gostaria, acho nada inspirador o que as pessoas chamam de arte nos dias de hoje. Realmente estou tentando trazer as pessoas de volta ao básico, reconhecendo a beleza por si só. E não é somente sobre isso. Eu senti que tinha a responsabilidade de fazer isso! Com intuito de contribuir para o "realinhamento da estética visual" da geração mais jovem e da cultura como um todo, que pra mim, parece ter regredido nos últimos 15 anos.

É uma tentativa de trazer isso de volta ao início, "começar do zero", como dizem por aí. Eu espero conseguir abrir os olhos das pessoas novamente. Eu acho que é um tipo de continuação das idéias definidas no meu outro livro *The Idealist* (1998, ampliado em 2004), mas concentrado em um assunto e o levando mais à fundo. Você entender as coisas em um nível mais social é artisticamente relevante. Isso realmente significa despertar e acordar alguns cérebros mortos. Isso é mais do que uma proclamação de sua relevância para a arte, a fotografia e minha perspectiva sobre as coisas; eu realmente quis surpreender alguns céticos. Mas realmente isso é algo que espero que inspire as pessoas. Eu realmente amo esse trabalho e estou muito animado com as possibilidades, impacto e relevância que ele pode ter na visão artística e na visão geral das coisas. Mas você nunca sabe quando vai fazer algo do gênero, se isso vai ou não ser assimilado pelas pessoas. Mas tive que fazê-lo. E você pode nem pensar sobre isso tudo!

Acho que as pessoas precisam ver com os próprios olhos e decidir, é um trabalho muito pesado e muito leve ao mesmo tempo.

No prefácio de Recognize, Ian Svenonius (ex-Nation Of Ulysses, ex-Make Up, atual Weird War) diz que o Faça-Você-Mesmo é A arte política por excelência de nossa época. Você tem sua própria editora, lançou um livro sobre a banda independente mais importante dos últimos 20 anos... As políticas do FVM ainda podem criar uma arte relevante no século XXI?

Faça-Você-Mesmo será a única maneira de colocar pra fora idéias importantes neste novo século. Permitir-se ser cooptado a fim de atingir uma audiência mais vasta ou mesmo sucesso financeiro nunca será uma opção para alguém com integridade. Essas "pessoas pensantes" vão passar por cima desse monte de merda que está por aí, elas podem não influenciar milhões de uma vez como as grandes corporações fazem, mas sabe aquela história da tartaruga e do coelho? Mensagens reais vão chegar às pessoas reais e as mensagens falsas serão todas esquecidas em algumas semanas ou minutos. Diga a verdade, não tenha medo de dizer o que acha, tenha uma forte ética no trabalho, conserte o que você puder no mundo e foda com o que precisar ser fodido!

Você falou em entrevista recente que "O que o Fugazi fez para o verdadeiro espírito do punk é imensurável". O que seria esse "verdadeiro espírito"? Ele ainda faz sentido hoje? E qual a contribuição do Fugazi para ele?

É tudo o que eu disse na outra questão! (risos). Mas realmente essa é a verdade, o verdadeiro espírito punk é a verdade, a mais honesta das verdades. Não se deixar levar por esse monte de merda e mentira que nos rodeia, não ter qualquer interesse em nada que possa manter outras pessoas pra baixo. Não ter interesse em fazer qualquer coisa tirando proveito dos outros. Gritando em voz alta com a maior frequência possível essas verdades que uma pessoa honesta vê todos os dias vivendo em uma circunstância social não muito justa para uma espécie que tenha um cérebro do tamanho do nosso. Integridade ao extremo! Um espírito de saber que nós podemos fazer o que quisermos sem eles, e o quanto mais nós fazemos do nosso jeito mais iremos inspirar outras pessoas a mostrar um exemplo para outros aprenderem, mudando comportamentos ao redor do mundo e talvez o destino do planeta inteiro.

E que porra você pensa disso?

Guy Picciotto disse em entrevista que "Se o Fugazi fosse um corpo, eu não o chamaria de cadáver, mas de um corpo em estado de animação em suspenso, criogênico. Talvez uma civilização futura ressuscite o grupo". Glen parece não querer esperar que outra civilização o faça. Todas as potencialidades que enxerga no grupo, parecem ser exatamente o que ele espera de seu próprio trabalho, ética e estética - teoria e prática de mãos dadas. Manter a "chama acesa" da história recente do Fugazi é quase como literalmente manter viva a comunidade da qual se sente parte. Daí o por quê de gastar cinco anos de sua vida neste projeto. É um trabalho para manter viva uma comunidade global íntegra em sua independência e sempre um passo criativo adiante do mundo das grandes corporações - parece ser assim que essas culturas se mantém longe dos tentáculos do sistema. E para isso, vale realmente um trecho de letra do Fugazi que nomeia o livro: Keep Your Eyes Open (mantenha seus olhos abertos).

Para saber mais

www.burningflags.com

Veja outras fotos de Glen no site www.maissoma.com.

Albini Fala!

Por Mateus Potumati . Fotos Janaina Felix

É uma sequência de portas iguais ao lado de prédios também iguais na Belmont Avenue, Zona Norte de Chicago. Do lado de fora, não há nenhum sinal visível do lugar que procuramos, e os números estão escondidos por marquises de uma reforma em andamento. O vento cortante da fria tarde de outono não deixa espaço para indecisão. É descer do carro, procurar o número na parede, tocar a campainha e torcer para abrirem logo a porta. A voz metalizada no interfone demora um pouco mais do que gostaríamos para se decidir. Preso à porta, apenas um E estilizado anuncia, discretamente, que estamos nos limites do Electrical Audio, mítico estúdio e quartel-general de Steve Albini. A maioria das pessoas o conhece como o homem por trás de discos clássicos de Nirvana, Pixies, PJ Harvey, Breeders e outros, mas o posto que ele ocupa na mitologia musical mundial é um tanto mais complexo. De líder da extinta Big Black, ícone proto-industrial, a sumo-sacerdote do analógico, Albini se manteve um provocador de humor implacável, um nerd de dedicação tibetana, um ativista ferrenho do faça-você-mesmo, um figurão que rejeita solenemente se comportar como tal, nos atendendo pessoalmente pelo telefone e marcando a entrevista para "quando quisermos". Um punk, no melhor sentido que o termo pode carregar.

Ele nos recebe com um breve aperto de mão e já nos conduz à sala, onde uma imensa mesa de bilhar divide espaço com um sofá grande, mas apenas suficientemente confortável. Nas paredes, estantes repletas de livros, quadrinhos, zines, DVDs e fitas VHS. Uma TV de tela plana está acoplada a um aparelho TiVo, novo xodó de Albini: "Gravo tudo o que quero ver e assisto depois, pulando os comerciais. Minha vida agora se tornou virtualmente livre de propaganda (risos)." Estamos ali para conversar sobre os 20 anos do primeiro show do Fugazi, e embora ele emende um "não fui a esse show, viu?", é uma das pessoas mais indicadas a falar do assunto. Mas a entrevista logo se amplia para tópicos como download ilegal de música, rumos da indústria musical, produção de bandas independentes, história, geopolítica, tecnicismo e sobre o trabalho do próprio Albini. Uma hora reveladora em sua acidez, originalidade e franqueza - ainda que isso signifique esbarrar em contradições -, encerrada com uma boa notícia aos brasileiros: **Albini deve tocar com o Shellac no país em março.**

Como você avalia o papel do Fugazi na música mundial?

O mais significativo a respeito do Fugazi para mim é que eles demonstraram ser possível reproduzir, em escala muito grande, exatamente tudo que você faria em escala muito pequena. Por exemplo, se você faz um show informal na sua casa, vai querer chamar todos os amigos que puder. Não faz sentido dizer algo como "só pessoas acima de 18 anos podem vir à festa", não é? Você basicamente convida quem quer, e todos podem vir. Você também não vai querer fazer algo muito caro, porque não quer limitar as coisas dizendo "só quem puder pagar 20 dólares por um ingresso é bem-vindo": você quer que todos sejam bem-vindos. E, à medida que a escala dos shows, as vendas de discos e todo o resto foram crescendo, era muito gratificante ver que o Fugazi conseguiu conduzir as coisas exatamente da mesma forma. É quase como um artista que estabelece regras de combate para si próprio, como "só vou pintar com tinta azul", e ver até onde ele chega usando só tinta azul. Quando eles começaram, faziam pequenos shows sem divulgação, tocando casualmente. Não tinham discos, só queriam tocar e ser uma banda. As coisas funcionaram ali. Depois eles começaram a lançar discos, tornaram-se um pouco mais conhecidos, e passaram a tocar em shows maiores. Também funcionou. Então eles se tornaram muito populares, tocando para milhares de pessoas, e deu certo também. Demonstraram que funciona em todos os níveis, você pode controlar sua existência, não precisa fazer parte do grande jogo econômico ou da burocracia administrativa do mercado musical. Não precisa fazer parte de nada, pode fazer tudo você mesmo.

Eu acho realmente fantástico eles terem levado tão longe esse conceito de fazer as coisas em pequena escala, fazer tudo de forma independente, controlar o destino da banda sem envolver outras pessoas. Não tinham manager, não tinham produtor de shows, não tinham advogado, faziam seus próprios contratos. Faziam tudo em um nível básico entre indivíduos. Foi um exemplo para mim, e minha banda se comporta dessa forma por causa dos exemplos do Fugazi.

DIVULGAÇÃO DVD BU

Você acha que tem muita gente seguindo o exemplo deles hoje em dia?

Com certeza. E hoje é muito mais fácil do que quando eles começaram, porque há outras ferramentas disponíveis. Você pode distribuir sua música eletronicamente, pela internet - em muitos casos, nem é preciso produzir CDs ou LPs. Também não precisa de uma pessoa em um escritório em outro país para administrar seus negócios por lá. É muito mais fácil agora, mas bandas como o Fugazi ou o (grupo holandês) The Ex foram grandes exemplos. Eles demonstraram que, se você assume o controle da sua existência, nunca vai precisar reclamar de nada, porque não será forçado a nada. Só fará algo se considerar boa idéia. Quando uma banda se envolve em uma carreira profissional no mercado musical, sempre haverá motivo para reclamação - "Ah, temos que fazer tal coisa, porque somos obrigados" - mas, quando você dirige os rumos da sua banda, nunca terá do que se desculpar, nunca terá que fazer algo que não queira. E talvez não tenha nenhuma outra obrigação real. Se você assinou um contrato que o obriga a entregar um disco até certa data, você tem que fazer isso. Mas se você não tem um relacionamento desse tipo com uma gravadora, se ela te diz "quando você entregar, tá valendo", você está totalmente livre para decidir sua vida.

"A idéia de que se alguém remove o suporte físico da música esse alguém está roubando, e que, logo, é preciso inventar uma forma de cobrar por isso, é imbecil e insana".

Com o "roubo" da música integrado ao cotidiano do consumo, a tendência parece ser o surgimento de contratos cada vez mais abusivos para as bandas novas.

Eu acho completamente ridícula a idéia de que é possível roubar uma música. Se você está parado em algum lugar e ouve uma música, está ouvindo de graça. Música é algo gratuito. Ian MacKaye fez essa observação durante um show uma vez: a música, em si, é gratuita. O som que você ouve, isso é de graça. O que custa dinheiro são objetos físicos,

como um CD, um disco, um ingresso de show. Mas a música sempre foi gratuita. A idéia de que se alguém remove o suporte físico da música esse alguém está roubando, e que, logo, é preciso inventar uma forma de cobrar por isso, é imbecil e insana. Quando as gravadoras e outras pessoas dizem "queremos apenas preservar a economia sustentada pela música", o que eles estão dizendo na verdade é "agora queremos finalmente cobrar pela última coisa que você tinha de graça, depois de cobrar pelos discos, pelas camisetas, pelos ingressos".

Quanto aos contratos, se uma banda concorda em dar parte do cachê ou qualquer outra coisa, ela merece qualquer desgraça que venha depois. Porque está na cara que é ridículo. A única coisa que uma gravadora pode fazer é vender discos. Se eles dizem que podem fazer algo mais, sei lá, "vamos torná-los famosos", aí você responde "beleza, então só faremos negócio com vocês para o disco. A parte da fama fica por nossa conta. Queremos merecer o direito à fama. A obrigação de vocês é vender discos, mais nada."

Você é famoso por ser um defensor ferrenho do analógico sobre o digital. Ao mesmo tempo, é um símbolo do faça-você-mesmo, e a distribuição digital da música hoje é uma das principais ferramentas para quem quer se conduzir de forma independente. Como você se vê, no meio disso tudo?

Eu não tenho nenhum problema com o compartilhamento de arquivos. Na verdade, acho bem legal que as pessoas compartilhem músicas umas com as outras. É uma extensão natural da mesma mentalidade que eu tinha na adolescência, quando gravava uma fita cassete e dava a alguém, ou quando escrevia algo num fanzine ou coisa do tipo. É exatamente o mesmo paralelo, o mesmo impulso: eu conheci uma coisa, gostei dela, quero dividir com os outros. É perfeitamente natural, normal e bacana. A grande indústria musical está aterrorizada porque não entende como tirar dinheiro disso. Mas, se analisarmos historicamente, sempre aconteceu algo para mudar a distribuição da música. No início, os músicos eram empregados da corte, contratados para entretenimento. Quando as pessoas começaram a anotar músicas em papel, de

forma que elas pudessem ser tocadas por outros, esses músicos da corte ficaram aterrorizados: "Eles podem tocar nossas músicas! Isso é terrível!" O que aconteceu foi que mais pessoas passaram a ouvir música, desenvolveram gosto musical, e cada comunidade pôde ter músicos profissionais. Em vez de ser um privilégio da realeza, a música estava agora por toda parte. Mais tarde, as empresas que controlavam a distribuição de partituras - de forma que, para ouvir música em casa, você se sentava ao piano e tocava uma canção popular a partir de uma partitura - ficaram apavoradas quando o piano mecânico surgiu: "Oh, não! Ninguém mais precisa das nossas partituras! É um desastre!" Mas, claro, o que aconteceu é que ainda mais pessoas puderam ouvir música. Gente que não havia aprendido a tocar piano podia agora ouvir música em casa. Isso tornou a música mais popular, e fez mais gente se interessar por ela, tornando possível o crescimento de orquestras civis, o surgimento de líderes de bandas, de grandes turnês, porque havia uma agitação em torno da música novamente. Quando o rádio surgiu, os palcos de *vaudeville* e os líderes de orquestras ficaram em choque: "Oh, não! Se as pessoas puderem ouvir as bandas em casa, pelo rádio, elas não virão mais aos bailes! É o fim!" E o que aconteceu? Mais pessoas passaram a gostar de música e os bailes explodiram. Todo mundo podia ligar o rádio em casa e ouvir, por exemplo, Cab Calloway e Banda: "Que banda fantástica, vamos lá dançar!" Ou seja, todo o conceito de que a música vem sendo roubada é baseado nessa idéia maluca de que, se as pessoas gostam de música, isso de alguma forma é ruim para o mercado musical (risos).

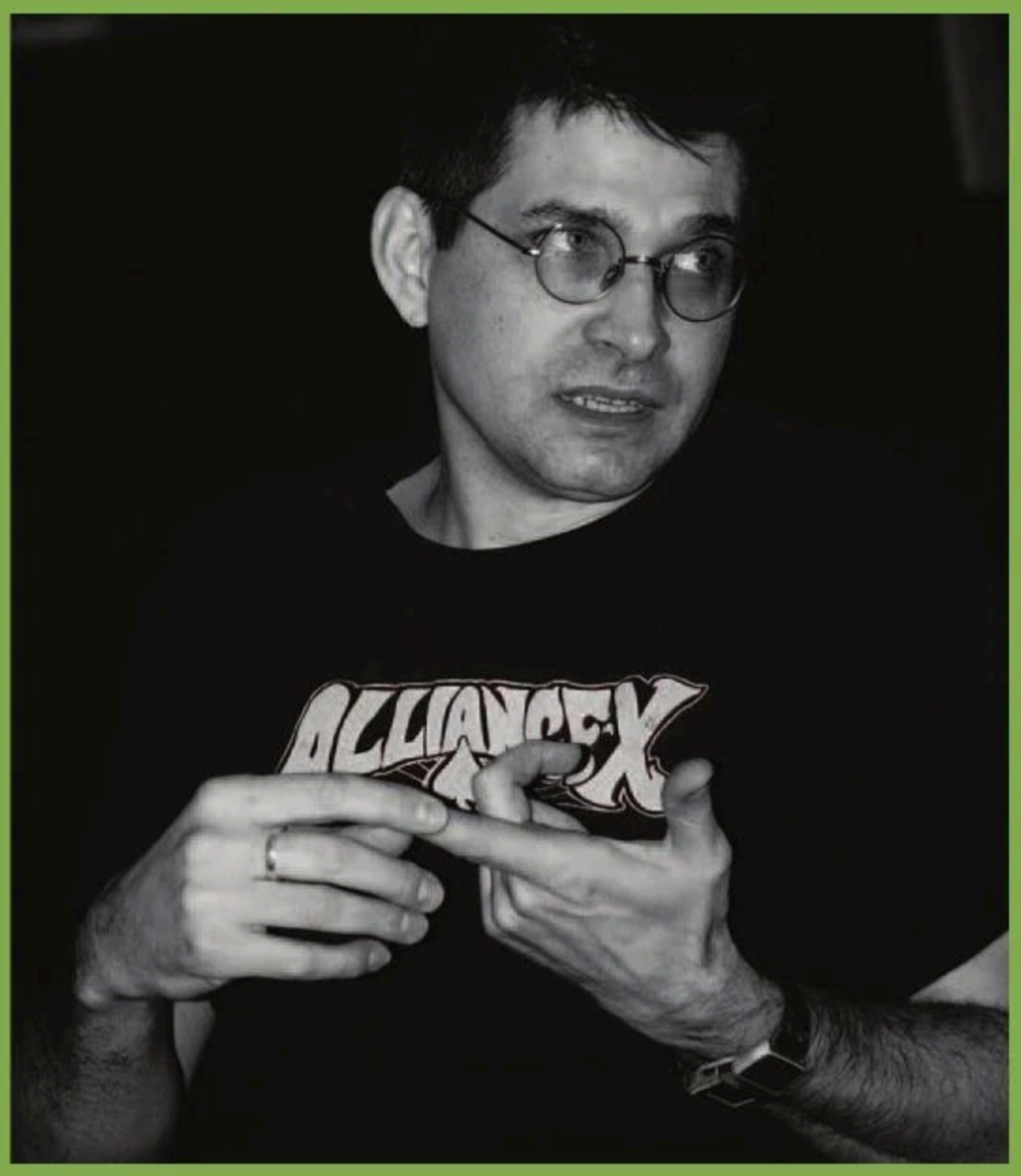
"Tocar com o Fugazi também é demais. Como banda de abertura, você é tratado muito bem, pode usar todo o PA e tal. Também é certeza de casa cheia, platéia receptiva. É uma experiência muito especial mesmo. E eles são pessoas incríveis pra ter por perto. É diversão na certa!"

E você acha que melhorou para as bandas?

Hoje em dia há bandas com um número relativamente pequeno de fãs - duzentas, trezentas pessoas em cada cidade -, mas elas têm acesso direto a essas pessoas no Brasil, no Japão. Nos anos 1970 e 80, se a sua banda tocasse para duzentas pessoas em Chicago, talvez fossem desconhecidos em Nova York, e certamente ninguém os conheceria em Londres. Agora talvez você tenha cem pessoas em Chicago, cem em Indianápolis, cem em Nova York, cem em Londres, cem em Belgrado, Iugoslávia (*interrompe, perguntando ao repórter e a um técnico do estúdio que assiste à entrevista: Pô,* onde fica Belgrado, agora? Macedônia? Bósnia? Sei lá. Eslovênia? *Sem resposta convincente, conclui, rindo:* Bom, é num desses lugares que costumavam se chamar Iugoslávia.) Enfim, agora é possível, com uma audiência pequena, ter influência mundial. Antes, era preciso enviar seu disco pelo correio, ter alguém no rádio promovendo sua banda, um escritório ou algo assim. Agora, qualquer um pode fazer isso. Se você tem uma página no Myspace ou um laptop, seu mundo se alarga imediatamente. Particularmente, acho isso tudo bem legal.

Eu li recentemente que algumas pesquisas têm apontado um desinteresse público em relação à opinião e ao trabalho de especialistas. No seu caso, você teme que a radicalização do faça-você-mesmo na música possa afetar o seu trabalho?

Há algumas coisas superficiais a respeito da especialização. Por exemplo: (em Chicago) os barbeiros fazem parte de um sindicato, de forma que há um número limitado de licenças, para que haja um número limitado de salões, e assim todos os barbeiros possam ganhar a vida. Mas, vamos admitir, cortar cabelo não é algo tão difícil. Quase todo mundo é capaz de cortar cabelo. Talvez não fique perfeito, mas qualquer um pode fazer. Ou seja, é uma forma artificial de especialização. Mas eu vou ao barbeiro assim mesmo, e pago um extra porque ele trabalha bem. Acredito que na maioria das vezes em que você escolhe um especialista, faz isso porque ele realiza seu trabalho de forma única. Há outros barbeiros na cidade, e eu já cortei com outros, mas eles não fazem um trabalho tão bom, então eu não vou lá. Mas vale a pena pagar US$ 25 para o cara que entende o meu cabelo: eu só vou lá duas vezes por ano, e o dinheiro gasto é insignificante. Mas eu gosto que seja bem feito. Ter um estúdio de gravação é mais ou menos a mesma coisa.



Gravar em um estúdio profissional é um empreendimento muito caro. Se você vai fazer isso apenas uma vez na vida, o gasto é justificado, mas, se você passa muito tempo gravando discos, pode acabar ficando bom, e aí não precisa de um especialista. Acho perfeitamente compreensível. Se o disco será a realização do trabalho de sua vida, aí você vai querer levar mais a sério e pode gastar algum dinheiro nisso. Se é só algo casual, que você faz com seus amigos, e você não leva tão a sério, provavelmente você não deva ir a um estúdio profissional, gravar com um especialista. É melhor fazer de forma barata, em casa, para não gastar em algo que não é tão importante para você.

Vários produtores (nota: Albini faz questão de ser creditado como "engenheiro de som", não como produtor) cobram um valor bem mais alto para gravarem, muitas vezes exigindo até royalties dos discos vendidos.

Eu acredito que isso aconteça, mas nunca trabalhei assim, então não sei como funciona. Eu sei que tenho bastante experiência, faço isso há bastante tempo, e sempre que você trabalha com um profissional experiente, vai gastar mais do que se trabalhar com um novato, ou com um amador. Vai sair mais caro. Mas também penso que não é uma diferença imensa, é uma pequena diferença. Eu tenho mais experiência, gravei muitos discos e sei como resolver vários problemas. Há algumas vantagens. Temos uma equipe, pessoas que precisam ser pagas. Então, há razões para ser mais caro, mas isso não importa muito para quem vai pagar. A pessoa só está preocupada em quanto vai custar, e se há como gastar menos. E acho que, em muitos casos, sim, você pode gastar menos, sem problema.

Voltando ao Fugazi: você acha que musicalmente eles são uma influência forte no estilo de outras bandas?

Há alguma influência, mas não acho que seja significativa. O estilo musical de um grupo é algo que os membros escolhem e decidem por si próprios. O resto das decisões, como a forma de conduzir a banda, os temas das músicas, a forma de se comportar no mundo, a forma de interagir entre si no palco e fora dele, isso tudo é muito mais importante do que o estilo musical. Mesmo porque estilo musical é algo temporário, pode variar de uma música para outra. Não me importo muito com isso.

Você tem algum disco favorito deles?

Eu não penso no Fugazi como uma banda de discos. Para mim, eles são como um espectro de uma centena de músicas.

Você gravou uma versão para o disco *In On the Kill Taker*. Essa versão acabou sendo descartada pelo Fugazi e nunca foi lançada, mas acabou vazando para a internet. A Dischord tem pedido aos blogs que disponibilizam essa gravação para tirá-la do ar. Qual a sua posição a respeito?

Eu não ligo para isso. Quanto à Dischord, o material é deles, pagaram por isso e é claro que têm o direito de dizer "por favor, tirem do ar", mas, pessoalmente, não ligo. Fiz uma sessão com o Fugazi, cuja intenção era fazer uma experiência, e foi isso que ela foi. Eles gravaram a maior parte do disco - originalmente, eles iriam gravar algumas músicas, mas no final fizeram uma espécie de fita-demo estendida do disco completo – e, quando voltaram a Washington, decidiram: "Não ficou muito bom, vamos fazer de novo." E fizeram de novo. Não vejo nada errado nisso. Como discutimos, eu acho que o Fugazi tinha experiência suficiente em estúdio para comandar suas gravações. Por isso, fizeram eles mesmos. Acho uma atitude perfeitamente digna. Não sei exatamente como foi o processo de decisão, mas não me preocupo nem um pouco. Passei cinco dias com eles naquela sessão. Aproveitei cada minuto. Foi uma grande experiência, por que iria me preocupar com o destino dessas fitas?

E como fã, qual era sua relação com a música do Fugazi?

Eles eram uma grande banda. Vi o show deles algumas vezes, dez ou doze talvez. Todos foram incríveis. Nos primeiros quinze minutos, você acha que está vendo a melhor banda do mundo, e a melhor banda da história. Nos 45 minutos seguintes, você se convence de que é um dos melhores shows que já viu na vida. Na segunda hora, começa a se sentir meio cansado, aí fica com vergonha, tipo: "Como posso estar cansado num show incrível desses?" Aí, na última meia hora, você só quer que aquilo acabe, pra poder voltar pra casa (risos).

Tocar com o Fugazi também é demais. Como banda de abertura, você é tratado muito bem, pode usar todo o PA e tal. Também é certeza de casa cheia, platéia receptiva. É uma experiência muito especial mesmo. E eles são pessoas incríveis pra ter por perto. É diversão na certa!

▸▸ Para saber mais
www.electrical.com
www.myspace.com/shellacofnorthamerica

FUGAZI.BR

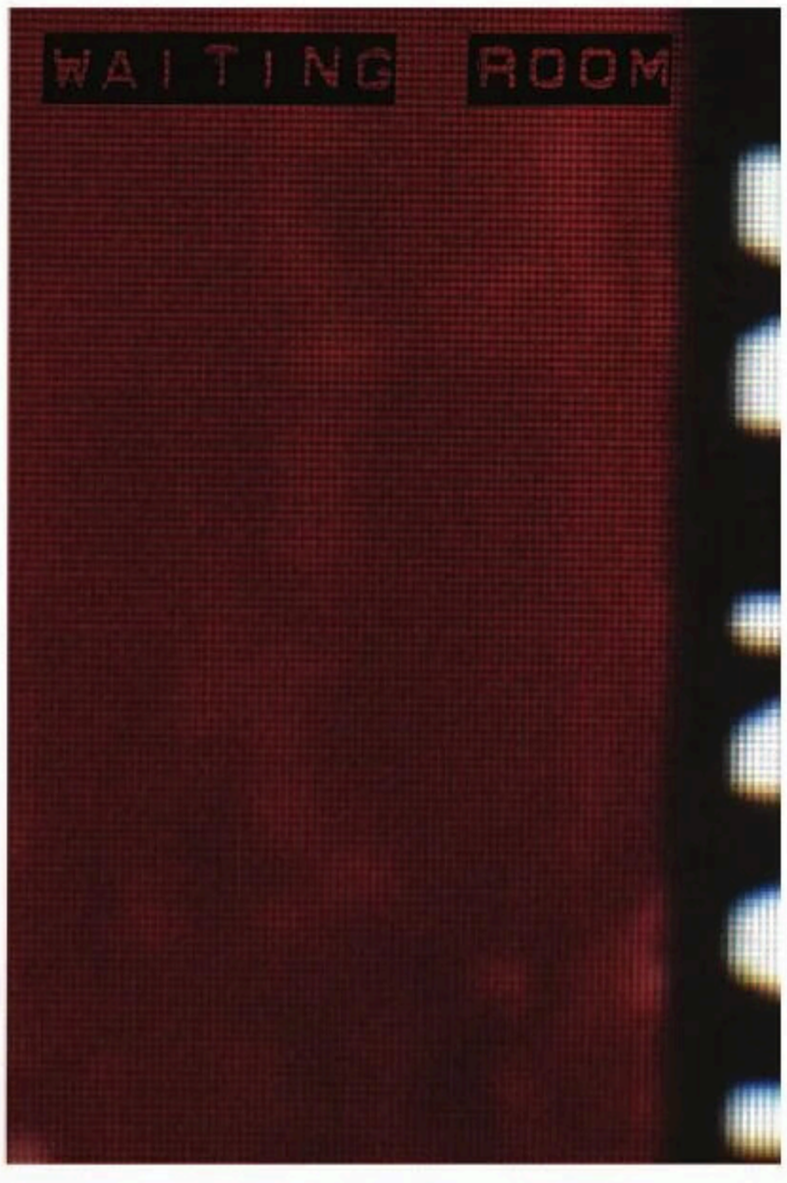
Para finalizar a homenagem à "mais importante banda independente do planeta" (rótulo que uma revista americana atribuiu ao Fugazi ainda na década de 1990), convidamos pessoas que tiveram sua vida tocada de alguma forma pela música intensa e a mensagem incisiva do grupo. Da última oportunidade de vê-los no Brasil (será?) em 1997, no Bar do 3 em Santos até a colagem tipicamente punk (com direito à mensagem subliminar) remetendo à capa de In On The Kill Taker, da análise refinada de uma letra de Red Medicine até a reviravolta completa musical contida em uma única música do álbum Repeater, botamos fãs brasileiros para homenagear/refletir sobre o grupo.

Na resposta à entrevista por e-mail, Glen E. Friedman deixou a seguinte mensagem no final - em caixa alta mesmo - que resolvemos colocar aqui como um desafio final ao leitor: DIGA ALGO! FAÇA ALGO! TENTE FAZER ALGUMA COISA DIGNA DA SUA VIDA!

Waiting Room . 13 Songs (1989) .

Por Azeite De Leos

Artista Plástico e guitarrista da Enlirio.



Recap Modotti . End Hits (1998) .

Por Guilherme Granado*

Podia ser outra música desse disco, como No Surprise, ou Pink Frosty.
Escolhi essa porque eu acho que ela ilustra uma característica que sempre existiu no som do Fugazi, mas em End Hits eles conseguiram dominar, na minha opinião: o uso de espaço. Desde o início, o Fugazi usou o espaço, talvez de uma maneira mais simples, explícita mesmo, com as paradas, silêncios etc. Mas, até o Red Medicine, as músicas sempre foram muito densas. Nesse disco, você realmente sente o espaço entre os elementos, e de uma maneira sutil. Tudo acontece no seu tempo, as músicas respiram com facilidade, e isso em nenhum momento atrapalha a intensidade das composições. Escolhi esse som também porque lembro deles tocando isso no show m SP (1997), antes do disco ser finalizado. A música soava completamente diferente da versão que foi para o disco, tinha um monte de guitarras, microfonia, era bem mais densa mesmo.

Até nas faixas mais intensas, como Foreman`s Dog, é possivel ouvir tudo, perceber o lugar de cada elemento. E não acho que isso seja só um mérito de como eles registraram as músicas. Para mim, a coisa parece estar mesmo na maneira como o disco foi composto. Esse foi o disco em que o Fugazi levou todas as idéias que estavam aparecendo desde o In on The Kill Taker ao seu ápice. O disco me mostrou que você pode fazer um álbum com atmosfera, sem usar elementos óbvios para conseguir isso.

* Hurtmold, Bodes & Elefantes e DJ Chaka Assembléia Ritmica.

In on the Kill Taker (1993) .

Por Flávio Bá

Designer e baixista do Ordinaria Hit.

Bed For The Scraping .
Red Medicine (1995) .

Por Cláudio Duarte*

O sujeito derrotado pelo tempo abstrato do mercado universal, após mais um dia de esfolamento no trabalho, deita-se em sua "cama para restos": "é vinte quatro horas, dificilmente reconheço coisas simples". O ritmo da música, então, imitará tal roda-viva. Música das mais exemplares do Fugazi, com um forte cruzamento de tendências da banda: a base de batera e baixo e o vocal de Ian Mackaye são a essência filtrada do melhor punk; depois o rockão 60´s no looping alucinado de guitarra de Guy Picciotto é estranhamento calculado, num brilho e rodopio virtuose de notas que entontecem talvez o que circula no cérebro desse sujeito esfolado; os dois vocais se esgoelando, com método, terminam selando a marca do Fugazi: "Não quero ser derrotado, este é o ponto, eis o manifesto": uma "cama para restos, segredinho sujo, razão para juntar as conseqüências" mas "o que mais para fazer?", diz o Outro. O sujeito como que convocado, vai adiante, impulsionado pela roda mas que repentinamente pára. Abrem-se então notas dissonantes de guitarra, conduzidas até o fim da música. O dito manifesto, certamente contra o trabalho, só pode ser essa dissonância, uma abertura para "fora" da alienação. "Olhe ao seu redor", caro leitor, não é isso que vivemos todo dia, na faina globalitária? "Situações evitadas ou simplesmente perdidas ?" "Olhe ao redor", repete Guy em coro, não seria essa a trilha para a pilha de refugos que nos tornamos?

* Ex-IML, ex-In Tense, ex-Diagonal, atual Maqno. Professor de Geografia.

"Instrument" - In on the Kill Taker (1993) . Por Sergio Ugeda*

Muito se pode escrever sobre o Fugazi. Essa é a beleza em obras criadas com tamanho vigor, paixão e significado: possibilitam os mais diversos pontos de vista. Pessoalmente, coloco-os em meu rol de bandas especiais - ganhando caráter de fenômeno - por manter um método de trabalho claro e objetivo durante toda a sua trajetória. Este é, aliás, o conceito-chave: método.

Seu trabalho não apenas inspira; literalmente altera a consciência alheia fazendo com que as pessoas pensem de modo diferente. É claro que o Fugazi não foi a primeira banda a criar este efeito na vida de seus fãs. Mas principalmente em dias atuais, não consigo estabelecer no Punk/Rock (ou até mesmo em outros gêneros) qualquer possível paralelo à sua relevância em tal nível de percepção.

Na minha opinião, a letra de "Instrument" descreve com áspera elaboração e subjetividade o foco de tal determinação mantida ao longo dos anos de forma tão metódica. Talvez não por mera coincidência, foi também o título utilizado para batizar o documentário (lançado em 1999) retratando a história do grupo. A metáfora do "peso da perda" diz muito em pouco espaço. Através das alegorias e imagens presentes na letra é desenrolada uma relação de continuidade sempre deixando um pouco do fundamental para trás. Através da tentativa é compreendido o peso da perda. É uma noção que tomo com clareza alterando assim minha própria consciência.

Muitas letras do Fugazi abrem margem para um raciocínio profundo. Para mim, "Instrument" é especial ao abrir uma brecha permitindo nossa própria compreensão do que significa realizar o que o grupo realizou.

*Ex-Diagonal, atual Debate. Fundador da Amplitude Discos.

Repeater Repeater (1990) .
Por Lauro Mesquita*

A idéia de levar a frente projetos musicais independentes das gravadoras ganhou uma força enorme quando apareceu o Fugazi. É bom contextualizar. Eram os anos 90, onde qualquer banda com um refrão mais ou menos conhecido conseguia assinar contratos extraordinários com grandes selos. Em meio às bandas resistentes ao establishment, a mais visível era o Fugazi. Ao meu ver, mais do que em qualquer lugar, era na criação sonora que se dava a resistência.

Musicalmente, a banda representava vários passos adiante do que era feito do hardcore. Eles faziam tudo diferente. Trazia ruídos de guitarra - como em Repeater - e uma levada rítmica cheia de balanço, muito única. Dedilhados de guitarrra e baixo secos, com poucas notas e vocais que pareciam ter saído de lugar nenhum à época. Depois, descobriríamos que eles retomavam uma tradição cara ao punk desde o início. Tradição que recriava o rock a partir do rock alemão, da música jamaicana e do hip hop (sem macaquear nenhum desses estilos), passando pelo pós-punk, o rock de vanguarda dos 80 e assim por diante.

Em Repeater, tudo parece conclamar o ouvinte para o novo. De maneira até ingênua, a letra fala sobre ser independente e fazer questão de não se deixar levar pelo big business (Don't you know ink washes out easier than blood). Nada poderia ter mais sentido na época do que a idéia de estabelecer um formato de produção militante, necessariamente independente e que conclamava o público a fazer parte. Não à-toa o Fugazi ainda é muito influente, mesmo em dias em que parece cada vez mais duro escapar dos tentáculos da grande indústria e da ideologia renitente do consumo.

*Ex-Space Invaders, atual Rodo. Redator da revista EleEla.

Fugazi / Santos (1997) .
Por Alexandre Vianna
Ex-skatista profissional, jornalista, fotógrafo e criador/editor da CemporcentoSKATE.

Fugazi no Aeroanta, São Paulo (1994) . Por Bob Burnquist*

Fugazi me lembra uma época muito boa na minha vida. Eu ainda morava em São Paulo e estava andando muito de skate, com Fugazi na mente, evoluindo de um gosto por Minor Threat e influência skatística do Alexandre Ribeiro (URGH Street). Me lembra também as sessões na ZN com Schumacker, Pinguim e companhia. Lembro também de como estava feliz que eles estavam vindo ao Brasil. Comprei convites e fui ao Aeroanta curtir o show. Me empolguei tanto - mesmo de braço quebrado - e me jogava que nem um louco e saía dando gessada em todo mundo. Deve ser por isso que na hora que eu dei o mosh, nao tinha ninguém pra me segurar... Beleza, saí dolorido e com um sorriso estampado no coração. Anos depois, quando estava fazendo uma demo em Washington DC com o [Tony] Hawk e o Matt Hoffman, saí pra jantar em um restaurante chinês, junto com o Hoffman e o Ian Mackaye. Conversamos um monte e acabamos trocando email e telefone. Mandei uma foto minha nesse show e ele agradeceu. O mundo gira... E o Fugazi é energia pura.

*Skatista profissional, personagem de vídeogame e percussionista do Escalera.

ORDINARIA HIT

BARULHO LIVRE!

Por Arthur Dantas

Fotos Daigo Oliva . Ilustração Kultur Studio

Poucos grupos são tão desafiadores quanto o Ordinaria Hit. Nada se resume apenas a fazer música com eles. Idealistas? Muito. Radicais? Certamente. O inegável são as escolhas não muito convencionais para construir uma carreira sólida e respeitada. Fazem turnês por todos os lugares possíveis, lançam discos periodicamente, usam como poucos a internet, tem uma preocupação latente em manter um nível de qualidade que foge ao que se espera de um grupo punk e mantém firmemente tudo relacionado à banda em suas mãos. Sem concessões.

O papo com João Riveros (guitarra e vocal), Flávio Bá (baixo), João Branco (violoncelo e voz) e Rodrigo Rosa (bateria e voz) aconteceu em um bar no bairro de Pinheiros, São Paulo. Descontraído e caloroso, foi um encontro de amigos de longa data - conheço o baterista faz mais de década - e uma oportunidade de refletir sobre a banda, sobre políticas culturais, sobre o faça-você-mesmo. Enfim, um convite a repensar uma geração toda influenciada pelo punk rock norte-americano dos anos 1980.

Quando começou a banda?

João Riveros. Eram eu e o Bá. Eu gravava em casa, depois vinha o Bá com o baixo e colocava bateria eletrônica também. Foi só em 2000 porque foi quando o Bá voltou [de Londrina].

Era um projeto teu?

João. É, não tinha nome (risada dos outros). É tinha o [nome] Sara Lee. Bom, não tinha nome não.

Tem alguma música dessa fase que vocês gravaram?

João. Na cassete do primeiro lançamento [Ordenado em Duas Vias] é quase inteiro dessa fase.

E como chegaram os outros integrantes?

João. Teve a ver com a dinâmica. A gente foi ensaiar e para criar um lance mais rock, mais cheio, não ficou legal, ficou sem graça...

Sem graça é o que? Ficou ruim? (Risos)

Bá. Foi caro, foi caro... (risos)

Rodrigo. Pagar ensaio em dois é foda. (mais risos)

Bá. Não teve jeito. Ali no estúdio soava bem, mas fazer ao vivo ficava meio ruim.

E como os outros chegaram?

João. Ficamos uns 6 meses sem ensaiar. Você [o entrevistador] conhecia o Rodrigo e o indicou. Chamamos ele e o Azeite, que era do MP, minha antiga banda com o Bá. Mas a pegada do Azeite era outra.

Porque vocês escolheram o Rodrigo para a bateria?

João. Ah, achar baterista é difícil né? (risos). Muito prédio na cidade acaba com a bateria. (risos).

E o João Branco chegou como?

João Branco. Eu trabalhava com o Rodrigo e ele sempre falava dos ensaios. Ele ficou sabendo que eu toquei violoncelo uma vez na vida e tinha o instrumento. Tinha um som deles que cabia um violoncelo. Daí eu fui ensaiar, gostei e acabei ficando.

Bá. Teve também o Scott. Ele tocava com a gente no MP e entrou depois do Rodrigo também.

Você falou da formação tradicional de rock. Mas porque vocês chamaram o João Branco para tocar violoncelo?

Rodrigo. Era uma possibilidade maior de som. Baixo, bateria e guitarra é limitado. Depois veio sax, o João já tocou teclado. Os instrumentos surgem da necessidade de ampliar o som. Com o João Branco rolou um lance de traficante: ele veio, tocou em uma música e foi ficando, acabou curtindo e passou a compor.

João. É, porque no som que ele tocou, “Conforme a Música”, ele só colocou o cello da forma como a gente pediu. E na seqüência, começamos a pensar em como tocar ao vivo a música “Prática”. Foi aí que o João Branco passou a participar mais.

Vocês falaram em expandir a música. O Rodrigo veio de um lance mais punk ortodoxo, meio anarcopunk, típico dos anos 1990. De onde veio essa vontade de expandir os horizontes?

Rodrigo. O grind mesmo já é uma música diferente. Foi um processo: tocar punk rock tradicional, Ramones... E eu nunca me satisfiz com isso! Sempre escutei coisas diferentes. Daí conheci Fugazi que foi um divisor de águas musicalmente. Fazer uma banda punk mas sem um som convencional. Daí conheci outras bandas que continuavam punk, que me mostraram que dava pra ser anarquista, punk, e fazer coisas diferentes. Era o punk mais como uma maneira de fazer as coisas, não como um som.

Mesmo o MP era um lance mais comum né? Meio Black Flag...

Bá. Se você ouvir a última demo que nunca saiu do MP já dá pra entender melhor o Ordinaria Hit. Eu saí e a banda melhorou (risos).

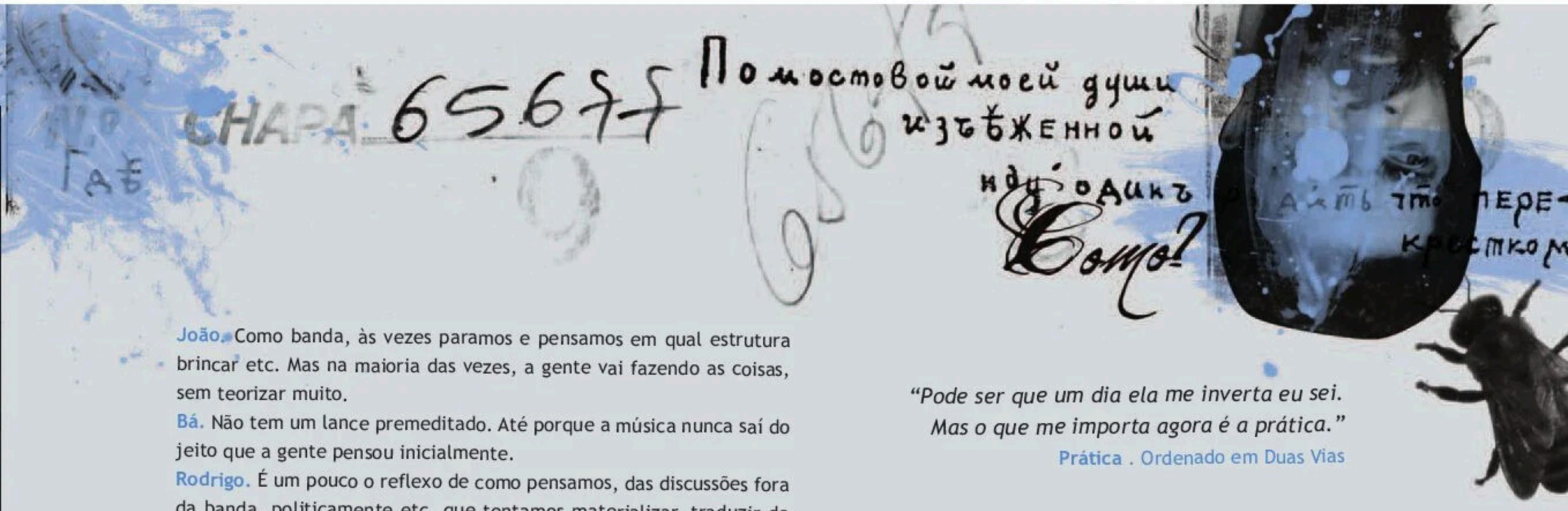
Mas como foi sair dessa coisa mais segura, fazer um som que vocês sabiam que tinha uma audiência, uma demanda de público?

João. Na verdade, no MP eu cantava. Fui tocar guitarra no Biônica e eu nunca tinha tocado guitarra! As primeiras músicas do Ordinaria eu pegava a guitarra ou o violão e do jeito que eu tocava, ficava. Daí mostro para o Bá, para o Rodrigo que coloca uma bateria de um jeito que não era como eu pensava e porra!, legal também. Foi natural.

João Branco. Era um lance que não estava distante do que eu gostava. Foi difícil encaixar violoncelo no início, mas era um lance que eu queria porque gostava das músicas.

Bá. E a gente é legal pra caralho! (risos)

João Branco. É, são uns caras que gostam das mesmas coisas que eu, gostam muito de comer (risos gerais).



João. Como banda, às vezes paramos e pensamos em qual estrutura brincar etc. Mas na maioria das vezes, a gente vai fazendo as coisas, sem teorizar muito.

Bá. Não tem um lance premeditado. Até porque a música nunca saí do jeito que a gente pensou inicialmente.

Rodrigo. É um pouco o reflexo de como pensamos, das discussões fora da banda, politicamente etc, que tentamos materializar, traduzir de alguma forma na música.

João. Não pensamos o tema do próximo disco. Vamos fazendo os sons e achamos algo que ta forte para a gente naquele momento.

"mandei comprar um sapato novo pra poder acordar e vestir melhor a roupa, e então ir trabalhar, chegando a tempo de não atrapalhar nossa dança"

Conforme a Música . Ordenado em Duas Vias

Os álbuns do grupo costumam trabalhar com conceitos, idéias que de certa forma guiam o ouvinte por todo o trabalho. Qual era o conceito do primeiro disco, Ordenado em Duas Vias, por exemplo?

Rodrigo. Para mim, era ação-direta e desobediência civil. E, ao mesmo tempo, jogar ironicamente com a questão da burocracia.

Bá. Além disso, dar a opção para a pessoa do que fazer com o disco, afinal haviam dois livros diferentes para escolher, uma K7 e um CD.

Rodrigo. O faça-você-mesmo, porque tinha a estética de fanzine.

João Branco. E questionar a idéia de mercadoria. Colocamos dois livros, um do Thoreau (Desobediência Civil) e um do Lafargue (Direito à Preguiça). Para que os outros se apropriassem dessas idéias, sem pagar direitos autorais etc.

Rodrigo. Tem o lance do caráter artesanal, para contestar a forma-produto, o jeito industrial de fazer as coisas, mostrar que uma banda não é só rock e criar diversão para os outros; dá para ir além disso, indo rumo a outras linguagens, como a literatura, ainda sendo o Ordinaria Hit. A própria banda agrega diversas linguagens: música, arte, política, produção etc.

Tem essa questão dos direitos autorais, do faça-você-mesmo, da mercadoria... Esse disco funciona como um manifesto? O Bricoleur (último trabalho do grupo) tem uma forma mais elaborada de falar da mesma coisa, não?

Rodrigo. Sim. Mas é um manifesto nada pretensioso; é assim que a gente é e é assim que fazemos as coisas.

Me parece que nas letras, o diálogo com esse lado mais político do grupo é enviesado, não é direto.

João. No primeiro disco é mais direto, como na "Conforme a Música", que tem uma narrativa mais convencional.

"Pode ser que um dia ela me inverta eu sei.
Mas o que me importa agora é a prática."

Prática . Ordenado em Duas Vias

Porque vocês gravaram a música "Prática" três vezes até aqui?

Bá. É aquilo que te falei. São duas coisas: a gente sempre muda as canções e ela faz sentido em diversos momentos.

Eu acho mais do que isso. Acho que a letra resume muito do que é a banda.

Rodrigo. No quarto disco, a gente regravou ela de novo, no show muda sempre. Tem o peso da letra, de sintetizar nosso processo e o peso dela ao vivo, porque a tocamos sempre de maneiras diversas.

João. Geralmente mudamos muito as canções ao vivo.

Sobre as letras. Você (João) escreve sempre de forma elíptica, as frases nunca vão até o fim.

João. Eu tenho dificuldade de levar as coisas até o fim (risos). Eu odeio letra direta, panfletária. Nunca consegui escutar esse tipo de música.

Bá. O legal é deixar a pessoa fazer uma leitura do que está escutando.

João. Basicamente, odeio música que o cara conta histórias por inteiro, para cantar junto. Eu escrevo, faço uns contos, não tenho a voz boa, não sei cantar. Então tento pontuar as canções com vocais. Inclusive, no próximo disco, os vocais estão mínimos. Tem que dar espaço para a música mesmo.

Mas tem letristas brasileiros que você encontra afinidade?

João. Tem sim. Gosto muito do Tom Zé, do Cacá (Objeto Amarelo), do Shiksa, ainda que as letras deles sejam mais conclusivas. Quando escrevo, pego referências, leio um pouco. Tem a Patife Band do Paulo Barnabé...

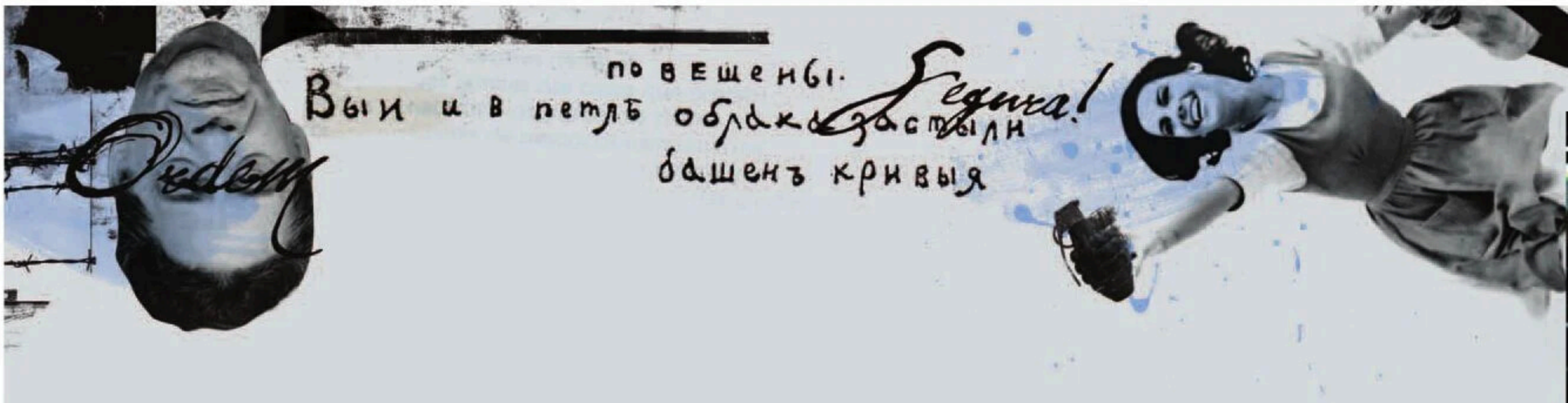
Como foi a passagem desse primeiro disco de vocês, seguindo uma tradição estabelecida pelo Fugazi, até o último disco, mais aberto, que inclusive conta com o Renato Ferreira, saxofonista do Abaetetuba (orquestra paulistana de improvisação)?

Bá. Nunca falamos que somos uma banda de rock. Inclusive o próximo disco é mais radical ainda. Tudo composto com o Renato.

Rodrigo. Antes de ter um interesse consciente e conhecer profundamente essa cena de *improv*, a gente fazia instintivamente coisas nessa linha. Porém, numa pegada mais Sonic Youth, aquelas paredes de barulho, onde vale tudo. Tinha essa idéia de ter a percepção do que rolava nos shows e saber o que fazer nesses espaços, um prestando atenção no outro

João. Até porque tinha duas guitarras.

Rodrigo. Daí o Scott (segundo guitarrista) saiu da banda, o cello ficou



mais orgânico, teve que se colocar mais, ganhou mais espaço. Daí tivemos que repensar a forma de compor as músicas.

Bá. E foi meio por acaso. O Scott chegou um dia antes da gravação do *Bricoleur* e falou que ia sair.

E vocês reconfiguraram o som ali no estúdio?

Todos. Sim

Rodrigo. Daí no *Bricoleur* começou a ficar mais "torto". Tinha uma música instrumental, a "Caixa Postal 195", que tava pedindo um sax. E o Renato tem um estilão bem John Zorn que a gente adora, barulhento. Ele colocou o sax na música e ficou muito bom.

E como vocês chegaram no Renato?

João. O Renato estudou Geografia na USP comigo. A gente era do grupo de estudos do Krisis junto. E ele tinha ido em show nosso. Daí teve um show que ele chegou do nada com um sax e pediu para dar uma "canja". Ele tocou em um som e foi do caralho!

Foi mesmo, eu estava lá! Ele influiu muito no som posterior de vocês?

Todos. Pra caralho! Muito mesmo. Pode anotar isso. (risos)

Rodrigo. Isso que é legal. Cada um que entra acrescenta algo muito interessante na banda. É uma construção onde cada um contribui.

O Renato vem de uma linguagem muito diferente? Rolou um entrosamento "de cara"?

Todos. Rolou.

João. Eu conversava no início com ele, porque ele ficava meio amuado. Daí ele foi se soltando e vendo que ninguém queria mudar o estilo dele.

Rodrigo. Ele começou a interferir nas músicas anteriores a ele, fez turnê com a gente e começou a conversa de passar de algo esporádico para algo fixo.

Ganhar carteirinha de ordinário.

Rodrigo. É. E rolou. Não caímos para a música de *improv*, continua tendo estrutura, mas as músicas estão cada vez mais abertas. Rachamos muito a cabeça, investimos nessa percepção de forma que acrescentou muito pra gente.

Bá. É legal demais porque rola uma brincadeira, um jogo.

Acho curioso porque o *improv* tem uma coisa muito aberta, lúdica, e a música de vocês é muito sisuda, muito racionalizada.

João. É um problemão. Tem uma música que funciona ao vivo, muito boa de tocar, mais improvisada, mas na hora de gravar complica, porque congela um momento que nem sempre é o mais legal.

Rodrigo. Um pouco em função da presença do Renato, teve o lance de sentir o vocal como mais um instrumento, de encontrar espaços e momentos para os instrumentos, o que foge da estrutura convencional do rock, de ter refrão etc. São seis músicas no álbum novo. Uma foi gravada na hora, sem estrutura nenhuma, tem a que o João falou, um *improv*, outra tem uma estrutura convencional, mas o Renato e eu vamos brincando, improvisando ao longo da base. As outras têm uma cara de Ordinaria Hit mesmo.

Sai quando o disco?

Rodrigo. Vai sair antes do fim do ano. Split em vinil com o Falso Branco de Curitiba. E a arte será colaborativa. Porque em ambas as bandas têm gente que mexe com arte. Estamos pensando em um tema pra unificar tudo.

"Down city, me empresta um som que a rotina não deixa /
faz um tempo que eu ando desafinado, na contramão."

Mal Jeito . Pseudo-segurança Compensatória

O Fugazi é central no desenvolvimento da banda. Qual o peso do Fugazi para o Ordinaria Hit e para a cultura independente como um todo.

João. Musicalmente é uma influência, mas existem várias. A postura deles que é importante para nós. A forma como eles fazem as coisas...

Bá. A forma como abordam a música, a produção de cultura é mais importante para nós. Claro que o show deles foi brutal para mim, um divisor de águas.

Rodrigo. O Fugazi, o The Ex, o Crass e o Dead Kennedys são marcos. Quando se fala em música, normalmente pensamos apenas no som, na capa, na estética visual etc. Mas o lance é olhar o processo todo que dá no produto final. Isso que é inspirador no Fugazi, porque tem a parte política, como abordam a música propriamente dita, ter a própria gravadora, o faça-você-mesmo, a relação mais direta com Arte, a comunidade em torno deles. Isso é um marco: criar um espaço que vai para além da banda, de pessoas que dêem conta de produzir cultura independente, punk, sem reproduzir padrões.

Esse lance é legal, de influir e ser influenciado pelo ambiente. Qual o ambiente no qual o Ordinaria Hit está inserido?

João. Estamos órfãos agora (risos). As bandas que achávamos legal tocar junto não estão tocando.

Rodrigo. Tinha o Espaço Germinal, que era um espaço vegan e anarquista, o selo (gravadora e editora) L-Dopa, o Daniel Villaverde e

a rapaziada de Santo Antônio da Patrulha no Sul, o pessoal de Aracruz (ES) que tem uma biblioteca, o (grupo) Desvio, Deriva Deturpação, o Shiksa, o Objeto Amarelo. O trabalho do Daigo (Oliva, fotógrafo) que nós respeitamos muito, apesar de não ser tão próximo. Tem o pessoal do Sinfonia de Cães, que organiza shows e pensam em política. Tem o fanzine de HQ Sociedade Radioativa. O pessoal de Serrana (SP) que ocupou um espaço.

Ocuparam um espaço?

João Branco. É. Uma cidadezinha minúscula. Tem 10 mil habitantes, mas na época da colheita chega a cem mil pessoas. Montaram um coletivo, fizeram bandas, fanzines, estúdio, dão aulas, teatro.

Vamos falar um pouco de política.

Rodrigo. Cadê a polêmica?

Bá. Eu sou homossexual (risos).

Vocês fazem várias turnês no Brasil, foram para Argentina, Uruguai, e sempre em um esquema faça-você-mesmo muito radical, sem concessões, sem ceder até para casas noturnas etc.

Bá. No perrengue mesmo (risos).

É. Esse é um modelo que qualquer moleque pode seguir? Vocês botam dinheiro do bolso de vocês? É viável?

João. A impressão que dá é que os que participam em um esquema mais seguro "rodam" tanto quanto a gente.

Bá. A Argentina não vingou em termos de dinheiro. Mas foram ótimos os shows.

Rodrigo. No Brasil nunca ganhamos nada, mas nunca perdemos. E quando vamos tocar, a condição não é financeira. Claro que é importante. Na Argentina nem pensamos nisso. Queríamos ir para lá, tocar em esquemas beneficentes, conhecer as bandas, os grupos anarquistas. Geralmente os shows grandes são uma merda e não dão dinheiro também

Bá. Parece que tocar em cidades pequenas sempre é melhor e costuma dar um dinheiro. A relação com o público é mais forte etc.

Mas será que vocês já não tem uma indisposição com esquemas mais comerciais?

Bá. De forma alguma.

João Branco. A gente tem uma relação maior com o público em Brusque (SC), Serrana (SP) do que em São Paulo.

Rodrigo. Não pensamos as coisas em termos de mercado. Não é um clichê, de fazer amizade etc: A nossa passagem pelos lugares tem que ter um efeito humano, de mudar as pessoas e nos mudar, de criar laços, criar efeito que não seja de produto, de consumo. Quando a gente analisa o resultado final de um show, dinheiro etc, levamos em consideração isso também. A gente sofre muito porque queremos trocar as coisas etc, e quase ninguém faz isso atualmente. E fazer as coisas como fazemos é viável financeiramente. Porque o dinheiro vai todo para você, não tem gravadora envolvida, ninguém organiza turnê para você. Claro que o alcance é menor...

Qual disco de vocês saiu mais?

Bá. O *Bricoleur*. Fizemos tiragens de 500 exemplares. Já foi. Fizemos mais 500 e já saíram umas duzentas.

Mas não é um tanto complicado: há o conteúdo nos álbuns, as letras, os textos, a política etc. Todo trabalho de vocês tem tanta coisa envolvida, a ser comunicada... Não é frustrante vender tão pouco?

(pausa geral)

João. Hmm, não.

Bá. Frustrante é depender de gravadora, fazer contrato, tocar obrigado, ter uma saída criativa que seja lucrativa para eles, fazer hype. Eu acho é bom porque temos controle da capa até a mixagem...

Refazendo a pergunta: não seria melhor chegar a mais pessoas fazendo da forma mais radical como vocês querem, como um Fugazi, um The Ex, e alcançar mais pessoas? Me parece de certa forma elitista. Parece que é uma falência dessa forma mais purista do faça-você-mesmo.

Rodrigo. Quando essas bandas começaram, atingiam um número pequeno de pessoas. A gente só coloca limitações na vertical, na horizontal não há limitação. Quase nenhuma (risos).

João. É foda isso, porque a gente vai aos lugares, nos esforçamos para comunicar.

Rodrigo. O que a gente faz não tem a menor graça, dentro da esfera rock. O povo fala "lá vem esse bando de babaca, falando um monte de coisa etc", eles querem é diversão, barulho. Isso não vende disco. A impressão que eu tenho, é que os que se interessam por nós não tem interesse tanto na nossa música, se interessam por outras coisas.

Isso é bom ou ruim?

Rodrigo. É muito bom. Eles comentam o que a gente diz, mas não se aprofundam na nossa música. Falam que curtem outro tipo de som. O alcance das pessoas é curto para todo mundo. Não tem show muito lotado por aí, não.

A política da banda é mais importante do que a música?

João. É um complemento.

Rodrigo. Andam junto.

Tem gente que curte o oposto: gosta da música e não da política?

João. Tem gente que acha referências musicais mil, se interessa pelo som e nada pelas letras, sei lá.

Rodrigo. Música e política dialogam. É indissociável e tem reflexo um no outro. Se a gente se envolve mais com *improv*, a forma de tratar a política muda também. Não só política e música: tem literatura, os textos e livros que a gente coloca; a arte dos discos. Tudo tá ligado.

"Acabo causando problemas quando atravesso de um lado pro outro na via expressa / invento um nome concreto e continuo pra tudo / depois descanso no acostamento."

Trânsito . Bricoleur

O que vocês querem para o futuro? Vocês têm 7 anos agora. Eu penso por exemplo no The Ex, que demorou uma década para alcançar um bom público, se tornar referência...

João. Pela insistência né? (risos)

Bá. A gente não tem objetivos. Não tem um lance de passar mensagem política para o máximo de pessoas etc. Eu gosto de tocar.

Rodrigo. Eu vou tocar bateria pra sempre, é um lance que tá no DNA. Já toquei e fiz política em paralelo. No Ordinária Hit foi onde o nível de desenvolvimento político e musical foram mais longe. Não tanto pela idade, mas sim pela qualidade. Acho que o The Ex dura tanto porque abre novos horizontes o tempo todo, musicalmente, politicamente, na

vida cotidiana. Pode entrar e sair gente na banda, até porque somos abertos, mas sempre continuarei. A gente agüentou a crise dos 7 anos (risos). Chegar aos 25 anos será fácil.

Formação

João Riveros . Guitarra e voz
João Branco . Violoncello e backing vocals
Flávio Bá . Baixista e backing vocals
Rodrigo Rosa . Bateria e backing vocals

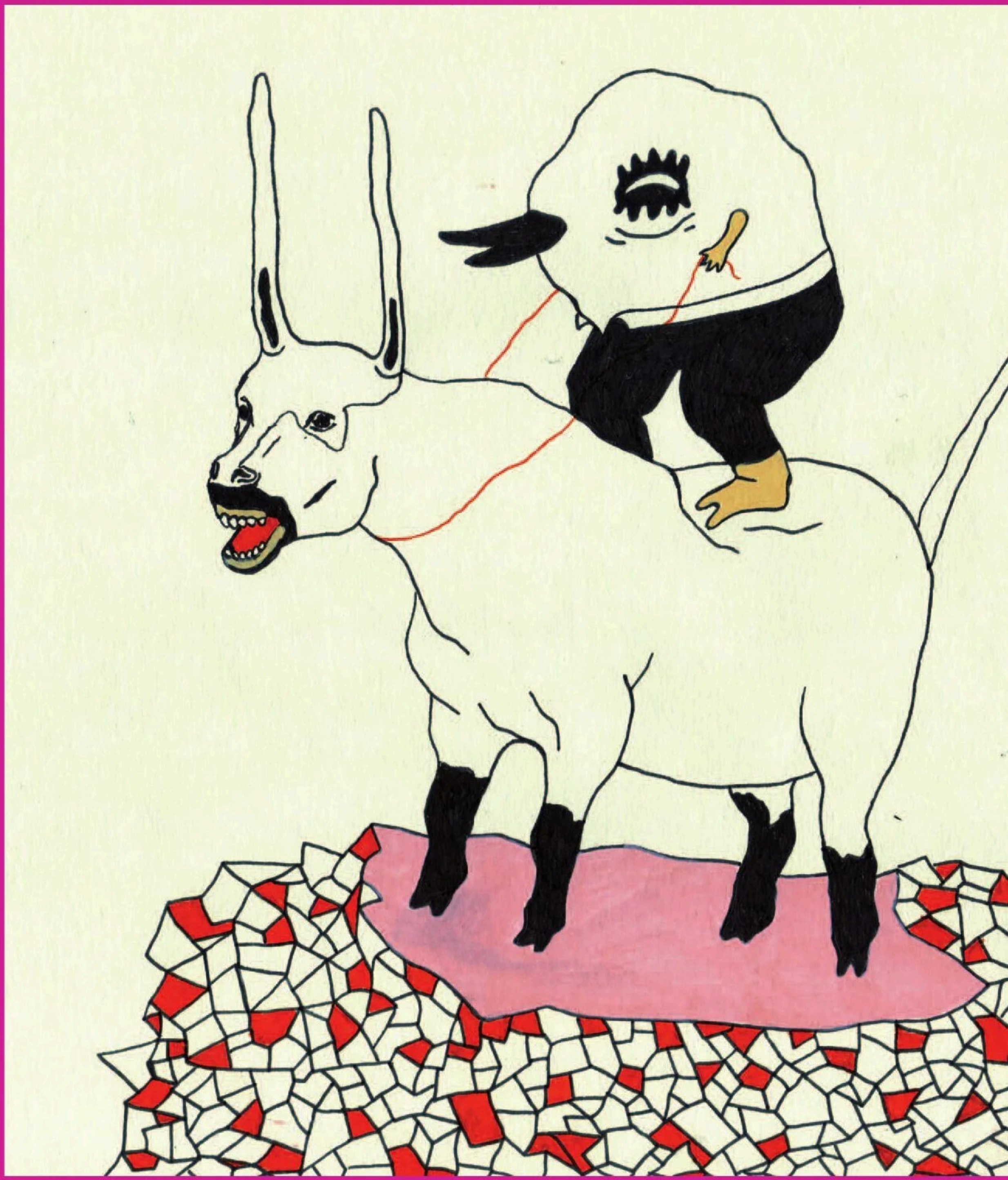
Discografia

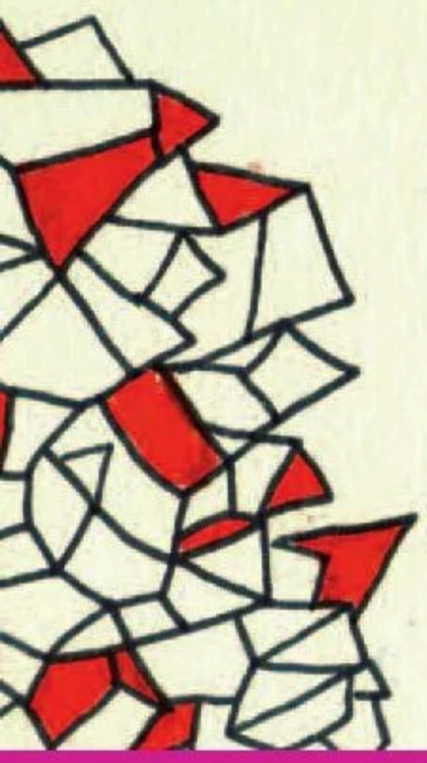
Ordenado em Duas Vias . 2002
EP Nota . 2004
Pseudo-segurança Compesatória . 2005
EP Virtual Bem-vindo, Cowboy . 2006
Bricoleur . 2006
Split LP com Falso Branco . L-Dopa . 2007

Para ver e ouvir

www.ordinariahit.net
www.myspace.com/ordinaria
www.youtube.com/user/ordinariahit
www.fotolog.com/ordinariahit

Veja em www.maissoma.com vídeo exclusivo do grupo.





METALZOO

TALITA HOFFMAN

Entrevista por Tiago Moraes . Edição Arthur Dantas

Talita Hoffmann desenha desde sempre. **Litsy**, como é conhecida ("Na real não curto muito o apelido. É diminutivo do meu nome escrito de uma forma meio gay"), é uma jovem artista (19 anos!) de Porto Alegre, com um inspirado traço que remete tanto ao trabalho de Neckface quanto ao universo bizarro e decadente de parte do mangá underground recente.

Quando começou a desenhar? Desde sempre eu acho, mas nos últimos anos é que fiquei mais "encarnadinha".

Você trabalha em mais alguma coisa ou só faz trabalhos pessoais? Só desenho pra mim mesmo. Fora isso faço faculdade de Design e toco baixo e teclado em uma banda, a Tom Enola – meio rock dos anos 1980, um pouco de eletrônico, um pouco Pixies.

Inspirações? Animais adestrados, de circo; crianças gordas; pessoas com comportamento agressivo; brigas; travestis e lutadores. Música também é uma grande inspiração. Estética heavy metal dos anos 80, todas aquelas roupas e cabelos. Esses dias eu vi um documentário sobre metal no cinema, tem todos os clássicos, recomendo. É um metaleiro que fez, então é "true", sabe? (risos) O cara vai até a Noruega...

Você desenha todo dia? Qual material utiliza? Sim, tento levar um caderninho comigo sempre que saio de casa. Na maioria dos desenhos uso nanquim e Posca. Raramente, uso tinta acrílica.

Você faz coisas na rua também? Às vezes. Tenho colado uns cartazes por aqui, ultimamente. Eu tenho um grupo de amigos que se reúne pra

pintar cartazes durante a noite e sai pra colar de manhã. A gente desenha, pinta, um pilha o outro. Amigos com interesses em comum.

Quais artistas que você curte hoje no Brasil? Curto um pessoal daqui, como o Fábio Zimbres e a Carla Barth.

Você já expôs seu trabalho em algum lugar? Alguma exposição coletiva ou individual? Tem uns desenhos meus na Mundo Arte Global, é um espaço aqui de Porto Alegre.

Você falou que música é uma grande inspiração. O que você tem ouvido de bom? Queens Of The Stone Age, Crystal Castles, B-52's, Daft Punk. Música "chinelona" também, adoro! (risos) É essa música brega que toca no centro. Adoro as letras e as danças.

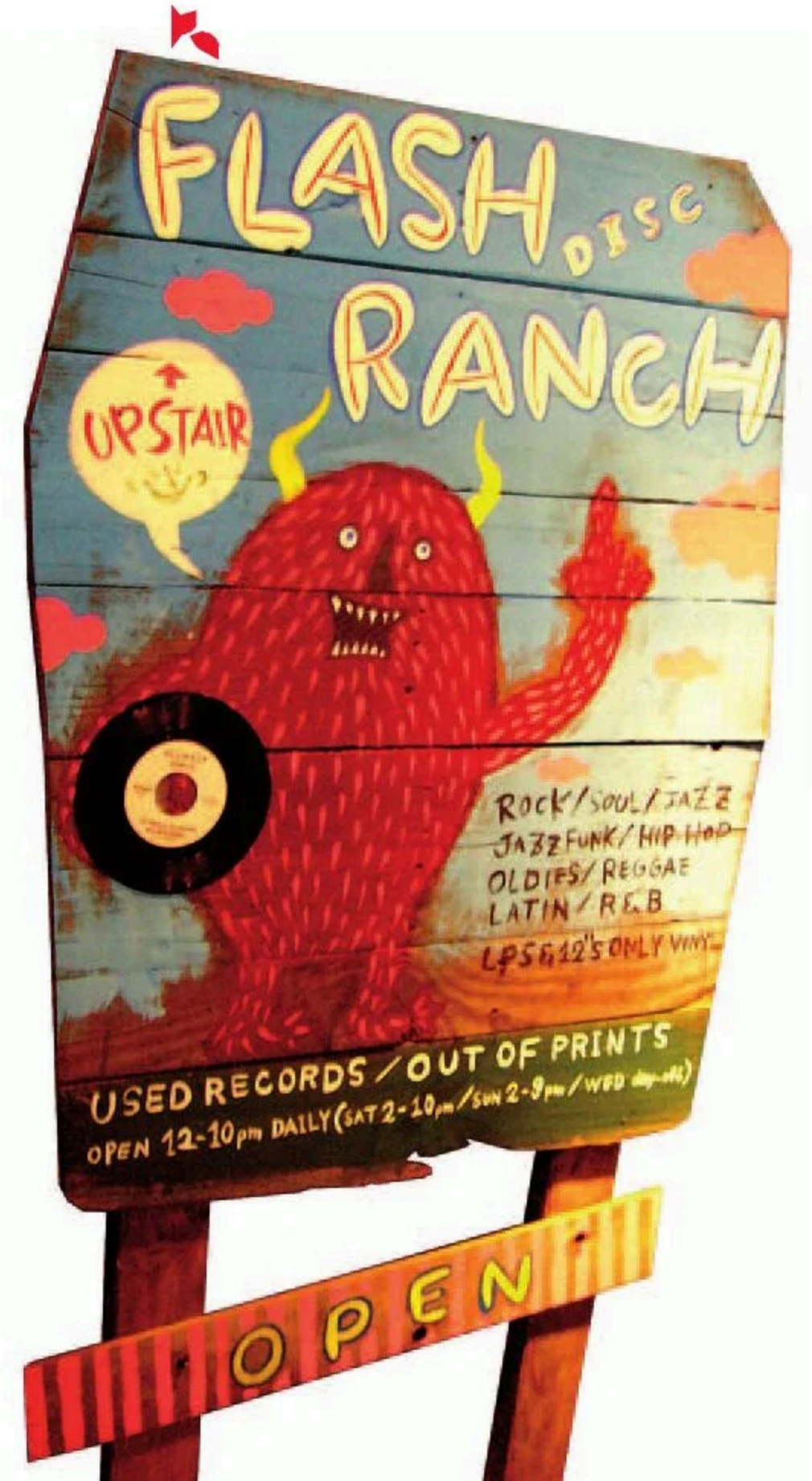
Como é o processo de criação dos seus personagens? Você acorda e fala "hoje vou desenhar um cachorro com orelhas de morcego com 3 gordas loiras e dentes dourados na boca"? (risos) A maioria são animais representando alguma figura humana, pessoas meio brabas, meio desesperadas, sacaninhas. Os animais meio que tomam essas características. Ou às vezes eu tento desenhar um animal e ele sai feio mesmo.

Planos para o futuro? Desenhar sempre. Ganhar dinheiro seria legal também (risos).

Veja mais
www.flickr.com/litsy
www.mundoarteglobal.com.br

A Hideyuki de Katsumata

Por Renato Silva
Imagens arquivo pessoal do artista



Na infância, Hideyuki Katsumata costumava ouvir de seus pais uma história que sempre o aterrorizava. Era uma história sobre um monstro. Ele tinha chifres, era feroz e impiedoso com quem ousasse atravessar o seu caminho. A criatura era utilizada por seus pais em um ato de intimidação, para o garoto fazer o que lhe era imposto.

E a criatura tinha um nome: Oni. Esse, o primeiro monstro conhecido no Japão, era uma lenda passada de gerações em gerações que cultivam fortemente as tradições como uma forma de manter sua cultura viva. Ou cultivavam?

Assim como tivemos o nosso "Bicho Papão", os japoneses contemporâneos não se assustam mais ao ouvir histórias como essas. São traços de um passado que ecoa distante para esse povo oriental que, vez ou outra, assiste a invasão de outras culturas e se satisfaz com os arroubos de uma modernidade cada vez mais voltada para a produção de equipamentos sofisticados, de tecnologia avançada. Uma realidade triste para os velhos japoneses que não conseguem mais sustentar as maravilhas de sua cultura.

O artista plástico Hideyuki Katsumata buscou no equilíbrio a sua forma de conceber a sua própria interpretação para a lenda de Oni e desfez em sua mente a imagem assustadora que seus pais criaram para contar-lhe a história. Buscou então dar-lhe um novo significado, transmutando a imagem do Oni em diversas outras formas e gestos. Assim, a criatura que para os seus antepassados era o mal, transformou-se em um deus tímido, singelo e de boas intenções.

O artista e seu deus aportaram na cidade de São Paulo no mês de agosto, e numa sugestiva coincidência (seriam os deuses?), conheceu a Sala Cega da Trezeta Musik, um espaço aberto às produções artísticas independentes, que naquele momento preparava a sua primeira mostra com o artista Michael Arms para setembro passado. Curiosamente, a temática das composições de Arms era baseada na criação de outros monstros, formados por peças de computadores e outros artefatos do mundo moderno, bastante diferentes do universo lírico e de traços *naifs* criado por Katsumata. Desse encontro, resultou a mostra "Ninguém X Romonstico".

Partindo de sua terra sem qualquer incentivo financeiro e contando com suas poucas economias para viajar pelo Brasil, Katsumata se moveu apenas pela vontade de conhecer o novo. Podemos dizer que o japonês incorporou o tal "espírito independente" do qual tanto buscamos entender e falar sobre – o que talvez seja apenas a tradução dos propósitos do homem em produzir arte.

Sempre atento ao que acontece em nosso país, Katsumata nos conta que primeiramente conheceu o Rio de Janeiro em busca de uma melhor compreensão do trabalho realizado pela organização AfroReggae, a qual havia pesquisado pela internet após ouvir sobre o trabalho da organização carioca que, surgida em 1993, busca estabelecer relação direta entre as necessidades do povo menos favorecido e a possibilidade de incentivo a criação e a produção dos mesmos pelas favelas do Rio de Janeiro. Foi até a favela Parada de Lucas, que ao lado de Vigário Geral, é um dos pontos onde o AfroReggae oferece seus cursos e lá conheceu um pouco mais dos projetos sociais desenvolvidos pelo grupo. Em contato com as crianças do lugar, Katsumata pode mostrar os seus trabalhos. As dificuldades com a língua (ele mal fala o inglês) não formaram barreiras que fossem intransponíveis e a interação foi automática. "Saí de lá muito feliz, realizado por ver os meninos desenhando meus monstros, produzindo máscaras e grafitando os meus monstros pelas paredes", contou o artista. O sorriso que é marca registrada de Katsumata aparece então pleno, traduzindo bem o que representou para ele esse contato com as crianças da favela. E assim, os desenhos do artista também ficaram gravados nas paredes de Vigário, Parada de Lucas e em outros lugares do Rio.

Hideyuki viajou também para outros países. Há dez anos esteve em Nova Iorque e Paris em busca de expor os seus trabalhos, numa iniciativa parecida com a que hoje o trouxe ao nosso país. Na cidade americana encontrou dificuldade em apresentar seus trabalhos. Para ele, os americanos são muito fechados e poucos querem saber das produções independentes, principalmente quando se trata de artistas estrangeiros. Essa falta de abertura para os seus trabalhos, infelizmente se dá onde ele sequer imaginaria. "Cobraram-me por volta de 700 dólares para fazer uma mostra numa galeria de artes de Tóquio apenas por uma semana. Somente consegui expor meus trabalhos num café onde meus desenhos ficaram por um mês, porém, visitados por um público reduzidissimo."

Já no primeiro contato com os cariocas percebeu que no Brasil a relação, não somente com o povo, mas também com galeristas e pessoas relacionadas com a arte contemporânea seria diferente. "O brasileiro é infinitamente diferente de outros povos. Vocês são abertos, dispostos, diferentemente dos outros que são frios e pouco receptivos." Na capital paulista, o artista japonês encontrou espaço aberto não somente para a sua mostra na Trezeta, mas também nas ruas da cidade. Também na região do ABC paulista, Katsumata grafitou nas paredes algumas de suas criações.

Para aqueles que não visitaram a mostra do artista que revela ter sido influenciado por nomes como Gauguin, Van Gogh, Matisse e Hieronnimus Bosh, fica o alento de saber que esse pretende voltar a São Paulo o mais breve possível, aproveitando contatos estabelecidos com galerias daqui. Oportunidade para entendermos melhor algo desse espírito que move não somente o homem e a produção da sua arte, mas também essas iniciativas incomuns nos tempos atuais, ligadas à liberdade e o desprendimento da alma.

Para saber mais

www.fotolog.com/hideyuki
www.fotolog.com/hideyuki_k
www.fotolog.com/hideyuki_kat
www.myspace.com/hideyuki_k
www.youtube.com/watch?v=nvJAg1pvpOs

The Eternals
internacional do pós

Por Arthur Dantas . Foto Damon Locks

O mais impressionante no álbum Heavy International (Submarine Records, 2007) do trio Eternals de Chicago, é a inversão de valores. Na chamada aldeia global idealizada por técnicos mil de *n* especializações diferentes, a tal música global ("eclética", "mestiça", "misturada") ganhou corações e mentes. Da crítica, do público, do business. De Manu Chao à Ozomatli, de Asian Dub Foundation à Nação Zumbi, todos alcançaram uma aceitação que diz muito sobre o atual estado sociopolíticocultural no raiar do século XXI: a miscigenação harmônica e rentável da produção cultural não alterou em nada o avanço do choque violento de civilizações. O trunfo de Heavy International - o ápice criativo de um processo de guerrilha cultural brilhantemente iniciado em seu predecessor, Rawar Style, é não buscar a harmonização. O choque é tomado como elemento criativo, o resultado é denso, a atmosfera é tensa. O caos do Planeta Favela (tomando expressão do urbanista Mike Davis) é filtrado e apimentado pelo viés da congregação de ritmos negros contemporâneos. E o confronto se dá dentro do que entendemos como punk - tomado aqui em seus elementos constituintes mais radicais e não-rentáveis.

O peso internacional aqui é ditado por uma conspiração de ritmos, como dancehall, ska, hip hop, música oriental, noise ambient, música latina (o urgente sopro latino sampleado em "The Mix Is So Bizarre" joga o ouvinte no olho do furacão), dub, funk, jazz... Mas no fim pouco importa, porque o resultado final é um universo único - o que dizer de uma canção como "Too Many People (Do The Wrong Thing)", onde o baixo sempre impressionante de Wayne Montana conduz a canção? É um bom exemplo de um grupo que não busca sombra e água fresca dentro de algum rótulo confortável.

Em Rawar Style havia hits certeiros de pista, como a virulenta "High Anxiety". No novo disco, ao contrário do que nos faz crer "The Mix Is So Bizarre", a dançante faixa de abertura, o álbum se contém em expandir os elementos de sua estética tão peculiar, mas não almeja frontalmente botar o ouvinte para dançar. Há uma contenção guiada por vocais desbragados (Damon Locks desde o Trenchmouth era um crooner fantástico, mas nunca havia cantado tão bem como em "Crime" ou "M.O.A.B" deste álbum) cuja faixa "Astra 3B" é exemplo cabal: camadas de efeitos conduzem um lirismo abstrato da letra em um clima de dub espacial.

As letras de Locks são quebra-cabeças, obtusas e evasivas , e, ainda que o vocalista tenha dito em entrevista que tenha quase um dever em manter a mensagem de pessoas que o influenciaram, como Public Enemy, Charlie Mingus e Dead Kennedys (um bom roteiro por si só para entender o The Eternals), prefere escrever de forma lúdica "sem gritar slogans" e complementa,

"porque se você der à alguém a resposta, não há nada mais sobre o que pensar".

Justamente por isso que tanto esteticamente quanto liricamente, o grupo se recusa a entregar fácil a música. Se comunicação é a chave, para tanto, necessita-se interação no diálogo. Não há espaço para relações frias e calculadas para compreender o universo do grupo.

As artes dos discos, sujas, cheias de elementos urbanos, remetem diretamente ao grafite e às pixações que digladiam com a confusão dos espaços urbanos das grandes metrópoles, almejando uma cartografia psíquica da terra arrasada, em uma relação simbiótica e confrontacional. É nessa dualidade, tensa, real e urgente, que reside a força do The Eternals. Certamente, não é arte para pessoas preguiçosas e acomodadas. Música pra quem não tá à-toa na vida. ‹

» Veja mais

www.myspace.com/eternalsthe
www.submarinerecords.net

» Discografia

Chapter and Verse . vinil 12"ep
Where Will We Live Now . vinil 12"ep
Thrill Jockey . 1999
The Eternals . lp/cd
Aesthetics / Desoto . 2000
Black Museum . lp . Aesthetics . 2002.
The Eternals/Hurtmold . Split cd
Submarine Records . 2003
Out of Proportion . cd/lp . Antifaz . 2004
Rawar Style . cd/lp . Aesthetics . 2004
Rawar Style . cd . Submarine Records . 2004
One Dozen Years . single 7" . GSL . 2005.
Hi Anxiety Remix . cd/lp . Aesthetics . 2005
Heavy International . cd/lp
Aesthetics . 2007
Heavy International . cd
Submarine Records . 2007

O quarteto gaúcho SOL se empenha, desde seu álbum de estréia, na concretização de um "Universo em Reencanto" (sim, uma certa irmandade gêmea-inimiga de Tim Maia), moldando um misticismo próprio e pagão, através de lirismo prosaico, repetição dissonante (mantras pós-modernos?) e catarse em abundância. Como toda experiência sagrada, a pré-disposição ao ritual em si é desejada. Daí surge o grande dilema/obstáculo no trabalho do grupo.

Se no primeiro álbum, a excessiva fragmentação - afinal, era uma colcha de retalhos a cobrir quatro anos bem confusos e díspares da banda - não permitia uma percepção por inteiro das intenções do grupo, no trabalho recente, A *Força* (Amplitude Discos, 2007), o que não falta é intenção e clareza de propósitos. E o único agravante a se constatar é o excesso de certos recursos estéticos que maculam o que poderia ser facilmente o disco de rock do ano no Brasil.

De certa forma, acaba por ser um registro bem fidedigno do trunfo e a falha, paradoxalmente, das apresentações ao vivo do SOL: buscando um tipo de experiência catártica rumo ao sagrado - impossível não citar a literatura de um Carlos Castañeda - o excesso de repetição guiado pelos riffs nem sempre certeiros de guitarra, ou agarram o público por completo (a faixa Tsunami é o exemplo cabal da eficiência do grupo) ou causam uma dispersão total. Em resumo: pecam pelo

SOL

TUDO QUE VOCÊ PODIA SER. OU NADA!

Por Arthur Dantas
Foto divulgação

excesso de apetite. A letra da canção (belíssima!) que dá título ao álbum resume o desafio lançado: "A força do seu coração pode mudar cada amanhã". Utopia romântica pura. Sente-se falta de uma mínima racionalização da experiência musical, tal qual realizado na literatura por um Fernando Pessoa em seus poemas místicos.

As letras, superlativas no trabalho recente e remetendo à uma certa poética mineira da MPB dos anos 1970 (sim, pense em Clube da Esquina) em conjunto com o belo trabalho visual do disco realçam o que de mais belo e singular há no grupo: uma cosmogonia particular, onde temas como esperança, amor, desejo, fé, o contemplar apaixonado do outro em oposição à fugacidade dos amores levianos, alma versus materialismo, um certo lirismo plácido e descomplicado como os poemas do conterrâneo Mário Quintana, se sobrepõem afim de reafirmar o sujeito guiado por sonhos como um vitorioso, sem nada a perder. Não faltam exemplos disso: **"Quem desdenha quer comprar, mas quem compra sabe que só tem"** (Chuva de Verdade) ou **"Os sonhos vem, esculpem-se as formas, os olhos brilham enquanto o coração queima!"** (novamente, A Força). Essa fé irresoluta na força interior encontra espelho completo em um dos versos mais bonitos do Clube da Esquina: "Tudo o que você podia ser, ou nada. Sem medo".

Musicalmente, alguns elementos permanecem em relação ao primeiro trabalho: um baterista irriquieto, frenético numa entrega um tanto desesperada para manter a música acesa, em estado de alerta; um trabalho de percussão tímido, sem grandes vôos criativos mas que preenche (se é que a bateria deixa espaço para isso) lacunas entre os momentos de cada canção, calcados à exaustão em repetição e catarse; um baixo limpo e perspicaz, criando a cama que dá o clima para todos os bons momentos do disco, pouco preocupada em criar contraponto de marcação ritmica; o teclado elevando o poder catártico na direção de algo criado pelo pós-rock de um Mogwai e a guitarra que joga tanto contra quanto a favor, seja na escolha quase desdenhosa de riffs fáceis ou nas notas soltas e repetitivas na eterna busca do grupo de envolver o ouvinte em uma aura particular.

São excessivas as comparações de críticos com certa experiência free jazzística de um Coltrane ou de um Ayler, para citar apenas dois exemplos de músicos que através do desvario e da catarse buscaram reafirmar experiências encantatórias e é evidente que esse tipo de música encontra ascendência sobre o trabalho do grupo. Mas é com os dois pés fincados no rock que o grupo joga. Inclusive pelo fato de não haver o apuro técnico necessário que ordenava a experiência transcendental desse estilo de jazz. Do indie lo-fi (dos tempos que o grupo ainda se chamava Screams Of Life) até o momento presente, onde aliam brasilidade afiada, postura jazzística e experiência lisérgica, o grupo já é uma realidade e uma boa aposta da música brasileira para o novo século, ainda que nem todo mundo seja receptivo à experiência evidenciada por sua música. SOL: ame-o ou deixe-o! ◂

▸▸ Discografia
A Força . 2007
No descompasso do transe
Retalhos do meu silêncio . 2005

▸▸ Para saber mais
www.myspace.com/soletango
www.amplitude.art.br

Eu Quero Essa Mulher Assim Mesmo

Por Arthur Dantas

Recém-lançado *Acaricia Meu Sonho* (Amauta Brasileira Editora) de Marcelo Barbão, conta a história de uma estrangeira que depois de décadas resolve voltar à Buenos Aires e fazer um acerto de contas mui particular com um grande amor de juventude: um candidato a escritor que se forma em tempo recorde como tradutor de francês e abandona a jovem em um quarto de pensão masculina. Eis o mote para o que pode se tornar rapidamente um clássico. Não é exagero: se tomarmos a acepção de clássico estabelecida por Ítalo Calvino em seu Por que Ler os Clássicos - a de obra que dá a sensação de inesgotabilidade, revelando sucessivas camadas a cada leitura, sempre retirando algo mais de lá - o livro de Barbão tem todos os predicados para tanto.

O escritor/personagem na realidade são três: o personagem propriamente dito, o escritor em outro país a escrever sobre um escritor e o leitor que, ao ler, projeta-se no livro e reescreve a história. A mulher narradora da história, é ela mesma (no mínimo) três mulheres diferentes: a jovem apaixonada, a mulher madura em busca de seu amor de juventude e a mulher que o leitor projeta, já que essa mulher-enigma nunca se mostra por inteiro. Há ainda a mulher que o escritor/personagem criou. Nada é o que parece ser; sonho, delírio e loucura se mesclam. Quem é essa mulher afinal? Ela existe? Seriam uma metáfora para a inspiração ou a loucura - ambos substantivos femininos? A forma como o autor delimita todas essas possíveis interpretações no romance é um dos pontos altos do livro.

E afinal: quem é o escritor/personagem do livro? Barbão, o autor do livro, diz que o personagem realmente existiu (é verdade, eu o descobri na última parte do livro!). Isso interessa no final? Ou melhor, isso responde à questão de quem seria o escritor (O personagem? O autor? O leitor?) neste quebra-cabeça literário?

Ainda que exista todos estes níveis de leituras, o livro é fluente e saboroso pela história em si. Se arriscar nesse labirinto é uma tarefa recompensatória. Romance intimista, suspense, drama... O leitor é colocado em suspenso, jogado em contato direto com as emoções da mulher/narradora. O que, por si só, é um mérito tremendo: a mulher da história, quase a projeção de um sonho (ou seriam vários sonhos?) é palpável, real, cheia de existência física - mesmo que na história ela ameace se dissipar no ar a qualquer instante.

Os personagens, prenhes de um certo espírito trágico e prosaico - típico dos tangos que nomeiam os capítulos - são dispostos em uma Buenos Aires amorosa e cheia de encantos e segredos a se desvendar.

A narradora diz que as sacadas dos pequenos - e volumosos - prédios do centro da cidade, estão o tempo todo a observá-la. É quase um chamado da cidade ao "Decifra-me ou devoro-te".

Os primeiros capítulos soam estranho ao tomar a obra como um todo. Há inclusive a repetição exaustiva de parágrafos encerrados com frases de efeito, o que passa a ser melhor dosado no restante do livro. A cadência dos capítulos também ganha maior importância e se impõe no decorrer de suas quase cem páginas. O certo é que ao final, poucos se lembrarão desse mal-estar inicial. Outro dado interessante é que trata-se de uma história derivativa, já que trabalha no campo de possibilidades aberto por um conto do autor portenho homenageado no livro, cujo nome é o mesmo da protagonista de *Acaricia Meu Sonho*, Circe.

Por fim, Barbão cria uma ode à Buenos Aires digna de um espírito apaixonado - paixão pela cidade estrangeira, pela escrita, pelo escritor/personagem do livro, pela narradora... O autor incorporou visceralmente aspectos constituintes da alma portenha e realizou certamente, um grande mistério literário para a literatura brasileira do início do século XXI. ◂

» Para saber mais

www.amautaeditorial.com
www.barbao.wikidot.com
www.cadernodeescritura.blogspot.com

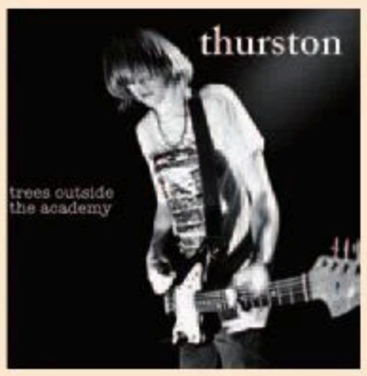
Lembro que [illegible] para não levar todo o [illegible]
com olhos sempre [illegible] o pequeno parque, agora,
[illegible] tomou conta da praça ...

+REVIEWS

Arbouretum . Rites of Uncovering

Thrill Jockey Records - 2007

Uma poética viagem sobrevoando um lugar sagrado, onde um riacho se transforma numa lagoa, a margem se amplia, o centro torna-se mais fundo e as águas mais calmas. Qualquer movimento na água, reverbera na lagoa, mas não afeta seu fluxo, sempre constante e pleno. Mas se mudarmos nossa perspectiva e olharmos para onde o sol brilha e a observamos de cima, das alturas, veremos o fundo da lagoa, o que está depositado em seu leito e percebemos que existem coisas enterradas, praticamente indistinguíveis, porém visíveis. Podemos conhecer sua história, os efeitos ocasionados pelos fatos que penetraram a superfície, as plantas que cresceram sobre um tronco de árvore que afundou e tudo o que mergulhou em suas águas profundas. Mas isso tudo, se você não ficar parado na borda, como de costume... *Por Alexandre Charro*

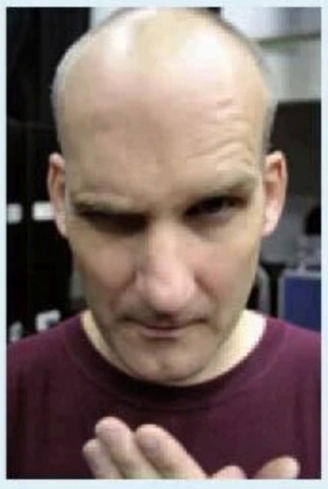


Thurston Moore . Trees Outside the Academy

Ecstatic Peace . 2007

De fato, o novo álbum de Thurston Moore cresce fora do "academicamente correto": como uma turma de amigos tocando num estúdio qualquer "um dia desses", com uma sintonia quase desconcertada, num orgânico "cada um com a sua viagem", entre violinos doces, guitarras (acústicas) distorcidas e vocais equilibrados. Lançado em setembro pela gravadora do próprio Thurston, Trees Outside the Academy não poderia causar outra sensação: foi gravado no estúdio do amigo e guitarrista convidado na belíssima faixa de abertura do disco, "Frozen Gtr", J. Mascis (Dinosaur Jr.), com o baterista e colega de banda Steve Shelley, e mixado por John Agnelo (responsável Rather Ripped, último álbum do Sonic Youth). As participações da violinista Samara Lubelski e de Christina Carter no backing vocal em "Honest James", são extremamente bem-sucedidas. Enfim, Trees Outside the Academy, remetendo aos incríveis Sonic Nurse e Rather Ripped, do Sonic Youth, é diferente e, ainda consegue surpreender. Emociona.

Observação: a última faixa "Thurston@13" fez-me rir da primeira vez - e ainda o faz! Parecia algum tipo de experimentação do grupo Fluxus. De repente, descobri que é o conteúdo de uma fita cassete que o Thurston gravou aos treze anos (início dos anos 1970), em que diz algo como "o que farei depois para seus ouvidos experimentarem?" e "e eu fico imaginando porque estou perdendo meu tempo fazendo isso." Pois é, adoramos sua perda de tempo! *Por Helena Sasseron*



Fodido e Xerocado . Daigo Oliva e Mateus Mondini

Augusta Edições . 2007

Fodido e Xerocado é um fanzine com tiragem limitadíssima de fotos da cena hardcore de São Paulo (retrata também grupos que passam pela cidade) que se tornou um livro homônimo. A iniciativa é inovadora no país, o resultado final é convidativo. O livro apresenta trabalhos de Daigo Oliva e Mateus Mondini. Ambos não têm um apuro clássico na arte fotográfica e isso acaba casando com o espírito do que retratam. A grande diferença entre ambos é que Daigo consegue ir um pouco adiante e extraindo momentos mais emblemáticos do que pulos fantásticos, tatuagens toscas, catarse juvenil e caras feias, de gente posando de má: seus retratos são expressivos e realiza um trabalho melhor com foco, enquadramentos. O retrato que ilustra a resenha (irmã de outro retrato presente no livro) dá a dimensão exata disso. O que é o trunfo e charme do livro - retratar com paixão o hardcore século XXI - é também seu grande defeito. Ainda que as imagens carreguem uma carga dramática, que paire uma certa energia em todas as fotos, o que essa geração comunica às pessoas? A quase total obscuridade de grande parte dos artistas retratados no livro, serve como reflexão para o atual estado do punk - que só vira assunto em noticiário criminal ou na MTV. Ao contrário do rap paulistano que congrega pessoas e permite uma infinidade de discussões, a cena hardcore de São Paulo se recolhe cada vez mais em um autismo cultural - o oposto, por exemplo, do hip hop ou do punk retratado por Glen Friedman. Reflexões à parte, o trabalho do livro vale como documento de uma geração, gerando exame crítico por parte dos jovens que dão suor pelo Faça Você Mesmo e por parte de quem lê. Altamente recomendado! *Por Arthur Dantas*

Brasil Custom Series 2

Nike SB . 2007

Essa é pros sneakerheads de plantão. A Nike SB acabou de colocar nas ruas a segunda edição da Brasil Custom Series. Se na primeira edição, lançada em 2006, a idéia foi de celebrar o esporte, nessa edição a idéia foi de celebrar a arte, em um segundo capítulo de uma trilogia que homenageará os 3 pilares da cultura do skate - skate, arte e música. Para isso, os três skatistas profissionais patrocinados pela marca – Cezar Gordo, Fabio Cristiano e Rodrigo Petersen – contaram com a ajuda de artistas escolhidos por eles, para criar uma arte e uma assinatura inspirada no "Pico dos Sonhos" de cada um.

E não pára por aí. Cada artista convidado criou uma arte de mais de 20 metros de comprimento de onde saíram os 480 pares de palmilha de cada modelo da edição limitada, ou seja, nenhuma palmilha é igual à outra. Não acredita? Então acesse www.picodossonhos.com.br e confira com seus próprios olhos. *Por Tiago Moraes*

Térreo

Open Field / Peligro . 2007

O projeto Hotel de Douglas Dickel (Blanched, input_output, Pelicano) é um trabalho vigoroso de como sessões de improviso roqueiro podem ser divertidas e interessantes. A vitalidade do álbum deixa bem clara o prazer desse tipo de evento para os músicos – aqui Marcelo Koch (Blanched), Renan Stiegemeier (Farveste, Pelicano) e Yury Hermuche (Firefriend). A jam foi gravada em 2006 e é o primeiro trabalho de uma série, cujo segundo volume já está gravado e pronto para sair. Ainda que a inspiração tenha sido a Desert Sessions de Josh Homme (Queens of the Stone Age), o resultado aqui é uma certa psicodelia filtrada por tratamento tipicamente guitar noise – seja pelos timbres dos instrumentos ou pela cozinha rítmica. As músicas calcadas em loops de bateria e guitarra, encontram variações no trabalho de guitarras, calcados em barulho e efeitos de guitarra mil. O release cita Acid Mother Temple. É justo. Mas acrescente aí grupos contemporâneos que adotam dinâmica similar a um Yo La Tengo. Trabalho que só um selo como a Open Field poderia lançar. *Por Arthur Dantas*

Revistas independentes brasileiras fomentam quadrinho autoral de qualidade

Se nos Estados Unidos ou na Europa, os quadrinhos em certos períodos foram vanguarda no campo das artes gráficas, renovando linguagens e criando tendências – pense, por exemplo, nos comix underground dos anos 1960/70 – no Brasil, História em Quadrinhos como linguagem nunca teve um grande destaque. Claro, há um Ziraldo e outros exemplos menos conhecidos de artistas dessa mídia que conseguiram capturar atenção de colegas de outras linguagens ligadas às artes gráficas. A existência de publicações como a Graffiti de Belo Horizonte e a Ragú de Recife, mostram que o gênero poderia facilmente escapar de seu nicho habitual, dada a qualidade de muitos quadrinistas com trabalho autoral no momento.

A Graffiti, publicação decana mantida por um núcleo duro registra um padrão de qualidade alto desde sempre. Dada às experimentações, publica(ou) trabalhos de artistas fantásticos como Luciano Irrthum, Piero Bagnariol, o sempre brilhante Lélis, o gaúcho Eloar Guazzelli (autor de um álbum fantástico recém-lançado pela mesma Graffiti), entre outros. No último número, há um suplemento sobre quadrinhos alternativos na Itália e a participação de artistas italianos – muito bons por sinal.

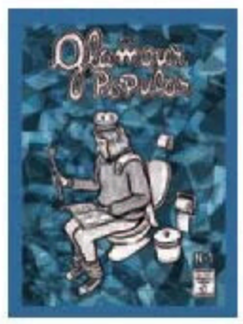
A Ragú, publicada em formato livro, vem surpreendendo por radicalizar a cada número, dando vazão à histórias mais livres e experimentais, o que pode ser uma boa pedida para os que não curtem quadrinhos mais convencionais, porque podem ter uma grata surpresa em relação às potencialidades do gênero. Publicando autores de todos os cantos do planeta, conta neste último número com trabalhos inspiradíssimos de Marco Carillo, João Lin e Mascaro (editores da revista), Jaca dentre outros. Há uma história fantástica (para variar...) de Fábio Zimbres e um texto seu sobre ilustração bem bacana. O grande destaque tanto na Graffiti quanto da Ragú é o artista Daniel Caballero – o maior talento que acompanhei dos últimos anos no país. Pode-se encontrar ambas as revistas em livrarias e lojas especializadas. *Por Archie Kent Fink*

+REVIEWS

Laertevisão . Coisas Que Não Esqueci

Laerte . Conrad Editora . 2007

Em um ano com tantos álbuns de artistas brasileiros legais, pode ser arriscado dizer isso, mas tudo leva a crer que o livro de memórias em quadrinhos de Laerte seja o melhor lançamento do ano! É curioso, inclusive, se comparado com o álbum da Devir que compila parte de suas histórias dos Piratas do Tietê (serão 3 álbuns ao todo). Do humor mais bagaceiro até o refinamento e humor mais cerebral de sua fase atual, Laerte definitivamente colocou seu nome dentre os maiores artistas gráficos da história do país - tem gente inclusive que arrisca dizer que ele seria um dos maiores pensadores da atualidade. Papo publicitário de lado, o livro Laertevisão é também, um retrato atento e profundo da relação de uma pessoa com os meios de comunicação do pais. Tudo tem importância na formação de Laerte: propaganda, rádio, revistinhas, TV e cinema. A belíssima edição realça todas as qualidades do artista, criando uma história pessoal da vida cotidiana dos últimos 40 anos do país. Fundamental. *Por Archie Kent Fink*



Zine Glamour Popular

Caeto . Independente

Glamour Popular (nome fantástico!) é o fanzine pessoal do Caeto, um dos fundadores do zine Sociedade Radioativa - verdadeira instituição da Zona Oeste paulistana. Os quadrinhos de Caeto foram se alinhando, com o tempo, ao trabalho autobiográfico do mestre das HQs underground, Robert Crumb. Porém, ele tem personalidade e talento suficiente para criar algo particular. Na realidade, ele parece ter o combustível necessário para fomentar esse tipo de trabalho: ótimas estórias pessoais e auto ironia afiada. É justamente o oposto do que rolava com os escritores brasileiros que no início deste século seguiam a trilha do escritor norte-americano Charles Bukowski; por melhor que escreva, o texto não convencerá se a vida da pessoa for ordinária.

Ainda que já no editorial o quadrinista caia na tentação de humor raso juvenil, quando começa a ler a história, a impressão ruim vai pro vinagre. Sua história chamada Memória de Elefante, trata, sobretudo, do perrengue financeiro e de suas artimanhas pra pagar o aluguel e as contas além, é claro, de tratar dos amores dele. Na história Metrô Paranóia Delirante, evocou o que de melhor há no trabalho do escritor Harvey Pekar - personagem do filme Anti-Herói Americano: tratar de forma plácida fatos corriqueiros da vida.

Ainda há a participação do quadrinista Daniel Paiva, conhecido por seu trabalho no fanzine carioca Tarja Preta com uma história muito engraçada definindo o que seria um "Alemão". *Por Archie Kent Fink*

Guitar Hero 3- Legends of Rock

Playstation 2 . 2007

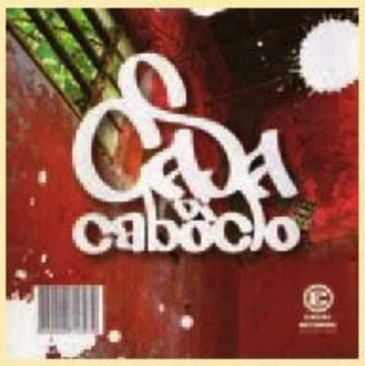
Sim, lá venho de novo comentar mais um jogo da série Guitar Hero, agora o 3. Está tudo lá: os personagens, as guitarras, as músicas legais e as músicas bônus. Mas o terceiro jogo tem novidades, como o novo design da tela, outros personagens, outra guitarras, você agora pode jogar o career mode em modo cooperativo, jogar online e a parte mais legal é que você tem agora o "guitar battle" onde você tem que fazer um duelo de guitarra com guitarristas celebridades como Slash do Guns n' Roses e o Tom Morello do Rage Against the Machine - depois que você ganhar deles você pode jogar com eles).

Nesse momento você pergunta: e as músicas? (porque é isso que importa no jogo né?). Tá tudo lá, de Rolling Stones, passando por Beastie Boys, Pearl Jam, Weezer, Sonic Youth, Alice Cooper, Sex Pistols, Living Colour, Slayer, Tenacious D (banda do ator Jack Black), Strokes e até Metallica!! Você se empolga com todas as músicas, e ainda se você possuir uma guitarra, você vai ficar lá por horas, mas se tiver o controle normal também vai perder um bom tempo se divertindo.

No começo estranha-se a mudança do jogo, porque ele agora tem uma história, a banda começa como uma banda de garagem e termina fazendo show no inferno. Quanto ao modo online, onde você pode participar de torneios tocando com ou contra o mundo todo. Nesta versão você pode mudar as cores e as roupas dos personagens. Nas guitarras, uma grande coleção, entre famosas e estranhas para escolher. Os vídeos que você pode comprar pra ver como foi feito o jogo, e algumas músicas bônus (entre elas uma do Stone Roses!) fazem parte dos extras.

O GH3 mudou todo por causa de um outro jogo de música chamado Rock Band que vai ser lançado em alguns meses (nesse você tem que ter o joystick em forma de bateria, microfone. Mas aí eu já acho melhor montar uma banda). E ele está bem mais legal que o Guitar Hero anos 80. Provavelmente você está falando "pô, não aguento mais esses jogos de música!" Mas você continua jogando Winning Eleven que não muda nunca...

Para todas as plataformas: PC,PS2,PS3,WII e XBOX360 e em breve para MAC. *Por Breno Tamura*



Casa Di Caboclo . Casa Di Caboclo

Casa1 Records . 2007

Álbum de estréia do coletivo musical fundado pelo MC Crespo e que acaba de ganhar as ruas pelo selo Casa 1 Records. O disco é mais uma produção de Léo Cunha que conseguiu traduzir o universo e a raíz do MC Crespo em beats fortes e criativos. Para fortalecer ainda mais a obra, há ótimos samplers e colagens de nomes como Chico Buarque, Jorge Ben, João Nogueira, Thelonious Monk, Fela Kuti entre muitos outros. Crespo é um autêntico filho de bamba: seu pai, o compositor Barbosa, é autor de diversos sambas famosos com destaque para o clássico "Embaixada de Sonho e de Bamba" da Mocidade Alegre (samba vencedor do carnaval de 1980 e eleito em 2000 o melhor samba-enredo paulista do Séc.XX). Desde moleque conviveu com bambas do calibre de Noite Ilustrada, Geraldo Filme, Isaías do Bandolin, Bráulio de Castro e Nando Cordel entre outros. A malandragem que aprendeu com o samba, o jovem MC consegue transportar para o rap de maneira natural e positiva, e apesar da pouca idade, mostra-se bem à vontade com o microfone na mão. O comando das pick ups e scratchs ficaram na responsa do DJ Cris, e o disco conta ainda com a participação especial do MC Max B.O, na faixa que leva o nome do grupo. É som pra vagabundo, é som de vagabundo! ◂ *Por Tiago Moraes*

Nothing but the Truth . A Skateboard Film

Nike SB . Lionel Goldstein . 2007

NBTT não é apenas mais um vídeo de skate, daqueles cheios de manobras insanas e boa trilha sonora, na maioria das vezes escolhida por cada um dos skatistas. Dirigido por Lionel Godstein, pseudônimo da dupla de diretores belgas Koen Mortier e Joe Vanhoutterghem - famosa mundialmente por seus comerciais insanamente cômicos - o filme vai além, convidando os skatistas da marca a contar histórias sobre eles mesmos. Intercalando histórias cômicas e situações bizarras com partes de skate de altíssimo nível por skatistas como Reese Forbes, Daniel Shimizu, Chet Childress, Omar Salazar e Paul Rodriguez, somado a uma ótima trilha sonora feita por Mark Mothersbaugh do DEVO, o filme já é um clássico instantâneo ao lado de pérolas do skate como The Search for Animal Chin, Streets of Fire e Video Days. Não poderia deixar de comentar também a ótima participação da equipe brasileira da Nike SB formada por Fabio Cristiano, Cezar Gordo e Rodrigo Petersen que representaram muito bem o skate nacional. E fique ligado porque em Dezembro a Nike SB em parceria com a revista CemporcentoSKATE vai lançar o filme nas bancas em DVD a um preço pra lá de popular. ◂ *Por Tiago Moraes*

Medo e Delírio em Las Vegas

Hunter S. Thompson
Conrad Editora . 2007

"(...) Os limites entre loucura e masoquismo já estavam indefinidos; estava na hora de retroceder... recuar, cair fora, sumir e, digamos assim, 'faltar com o dever'(pág.89)". Quando Hunter S. Thompson descreve a situação em que se encontrava em Las Vegas, acompanhado de seu advogado samoano junkie, acaba sintetizando o próprio desespero de quem havia passado pelos livres e promissores anos 1960 e chegado ao desesperado e agonizante anos 1970 (o livro foi lançado em 71). "(...) San Francisco na metade dos anos 60 era um lugar muito especial para estar, em um tempo muito especial para viver. Talvez tenha significado algo. Talvez não, no fim das contas...(pág.73)." A impressão é que o "Doutor em (gonzo) jornalismo" encontrou uma resposta terrível nesse acerto de contas de uma geração: encontrou o Sonho Americano nos cassinos caipiras e rednecks da América profunda. Tudo pode não ter passado de uma tremenda viagem errada lisérgica (a quantidade de drogas consumida no livro é emblemática de um hedonismo desenfreado e nunca saciado tipicamente yuppie dos anos 80), mas a reportagem fala tanto da desesperança do momento quanto cala forte na mente de quem o lê hoje, sem dúvida. O filme homônimo de Terry Gilliam acentuou a insanidade do livro na adaptação para o cinema, pesando nas cores e na paranóia de Thompson. Porém, não conseguiu carregar as inigualáveis reflexões e sacadas do autor sobre a sociedade, a juventude, a cultura e os vicios de uma geração. Há inclusive uma lição aos jornalistas de hoje nas últimas páginas: "... Por que se dar ao trabalho de ler jornais, se isso é tudo que tem a oferecer? A imprensa é uma gangue de covardes impiedosos. Jornalismo não é uma profissão, não é nem mesmo um ofício. É uma saída barata para vagabundos e desajustados - uma porta falsa que leva à parte dos fundos da vida, um buraquinho imundo e cheio de mijo, fechado com tábuas pelo inspetor de segurança, mas fundo o bastante para comportar um bêbado deitado que fica olhando para a calçada se masturbando como um chimpanzé numa jaula de zoológico (pág. 209)." Se o veredito é bom ou ruim, fica a cargo de quem a lê. Atenção também às delirantes ilustrações de Ralph Steadman. ◂ *Por Arthur Dantas*

+ESPECIAL

MELHOR DE 2007

Well, well, well, o velho demônio das listinhas! Desde o lançamento do livro "Alta Fidelidade" – e em escala maior, de seu filme homônimo estrelado por John Cusack – de Nick Hornby, listas, seja lá qual for o foco, se tornaram uma praga universal. Com a internet, o que era febre se tornou epidemia incontrolável.

Para não ficar fora desse oba-oba, convocamos os colaboradores das edições de 2007 da +Soma para fazer listinhas de 5 Melhores do ano, cada qual escolhendo um foco: discos, músicas, livros, filmes etc. Claro que brasileiro é azeitado e teve gente que deu um "jeitinho" criando categorias mistas.

E pode aguardar: no final de 2008 estaremos aqui novamente, torcendo para um top 5 de 30, 50, 100 colaboradores!

Melhores . Alexandre Vianna

Filme . Minha alma sobre rodas .
Biano Bianchin . por Anderson Tuca
Livro . Keep your Eyes Open .
Fugazi . Glen.E. Friedman
Disco . Beyond . Dinosaur Jr.
Disco . Wincing the Night Away . The Shins
Disco . We Were Dead Before the Ship Even Sank . Modest Mouse

Melhores discos . Arthur Dantas

Solo Willisau . Anthony Braxton
Mirrored . Battles
Heavy International . Eternals
Graduation . Kanye West
Hulgizey . Mohhamed Jimmy Mohhamed

Melhores jogos . Breno Tamura

God of War II . Playstation 2
Guitar Hero III . Playstation 2
Metal Gear: Portable ops Plus . Playstation 2
Spider-Man: Friend or Foe . Playstation 2
Syphon Filter: Logan's Shadow . Playstation 2

Melhores vídeos / YouTube . Cauê Ueda

Liars .
Plaster casts of everything . Patrick Daughters
The Shins . Australia . Matt McCormick
Jape . Floating . M&E e D.A.D.D.Y.
Pinback .
From Nothing to Nowhere . Joshua Nichols
Killswitch Engage .
Holy Diver . Brian Thompson

Melhores discos . Daigo Oliva

New American Century . B.U.S.H.
São Paulo . B.U.S.H.
Beyond . Dinosaur Jr.
Escaping Amman . Red Dons
Split . Arma Laranja/Besta Fera

Melhores artistas . Dea Lellis

Blu
San
Josh Keyes
Kurru
Sesper

Melhores músicas . Fernanda Masini

Lightning Bulb . Beyond . Dinosaur Jr.
Woman and Man . La Cucaracha . Ween
Crime . Heavy International . Eternals
The Mountain . White Chalk . PJ Harvey
I´m designer . Era Vulgaris . Queen of Stone Age

Melhores . Flavio Samelo

Conheci **Barcelona**
Comprar **discos no RJ**
Surfei
Videos **Dadá**
Carreira Solo

Melhores . Fran Sperb

Mudar para um templo budista em construção. Descobrir que morar num meio-beliche, com o MacBook e meia-dúzia de roupas, **para fazer o dharma é ter tudo.**
Ajudar o retiro de prática de 100.000 Tsogs no **Templo Odsal Ling**
Disco . Ngondro . ensinamentos de Dzongsar Khyentse Rinpoche
Livros . The Joy of Living .
Yongey Mingyur Rinpoche

Melhores . Gustavo Mini

Disco . The Good The Bad and The Queen
Espaço/Galeria . Subterrânea
Filme . O Hospedeiro
Metaverso da LindenLabs . Second Life
Blog . Autoloniers.blogspot.com

Melhores músicas . Helena Sasseron

The Shape Is In A Trance .
Trees Outside The Academy . Thurston Moore
Barnes . Autumn Of The Seraphs . Pinback
Lay Your Head Down . Keren Ann . Keren Ann
Past in Present . The Reminder . Feist
Heart It Races .
Places Like This . Architecture in Helsinki

Melhores . Janaina Felix

Show . Wilco no Milennium Park
Série . Desperate Housewives
Filme . Tropa de Elite
Disco . Beyond . Dinosaur jr
Vídeo do youtube . Calaiooo, é Fistaile!

Melhores . Jordana Viotto

Exposição . Limiar . Bugre e Feik
Livro . O Triste Fim do Pequeno Menino-Ostra e Outras Histórias . Tim Burton
Exposição . Rockers . 270 fotos de Bob Gruen
Livro . Como me Tornei Estúpido . Companhia Estúpida
Disco . In Rainbows . Radiohead

Melhores discos . Luciano Valério

Kiko Dinucci e AfroMacarronico . EP
Conta . M.Takara
Hurtmold . Hurtmold
Reflector . Antelope
From the river to the ocean . Fred Anderson & Hamid Drake

Melhores discos . Marcelo Fusco

Academia da Berlinda . "s/t"
Bodes & Elefantes . Bodes & Elefantes
Satanique Samba Trio . Sangrou
The Eternals . Heavy international
Tilda Flipers

Melhores discos . Milo

New Moon . Elliott Smith
Autumn of Seraphs . Pinback
Living with the Living . Ted Leo and Pharmacists
The Fragile Army . The Polyphonic Spree
Ga Ga Ga Ga Ga . Spoon

Melhores discos . Mateus Potumati

In Rainbows . Radiohead
American Gangster . Jay-z
Trees Outside the Academy . Thurston Moore
Graduation . Kanye West
Dystopia . Midnight Juggernauts

Melhores . Mottilla

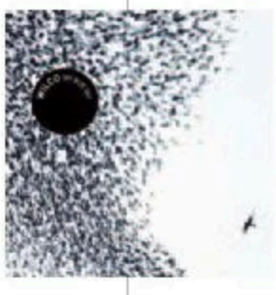
Exposição . Urban Art
TV . Programa Aparelhagem
Revista . +SOMA
Vídeo-documentário . Sangue e Suor-021 vol. 2
Cenário do AfroReggae no Fashion Week . por Rafo Castro

Melhores filmes . Phil Rosseto

Império dos Sonhos . David Lynch
Scott Walker . The 30th Century Man . Stephen Kijak
Últimos Dias . Gus Van Sant
Lady Vingança . Park Chan-Wook
Via Láctea . Lina Chamie ...

Melhores discos . Renato Silva

Academia da Berlinda . Academia da Berlinda
Hurtmold . Hurtmold
Live at the Filmore East March 6 & 7 . Neil Young & Crazy Horse
The Destroyed Room: B-sides and Rarities . Sonic Youth
Sky Blue Sky . Wilco



Melhores discos . Sávio Vilela

Mirrored . Battles
São Paulo 12" EP . B.U.S.H.
Heavy International . The Eternals
Conqueror . Jesu
Objeto Perdida EP . Macaco Bong

Melhores discos . Tiago Moraes

The 8 Diagrams . Wu-Tang Clan
Autumn of the Seraphs . Pinback
Brand New By Tomorrow . Money Mark
Living With The Living . Ted Leo & The Pharmacists
We Were Dead Before The Ship Even Sank . Modest Mouse

Melhores discos . Tiago Nicolas

Graduation . Kanye West
We Are All From Somewhere . Exploding Star Orchestra
Security . Antibalas
I´ll Sleep When You Are Dead . EL-P
Hurtmold . Hurtmold

Melhores discos . Zico Farina

Sound of Silver . LCD Soundsystem
Neon Bible . Arcade Fire
Boxer . The National
Sky Blue Sky . Wilco
Young Galaxy . Young Galaxy

Por Gustavo Mini . Foto Mariana de Luca / Projeto Bahqteto de Léo Lage

▸▸ Gustavo Mini é editor do blog Conector
www.conector.blogspot.com

horas por dia e tentar se aprofundar em tudo; você pode trocar o prazer da absorção de informação pelo da classificação (muito embora "keeping things clean doesn't change anything", segundo Jeff Tweedy no último álbum do Wilco); ou você pode deixar cair.

Deixar cair foi um dos melhores conselhos que eu já recebi. Me lembrou um pouco uma história de anos atrás, contada pelo Lama Padma Samtem, onde ele dizia que levamos nossa vida como aqueles equilibristas de pratos, sempre tentando não deixar as coisas caírem, sempre adicionando mais e mais pratos girando. Não sei se o "deixar cair" que me falaram foi utilizado no contexto dos pratos. Mas me pareceu adequado conectar o conselho à história e me lembrar que, de fato, não é possível segurar dezenas de pratos girando para o resto da vida indefinidamente. A menos que seu objetivo de vida seja ficar equilibrando pratos. O que não me parece uma boa idéia - que me desculpem os equilibristas

Há dois anos o conceito de "life hacking" vem ganhando popularidade entre pessoas que querem ser mais produtivas nas suas atividades diárias pra girar mais pratos em menos tempo e arrumar intervalos para não fazer nada. O termo vem do jornalista de tecnologia inglês Danny O'Brien, que pescou o conceito dos atalhos de rotina criados por programadores e recontextualizou a parada estabelecendo quase um estilo de vida para aqueles que buscam diligentemente formas mais inteligentes e eficientes de executar suas tarefas do dia-a-dia. Os defensores do "life hacking" destacam que a idéia não tem a ver apenas com produtividade profissional, mas principalmente com liberar a mente e abrir tempo no dia-a-dia para curtir mais a vida.

É um ponto interessante mas, ao mesmo tempo, fácil imaginar que muita gente acaba preenchendo muito da sua agenda com dicas, estudos, técnicas e práticas de... life hacking. Sei disso porque sou meio obcecado por organização e há algumas semanas comecei a pesquisar sites de life hacking em busca de uma ferramenta para organizar minhas atividades. Em poucos dias eu estava totalmente imerso nas técnicas, arrumando MAIS uma coisa para fazer: desenvolver um sistema, conhecer os recursos, as principais obras etc, etc, etc. E chegou o momento de "deixar cair" a obsessão. Até porque eu meio que me assustei com os gurus de life hacking: se até água demais não faz bem, produtividade demais também deve ter lá seus efeitos colaterais.

"Deixar cair" não é pra qualquer um. Há pessoas com vidas mais equilibradas. Há atividades que precisam ser levadas a cabo e que não se pode "deixar cair" sob pena de atrapalhar a vida de outrém. Há os relapsos que deixam tudo cair e se tornam um estorvo. Na verdade, "deixar cair", parafraseando uma entrevista do Gilberto Dimenstein, é como as estrelas: você pode até não alcançá-las, mas elas servem perfeitamente para navegação. ◂

Você já experimentou aquela esquisita sensação de que a sua cabeça está parecendo um engarrafamento em São Paulo? Ou um HD com a memória absolutamente cheia, travando os programas? Ou ainda, um jornal de domingo, obeso, com cadernos inúteis e folhas transbordando?

Não vou fingir que eu sou uma revista semanal e apelar pra números e pesquisas. É desnecessário ser cientista pra perceber que hoje se vende nos camelôs dez álbuns em um único CD-R, assistir um filme em casa agora inclui junto making of e extras, a quantidade de canais de televisão vem aumentando a cada ano e a câmera digital tira muito mais fotos do que costumava tirar e não vamos nem entrar na internet e no celular.

Existem diversas saídas possíveis para a mente não se perder nessa nuvem de gafanhotos: você pode se tornar um autista cultural, meio chapadão, que fica fechado no seu mundo e não deixa muita coisa entrar; você pode virar um consumidor ávido, compulsivo e superficial; você pode passar a dormir apenas 2

TODA BALADA É ASSIM...

...NÃO LEMBRO DE NADA...

... OU QUASE NADA.

DE BRENO TAMURA

DIAS de um FANTASMA SUICIDA Ep. 3

TRILHA SONORA:
RADIOHEAD- IDIOTEQUE

OK, VAMOS RECAPITULAR,
PRIMEIRO EU LIGUEI PARA UM AMIGO MEU VER SE ELE QUERIA IR NAQUELA BALADA, MAS...

PUTZ,
HOJE NÃO VAI DAR,
TENHO COISA MAIS IMPORTANTE PARA FAZER...
FICA PRA AMANHÃ.

CHEGUEI LÁ SOZINHO
E A FILA TAVA FODA...

...ACHO QUE UNS 100 KILOMETROS

ENTÃO CHEGOU UMA MINA ATRÁS DE MIM QUE NÃO PARAVA DE FALAR...

...ELA FALOU DO TRABALHO,
DO EX, DA FAMÍLIA, DA VIAGEM...

...ATÉ ELA FALAR QUE ESTAVA SEM CALCINHA...

...AI EU COMECEI A OUVIR ELA.

QUANDO EU ENTREI NA BALADA FODEU...

...PELA DOR NO PÉ, DANCEI.
PELO GOSTO NA BOCA,
FOI UMA GARRAFA
DE VODKA NO MÍNIMO.

E PELO CHEIRO QUE EU ESTOU,
VOMITEI OU VOMITARAM EM MIM.

ACHO QUE EU TIREI FOTO
PRO FOTOLOG DELA

TENHO UMA LEVE IMPRESSÃO
QUE ELA ME LEVOU PRO BANHEIRO...

TOK TOK TOK

...ACHO.

DEPOIS DISSO , SÓ FLASHES ...

NÃO LEMBRO DE
TER PERGUNTADO
O NOME DELA...

BOM, SEMANA QUE VEM TEM MAIS...

+ENDEREÇOS

Amauta Brasileira Edições .
www.amautaeditorial.com

Amplitude Discos .
www.amplitude.art.br

Augusta Edições .
www.cospefogo.com

Brechó Minha Avó Tinha .
Rua Dr. Franco da Rocha . 74 .
Perdizes . São Paulo . SP
11 3865 1759

Casa1 Records .
www.casa1.com.br

Casa Belfiori .
Rua Brigadeiro Galvão . 871 .
Barra Funda . São Paulo . SP
11 3666 8971
www.cbbar.com.br

Cia de Foto .
Rua Amaro Cavalheiro . 316/318 .
Pinheiros . São Paulo . SP
11 3034 6269
www.ciadefoto.com.br

Coca-cola Clothing .
www.cocacola.com.br

Colcci .
www.colcci.com.br

Conrad Editora .
Rua Simão Dias da Fonseca . 93 .
Cambuci . São Paulo . SP
11 3346 6088
www.conradeditora.com.br

Dischord Records .
www.dischord.com

Do Estilista .
Rua Bruxelas . 169 . Sumaré
São Paulo . SP
11 3862 4097
www.doestilista.com.br

Ecstatic Peace .
www.ecstaticpeace.com

Electrical Audio Studios .
www.electrical.com

Element .
Billabong . Shopping Morumbi .
Avenida Roque Petroni Jr . 1089 .
São Paulo . SP
11 5189 4688

Eletrocooperativa .
www.eletrocooperativa.org

Estúdio El Rocha .
www.myspace.com/estudioelrocha

Galeria Anno Domini .
www.galleryad.com

Galeria Vermelho .
Rua Minas Gerais . 350 . Higienópolis .
São Paulo . SP
11 3257 2033
www.galeriavermelho.com.br

Instituto .
www2.uol.com.br/instituto/

Krooked Skateboard .
www.krookedskateboarding.com

Mad Soul .
Rua Professor João Brito . 75 . Itaim
São Paulo . SP
11 3045-2977
www.madsoul.com.br

Maria Bonita Extra .
Rua Oscar Freire . 705
Cerqueira César . São Paulo . SP
11 3063-3609
www.mariabonitaextra.com.br

Maze Skateshop .
Rua Augusta 2077 . loja 16 .
Jardins . São Paulo . SP
11 3060-8617
www.mazeskateshop.com.br

Neon .
Rua Baronesa de Itu . 42
Santa Cecília . São Paulo . SP
11 3828 1920
www.neonbrazil.com.br

Nike
www.nike.com

Nike SB
www.picodossonhos.com.br

Open Field .
www.openfield.org

Playstation .
www.playstation.com.br

Red Nose / Vibe .
14 3413-1748
www.rednose.com.br

Roxy .
11 3366-9280
www.roxy.com

Submarine Records .
11 7638 9646
www.submarinerecords.net

Peligro Discos .
www.peligro.com.br

Plastik .
Rua Dr. Melo Alves . 459 .
Cerqueira César . São Paulo . SP
11 3081 2056
www.plastiksp.com.br

Real Skateboard .
www.dlxsf.com

ROJO Artspace .
www.rojo-magazine.com/artspace

ROJO Artspace . São Paulo .
POP . Rua Virgílio de Carvalho Pinto .
297 . Pinheiros . São Paulo . SP
11 3487 1677
www.rojo-magazine.com/sp

Sala Cega .
Trezeta . Rua Augusta. 2203 .
Cerqueira César . São Paulo . SP
11 3081 2270

Submarine Records .
www.submarinerecords.net

Thrill Jockey Records .
www.thrilljockey.com

Vans .
Rua Augusta . 2716 .
Jardins . São Paulo . SP
11 3061 5258
www.vansbrasil.com.br

Volcom .
Alamenda Lorena . 1835 .
Jardins . São Paulo . SP
11 3083 1883
info@surfco.com.br

VR .
Rua Oscar Freire . 697 .
Jardins . São Paulo . SP
www.vrmrswear.com.br

V-Rom .
Alameda Lorena . 1922 .
Jardins . São Paulo . SP
11 3063 5823
www.vrom.com.br

BRASIL CUSTOM SERIES 02 . PICO DOS SONHOS

RODRIGO PETERSEN POR RIMON GUIMARÃES (RIM)

PARES ÚNICOS E NUMERADOS . ENCONTRE O SEU PEDAÇO DO PICO DOS SONHOS EM WWW.PICODOSSONHOS.COM.BR
MAIS UMA EDIÇÃO LIMITADA NIKE SB

NIKE SB

VERSÕES E SUBVERSÕES

Fiquem ligados, à partir do dia 10/12 nas lojas Artwalk a série limitada da Nike "Vynilheads: Loucos por Vinil". Saiba mais em maissoma.com